

DR. EUGÈNE OSTY



**UMA FACULDADE DE CONHECIMENTO
SUPRANORMAL**



PASCAL FORTUNY



EUGÈNE OSTY - PASCAL FORTHUNY UMA FACULDADE DE CONHECIMENTO SUPRANORMAL

Lançamento original em francês:

EUGÈNE OSTY – PASCAL FORTHUNY UNE FACULTÉ DE CONNAISSANCE SUPRA-NORMALE

LIBRAIRE FÉLIX ALCAN

108, BOULEVARD SAINT-GERMAIN

1926, PARIS.

Versão Espanhola:

EUGÈNE OSTY – PASCAL FORTHUNY UNA FACULTAD DE CONOCIMIENTO SUPRANORMAL

Tradução: Remée de Hernández

Editor: M. Aguilar

Marquês de Urquijo, 39

Madrid, 1926.

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2023

Distribuição gratuita:

[Blog WGarcia](#)

[Autores Espíritas Clássicos](#)

[Portal Luz Espírita](#)

DR. EUGÈNE OSTY

Diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris

PASCAL FORTHUNY

**UMA FACULDADE DE CONHECIMENTO
SUPRANORMAL**

**LIBRAIRE FÉLIX ALCAN
108, BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 108
1926, PARIS.**



Dr. Eugène Osty (1874 - 1938)

DR. EUGÈNE OSTY (1874 - 1938)

Ele nasceu em Paris em 16 de maio de 1874. Após brilhantes estudos médicos, ele abriu uma clínica médica na antiga província francesa de Berry por motivos familiares em 1900.

O Dr. Eugène Osty começou o seu interesse pela paranormalidade em 1909 quando uma cartomante lhe deu uma leitura incrivelmente precisa. No ano seguinte ele começou a sua investigação sobre o que ele chamou “Metapsíquica” e resumiu as suas pesquisas em 1913 na sua obra *Lucidité et Intuition* (1913).

Em 1921, depois da primeira guerra, ele se instalou em Paris.

O Dr. Gustave Geley convidou a participar do I.M.I. aonde colaborou ativamente com outros pesquisadores espíritas, incluindo o ilustre fisiologista Charles Richet e o astrônomo Camille Flammarion.

Com a morte do Dr. Gustave Geley que era o seu amigo, Charles Richet lhe pediu para suceder como Diretor do I.M.I.

Se tornou diretor do I.M.I. (Instituto de Metapsíquica Internacional) entre os anos de (1924 - 1938). Osty assim permanecerá até sua morte em 1938.

O Dr. Eugène Osty abandonou a atividade de médico, dedicando-se inteiramente ao I.M.I. e estudando assuntos muito diversos no campo da mediunidade.

Ele organiza, supervisiona e supervisiona a experimentação, com os médiuns Jean Guzik, depois com Rudi Schneider, Mme Bourniquel (Lucie Albertine Gleyses) e Stanislawa P. Ele também organiza sessões durante anos com os médiuns Pascal Fortuny e Jeanne Laplace.

O Dr. Osty e o seu filho, Marcel, são os primeiros a determinar as características da mediunidade, a seguir as suas manifestações e variações. Seu trabalho está registrado em um panfleto publicado em 1932, Les Pouvoirs inconnus de l'esprit sur la matière.

Em seus trabalhos de pesquisas no campo experimental da fenomenologia espírita, ele declarou, em sua obra "La Connaissance Supranormale", o seguinte:

"Impõe-se a evidência de que estamos diante de um foco dínamo-psíquico, donde emanam manifestações de ilimitado poder. Além do consciente, encontra-se a propriedade de transformar a matéria viva, de torná-la amorfa, de exteriorizá-la e de fazer dela novas formas vivas. Além do consciente, encontra-se a propriedade de perceber o imperceptível, de conhecer o ignorado. Desconhecem-se, ainda, limitadamente, no fundo do ser humano, os atributos de que os filósofos ornaram o conceito divino - potência criadora, fora do tempo e do espaço. E ninguém está autorizado a presumir o que a investigação precisa, metódica, progressiva, poderá ainda descobrir."

Como se vê, o Dr. Osty foi um dos que mais se preocuparam com as pesquisas dos fenômenos espíritos abordando-os sob o aspecto puramente científico.

Publicações do Dr. Eugène Osty: Lucidité et Intuition (1913), Le Sens de la Vie humaine (1919), La Connaissance Supranormale (1925), Une Faculté de Connaissance Supra-Normale Pascal Forthuny (1926), Les Pouvoirs Inconnus de l'Esprit sur la Matière (1932).

Institut Métapsychique International



PASCAL FORTHUNY (1872 - 1962)

Pascal Forthuny foi um filologista, e um grande romancista francês. Era médium e possuía diversas faculdades como: clarividente, psicógrafo e faculdades latentes de psicomетria.

O desenvolvimento dos fenômenos da escrita automática ocorreu um ano após a trágica morte do seu filho Frédéric no começo do ano de 1920: em uma tarde de julho, enquanto trabalhava em um romance, sozinho em seu escritório, e a sua mão de repente deixou de obedecer ao impulso consciente e começou a traçar sinais no papel: primeiro são paus, círculos, figuras sem forma, depois letras e palavras.

Esse fenômeno se repete nos dias seguintes; dir-se-ia que a mão de Pascal Forthuny é movida por uma força estranha que às vezes a impulsiona a uma velocidade vertiginosa e a faz cobrir folhas e folhas de escrita de cabeça para baixo, que devem serem lidas.

Pascal Forthuny comunica-se, através da escrita automática, com duas personalidades que se apresentam a ele, uma como o espírito de seu filho, o jovem aviador falecido em Galatz um ano antes; o outro como o clássico “guia” encontrado em todas as manifestações espíritas. (1)

Conforme narrativa de Pascal Forthuny:

— *Não pensei que me deixei enganar pela minha imaginação de romancista... Não é um romance que pensei estar vivendo, mas uma realidade que se impôs a mim, sem que eu tivesse feito nada para provocar as suas manifestações. Eu não era espírita, não acreditava na sobrevivência da alma, quando o espírito de meu filho se comunicou comigo por meio da psicografia e que me revelou fatos que eu desconhecia totalmente e dos qual só ele poderia ter conhecido. Foi assim que ele me deu, sobre as circunstâncias da queda do avião, detalhes que me foram ocultados quando soube da morte de meu filho. Desde então, verifiquei esta informação pelo testemunho dos oficiais romenos que testemunharam o acidente: eles ficaram surpresos com minha precisão.*

Pascal Forthuny esteve junto ao movimento espírita francês. E começou escrevendo diversos artigos na revista espírita com o pseudônimo (Cassiopée) nas crônicas estrangeiras. Possuía um conhecimento profundo de várias línguas (Filologista) e foi nomeado como editor da revista espírita, que estava sobre a direção máxima de Jean Meyer na reconstrução do grande movimento espírita mundial.

Trabalhava na revista espírita com colaboradores eminentes: Camille Flammarion, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Léon Chevreuil, Jules Dubay, André Ripert, Jules Gaillard, Henri Azam, Alfred Bénézech, General Abaut, Louis Gastin etc.

Em abril de 1924, foi nomeado secretário-geral da Union Spirite Française e dava sessões regulares de clarividência na Maison des Spirites. (2)

Forthuny era conhecido por realizar testes de "cadeira vazia". Este tipo de experimento foi originalmente idealizado por Eugéne Osty no Institut Métapsychique International e conduzido com Forthuny em abril de 1926. Foi mostrada a Forthuny uma cadeira vazia marcada na sala de conferências. Ele então deu previsões a um estenógrafo sobre a pessoa desconhecida que ocuparia a cadeira, como sua aparência ou características. Mais tarde, no mesmo dia, a sala se encheria de gente e a cadeira marcada seria ocupada. De acordo com Osty, os experimentos foram um grande sucesso nas evidências de precognição de fatos futuros.

Acabou se desentendendo com Jean Meyer, e acabou sendo demitido de suas funções. Devido a sua colaboração em um negócio de venda de talismãs. Ele estava usando a sua influência dentro da instituição para tentar ganhar dinheiro.

Conforme fala Jean Meyer:

— *Acredito que aquele que, como eu, dedica o seu tempo, seus recursos e até a sua saúde inteiramente ao estudo dessa bela ciência metapsíquica e do espiritismo, tem o direito e o dever de levantar a voz e agir quando o perigo ameaça o espiritismo, mesmo que tenha bater nos amigos. (3)*

O médium Pascal Forthuny foi testado por pesquisadores psíquicos como Eugène Osty e Charles Richet, que comprovaram de que ele tinha uma mediunidade legítima.

Faleceu no ano de 1962 em Rubempré é uma comuna francesa na região administrativa de Altos da França, no departamento de Somme.

Encyclopédie Spirite - Revue Spirite: (01) mai 1921, (02) avril 1924, (03) août 1927.

Sumário

Pascal Forthuny ao Dr. Eugène Osty (I.M.I.) — **pág. 10**

Introdução — **pág. 14**

Capítulo I - A personalidade psicológica de Pascal Forthuny antes do aparecimento de sua faculdade metagnômica — **pág. 18**

Capítulo II - Como surgiu e se desenvolveu a faculdade metagnômica de P. Forthuny — **pág. 26**

Capítulo III - As sessões públicas de metagnomia dadas pelo Sr. P. Forthuny no I. M. I. de Paris — **pág. 39**

Capítulo IV - Lições emanadas da obra metagnômica pública do Sr. Forthuny — **pág. 111**

Pascal Forthuny ao Dr. Eugène Osty (I.M.I.)

Meu caro amigo: Ao me pedir para acrescentar alguns pensamentos – certamente menos inspirados pela lógica do que pelo assombro – ao sábio e constante trabalho analítico que você teve a gentileza de dedicar às nossas experiências no Instituto Metapsíquico Internacional, você teve uma ideia amistosa e confiada que não me surpreende em você, mas quero, acima de tudo, dizer-lhe que isso me lisonjeia tanto quanto me honra.

Aparecendo sozinho e sem esta minha carta, seu estudo tão completo teria satisfeito, e de modo absoluto — disso estou plenamente convencido – a curiosidade do leitor, que, ao concluí-lo, teria fechado seu livro com o perfeito conhecimento, tanto dos fatos por você considerados quanto das deduções, dele extraídas por você com uma lucidez tal que, em comparação, a minha é apenas um vago titubeio. Com isso, declaro francamente que não tenho a pretensão de suprir agora aquilo que você possa ter esquecido ou abordado superficialmente em seu texto, e que eu me guardaria muito bem de acrescentar ideias pessoais.

A única razão que me determina a responder ao seu gentil pedido é de natureza muito diferente; e, se depois de lê-lo, você concordar em inserir esta página ao lado das suas, será porque em sua honestidade como homem de ciência você aceitou a crença de que a digressão, por pouco coerente que seja, de um poeta, a respeito de certas considerações, pode ter um valor modestamente complementar quando, relacionada com o mesmo problema, concilia-se com a argumentação firme e inexorável de um lógico. A lógica!

Percebo que já por duas vezes fui forçado a falar sobre ela nestas linhas. Imperiosamente, e mesmo sabendo que não me é possível comprová-lo pelos meus próprios meios, as exigências dela impõem-se ao meu espírito.

Desde as primeiras observações metagnômicas que perseguimos juntos; desde o dia em que metodicamente foi empreendida esta série de sessões públicas que agora você relata, sinto a necessidade — que neste caso sente todo homem já adaptado à arte de pensar — de explicar logicamente o que fiz, de me dar razões positivas e satisfatórias para essa proporção de verdade que você aponta em

outro lugar, verdade certamente misturada com erro; mas para a qual, no entanto, a opinião de 1.500 espectadores concorda em ver, claramente estabelecido, que não me aproveitei apenas de probabilidades fortuitas e felizes coincidências, e que em medida apreciável tive, no curso dessas demonstrações, o precioso privilégio — seja dito com toda a humildade — de provar, depois de outros clarividentes, a realidade de um dos mais surpreendentes fenômenos supranormais considerados pela metapsíquica.

O que eu gostaria de dar a conhecer, já que você me concede por um instante o uso da palavra, é o que talvez meus predecessores neste tipo de exercício intelectual ainda não tenham tido a oportunidade de notar; aquilo que eu me atrevo a qualificar assim: toda a “repercussão psicológica” que resulta do funcionamento da faculdade no metagnomo (sensitivo), antes, depois e mesmo durante as sessões em que ele se esmera por colocá-las em ação. Devo concordar que, mesmo sem estar obcecado por elas, esse desejo de peneirar no crivo da lógica os fatos importantes ou miúdos, interessantes ou nulos, espetáculo para o meu auditório, tem me acompanhado na vida desde o dia em que consegui convencer a mim mesmo de que era, em pouco ou muito, digno de estudo. Completamente certo da impossibilidade de me aproximar, mesmo de longe, à intimidade do mecanismo metagnômico, eu teria desejado e gostaria de descobrir nele um ou dois princípios, raciocinar um pouco sobre eles, ter a possibilidade de entrever à distância o grande Segredo e adivinhar através de uma névoa — ai! Infelizmente, ainda era pedir demais — a portilha por onde a Ciência um dia entrará, com as chaves na mão, no palácio do Desconhecido. Quanto mais você e eu avançávamos em nossas ousadas tentativas, mais aquela impaciência de entender se apoderava de mim, e em nenhum momento da minha carreira me vi produzir *tanto* sabendo *tão escassamente* o que estava fazendo. Não lhe escondo, e o confesso a você hoje, que eu nutria uma surda irritação, e que em várias ocasiões, especialmente após as melhores sessões, eu me achava disposto a adverti-lo de que decididamente não me considerava nascido sob a estrela sonhadora — se é que existe — para consentir por mais tempo servir de joguete em mãos de alguém que eu não conhecia ou sob a influência de algo que eu não definia e que logo se tornou intolerável para mim, quase me fazendo sentir insignificante perante os visitantes do "Instituto Metapsíquico", a perseverança em aceder a um automatismo mental cujas origens e esforços permaneciam tão completamente inconcebíveis.

Felizmente, ao lado de "alguém que eu não conhecia" estava você, meu querido amigo, e o que me impediu de deixá-lo foi o tom calmo e judicioso com que você me disse: "Vamos continuar".

Você tomava notas e me questionava. Afirmava até que fazia comparações, deduções, e que muitas vezes lhe acontecia tirar, de uma experiência, a impressão de ter surpreendido em seu jogo, sempre oculto para mim, a engrenagem na desconcertante maquinaria psíquica. Esta afirmação apontava-me um dever: ser discreto e sem nervosismo, a exemplo seu, e considerar como insignificantes as crises de mau humor e de amor próprio que eu devia conter cuidadosamente, as minhas intenções de dedicar-me de novo às minhas ocupações quotidianas e de ficar sendo na família metapsíquica apenas o cronista pontual de sua revista quinzenal.

É por isso que nunca deixei você adivinhar meu sentimento de amarga decepção ao me considerar tão incapaz de explicar por que anunciei à queimadura a uma senhora: "Seu marido lhe deu uma boa sova", um certo assistente: "Senhor, você é editor do *Le Matin* de Amberes". Pouco a pouco, renunciando a decifrar o porquê e o como, acabei deixando a outros mais hábeis do que eu o cuidado de me ensinar um dia de que maneira estranha me tornei um metagnomo (sensitivo) e por que razão exata consigo sucesso nesses estranhos malabarismos do espírito. A partir desse momento renunciei temporariamente à lógica clara e tranquilizadora, para a qual dirigi os meus passos envolto em trevas. Resolvi me distrair e me surpreender, nada mais, com os resultados que, sem procurá-los, e ensinado pelo seu sorridente otimismo, eu alcançava com maior facilidade a cada dia. Como lhe disse no início desta carta, você não encontrará aqui mais do que pensamentos de estranheza e nenhum de lógico.

Além disso, eis-me aqui singularmente recompensado por ter sabido depor as armas em um combate tão desigual. Eu teria perdido muito tempo me obstinando em usufruir um domínio que, afinal, não me pertence. Teria sido também muito ingrato se não tivesse me voltado docilmente para aquele sonho que, mesmo contrariando os rigores científicos, encanta certos homens, entre os quais me encontro. Sonhei, e até delirei, com a estranheza do meu caso e com o que poderia haver de paradoxal nele. E limitei-me a isso. Eu sabia que, sem sonhar, logicamente você ia construindo. Você acabou de me enviar, na forma de um lote de imprensa, a planta completa da casa. Eu andei por ela, de cômodo em cômodo, e você não me impedirá de dizer-lhe como acho admirável a habilidade

com que você abriu janelas em todos os lugares, de modo que a luz inunda a moradia, e que, de minha parte, sinto-me nela como na minha própria.

Aquilo que eu não discernia permite-me ver sua forma, sua cor e seu acento, depois de ter lido você. Seu raciocínio ilumina até os redutos mais sombrios, em que o meu se entediava. Como faço com esta obra, percebo qual é a minha para o futuro. Se por acaso a "faculdade" não se retirar de mim, devo-me no futuro às suas investigações. O que você já esclareceu, examinando cerca de quinze sessões, me faz pensar que talvez mais tarde eu tenha a honra de colocar à sua disposição novos e mais expressivos elementos de estudo que lhe darão maiores probabilidades de aproximação para estabelecer as leis essenciais deste problema metagnômico, do qual você ficou sendo um explorador incansável e feliz há muito tempo.

Fatuidade à parte, espero sinceramente que isso aconteça, para o progresso da ciência e para o profundo prazer, que alcançaria sendo-lhe nisso agradável e útil, o seu muito afetuoso amigo.

Montmorency, em 20 de julho de 1926

Pascal Forthuny

Introdução

DESDE que a Psicologia se tornou ciência, isto é, desde que, tendo deixado de ser, como no passado, objeto de análise introspectiva e de reflexão filosófica, impôs-se a missão de buscar, por meio da observação exata e da experiência das leis físicas e fisiológicas da função humana de pensar, do trabalho daqueles que a enriquecem com as suas descobertas, situou-se, por assim dizer, em dois campos de exploração que até agora pareciam diferentes.

O mais frequentado desses campos de trabalho, e conseqüentemente o mais abundantemente cultivado até hoje, é aquele que corresponde ao estudo do pensamento em suas manifestações comuns a todos os homens. Os psicólogos, em seus laboratórios, têm se esforçado — com a ajuda de métodos que, no possível, mantêm a pesquisa dentro da objetividade — em descobrir os determinismos psicofisiológicos das sensações; e, desse ponto de partida, mergulham no estudo da elaboração dos sentimentos, das volições, das ideias e também dos psicodinamismos sempre misteriosos, como são a atenção e a memória.

Nesta investigação, que geralmente diz respeito à psique do homem em estado de saúde, o hospital acrescentou a imensa contribuição de suas observações feitas por ocasião de certos distúrbios patológicos do pensamento, das intervenções cirúrgicas nos centros nervosos e glândulas endócrinas, das verificações comparativas das autópsias. Esse vasto trabalho dos laboratórios universitários e da clínica veio confirmar, pela experiência, a noção que Locke e Condillac, há quase dois séculos, extraíram logicamente do aspecto superficial das coisas: "Nada existe em nosso espírito que não fosse introduzido nele pelos sentidos".

As comprovações dos fatos colocaram outros pesquisadores, muito poucos em número, em um segundo campo de trabalho, no qual a matéria em que procuram se aprofundar não é mais o pensamento elaborando seu conhecimento sobre os antecedentes dos sentidos conhecidos, mas chegando à noção do real em condições onde a razão estaria totalmente alheia a isso.

Esse conhecimento paranormal da realidade — poderíamos dizer supranormal, já que é, em potência, superior ao normal — parece ser produto de

uma inteligência latente que coexistisse em indivíduos com a inteligência ordinária, mas distinta dela.

Que os psicólogos, encerrados voluntariamente no estudo das manifestações do pensamento comuns a todos os homens, tendessem à negação das probabilidades e mesmo da existência do conhecimento supranormal, próprio de um escasso número de homens, nada tem de estranho. Não tendo procurado averiguar essa propriedade, eles não puderam comprová-la. Considerando-a em oposição irreduzível ao que eles sabem, eles a recusam em nome da sua sabedoria. O tempo e o trabalho eliminarão esse preconceito.

O estado atual das coisas é, por outro lado, o que torna menos frequente a propriedade do conhecimento supranormal. Se, com boas noções de suas modalidades produtivas e dos meios de revelá-las, fosse feita uma tentativa sistemática de provocar suas manifestações, todos ficariam surpresos de encontrá-la com tanta frequência. Porque ela está em potência em todos os homens. Subtende o psiquismo de toda a espécie humana, esperando apenas o aparecimento das condições fisiológicas favoráveis para se realizar, frequentemente em fenômenos fortuitos e, em certos casos, em faculdades permanentes.

Suas manifestações espontâneas, surtos inesperados no campo da consciência, de informações vindas de outro plano do psiquismo, nascem sem cessar e em toda parte, na forma de telepatias, premonições, sonhos monitórios ou premonitórios, fornecendo um perpétuo e retumbante mentis para aqueles que negam sua existência.

Suas realizações em faculdades estáveis efetuam-se, segundo os indivíduos, seja por evolução mental espontânea, seja por ocasião de um choque neuro-humoral, uma enfermidade ou uma emoção forte, da forma mais simples, em resposta a ensaios para ter a certeza de eventualmente se possuir essa faculdade. Uma vez que sua presença é revelada, ela se desenvolve através do cultivo; em pouco tempo, o exercício a leva em cada qual ao máximo desenvolvimento possível e ao seu gênero particular.

O seu gênero é, de fato, diverso, dependendo do indivíduo, entendendo que, se bem no conjunto ele é suscetível de se informar pelos seus meios paranormais de tudo aquilo que no espaço e no tempo constitui o plano físico onde vivem os nossos corpos, verificamos na prática que sua potência de conhecimento fragmenta-se, tornando cada pessoa dotada dela um revelador eletivo de tais ou

quais modalidades do real. Por quê essa fragmentação individual de uma capacidade cognitiva humana, imensa em sua totalidade?

Algum dia as causas físico psicológicas serão conhecidas. O que apenas se observa no presente é que muitas vezes o acaso das solicitações influencia. Quero dizer, que é isso o que se exige a esta faculdade conhecer, que primeiro a orienta e logo em seguida a fixa em um costume.

Ao longo da história, através dos séculos, observam-se nela duas vertentes principais, porque são dois os objetivos principais que ela se propõe. A descoberta de água naqueles lugares onde os sentidos ordinários não a percebiam tem sido solicitada com tanta frequência, que disso resultou o tão generalizado *sourcier* (1).

(1) Vedor que usa procedimentos materiais, geralmente manejando uma vara de avelã, para determinar a direção e a profundidade das correntes de água subterrâneas. (N. T.)

Tanto lhe pediram para investigar nas profundezas da personalidade humana, para revelar os acontecimentos de sua vida, que com ele foi criado o 'adivinho'. *Sourciers* e adivinhos, buscadores de água e reveladores de vidas individuais têm povoado os séculos. Também povoam o nosso. Dois propósitos utilitários criaram essas especializações.

Nada direi dos demais aspectos que conferem à propriedade do conhecimento supranormal os múltiplos objetivos que a curiosidade ou o estudo foram levados a lhe propor.

Em todos os tempos e em quase todos os países, o homem tem feito apelos, empiricamente, à propriedade de conhecimento supranormal, colocando os poucos indivíduos que a possuíam em maior grau, em condições de torná-la aproveitável para os outros. As civilizações antigas concederam-lhe um grande espaço em seu conhecimento e atribuíam-lhe um papel social muito importante. Nosso atual ceticismo, vindo de uma ciência cheia de promessas, mas limitada, nos faz ver como superstição o que provavelmente foi a muito inteligente utilização dos recursos do plano transcendental da psique humana.

Quanto tempo, publicações e ensaios particulares e demonstrações, enfim, foram necessários para que a determinação paranormal das águas subterrâneas e de certos produtos do subsolo, deixasse em nosso tempo de ser objeto de escárnio e passasse a ser objeto de comunicações às sociedades de sábios?

Quanto tempo ainda será necessário para que o conhecimento paranormal da realidade homem, cujo estudo promete as mais interessantes descobertas para a

humanidade, seja levado em consideração pelo mundo científico e finalmente encontre o número e a qualidade de pesquisadores que merece?

Neste livro proponho expor como nasceu a propriedade do conhecimento supranormal, como se orientou, como se desenvolveu em um literato parisiense, que até a idade de quarenta e oito anos considerava improvável baseado na fé da ciência ensinada, a existência dessa qualidade e ficou surpreso ao descobrir-se dotado dela (1).

(1) Para facilitar a exposição, usarei neste livro como equivalente ao conhecimento supranormal, de acordo com meu costume, a palavra metagnomia (do grego μνωτα, além e de γνωμή conhecimento, ou seja, além das propriedades cognitivas comuns). Essa palavra, criada por E. Boirac, tem a vantagem de dar origem a dois derivados úteis: metagnomo (aquele dotado de conhecimento supranormal) e metagnômico (a quem se refere esse tipo de conhecimento).

Capítulo I

A personalidade psicológica de Pascal Forthuny antes do aparecimento de sua faculdade metagnômica

O dom metagnômico do Sr. Forthuny revelou-se tarde em sua vida: aos quarenta e oito anos. Mais à frente direi em que trágicas e também curiosas circunstâncias. Para extrair desse caso psíquico todos os ensinamentos que ele contém, é conveniente integrar a fase metagnômica tardia de P. F. no fluxo psicológico geral de sua vida. Forthuny compreendeu isso tão bem que me permitiu tornar público em termos gerais o movimento evolutivo de sua personalidade mental desde a infância.

Ao escrutinar a história familiar de P. F., não se encontrou nenhum dom metapsíquico, nem sequer uma daquelas manifestações espontâneas (pressentimentos, telepatias, sonhos monitórios ou premonitórios) de que poucas famílias estão isentas.

Sua mãe, falecida em 1911 de pneumonia decorrente de um resfriado, era uma pessoa robusta, física e moralmente, cheia de bom senso, prática e pouco preocupada com visões e visionários. Assim também é seu pai, arquiteto parisiense, hoje com 94 anos e ainda bem conservado. A mãe era nivernesa e o pai blesense, ambos de origem aldeã: lavradores, cultivadores, carpinteiros. Raça muito saudável, vivendo em realidades, desconhecendo os distúrbios chamados nervosos. Mergulhando na dupla ancestralidade, encontramos apenas uma figura com certo relevo nas virtudes práticas da família honesta: o bisavô materno, um camponês cheio de imaginação e que era o deslumbramento do lugar pela sua alegria rabelaisiana, os seus improvisos de canções (letra e

música), os fogos de artifício de seu espírito, de uma atividade extraordinária. Desse antepassado encontramos algum sedimento no bisneto.

Quando menino, P. F. era de um caráter atraente e pitoresco, mas intolerável. Enlouquecedoramente nervoso, quebrando tudo, vivia mais nele mesmo do que nas coisas ao seu redor.

Seu universo era menos o espetáculo externo do que aquele que lhe proporcionava, sem descanso e muito mais variado, uma imaginação prodigiosamente vivaz. Seu pensamento era um desenvolver contínuo de projetos de viagens, de vida independente, de aventuras, de inúmeros e sempre grandes papéis a representar entre os homens. Um fervedouro de imagens.

Muito cedo sentiu-se atraído pelas letras, sobretudo pela poesia, principalmente lírica. O jovem aluno do colégio de Blois compunha versos cuja existência efêmera terminava sempre no fogo da lareira.

Apaixonado pela música, renunciava ao recreio, fugindo do pátio para se encerrar na capela. Ali pedia à sua imaginação ardente que lhe concedesse através dos sons do harmônio os encantos que em outro tempo lhe seriam dados tão abundantemente em aparência visual.

Porque se bem gostava de ouvir as obras dos grandes músicos, tinha pouco gosto para expressá-las por si mesmo. Também neste aspecto ele preferia se privar do externo e seguir seu próprio fluxo.

Foi o que entendeu seu professor de música na época, que o educou no sentido da improvisação.

Dos onze aos quinze anos, sua vida se expressou por meio da poesia lírica ou da música. A dele era uma alma cantora. Nas festas da igreja suas criações musicais eram executadas e suas composições francesas eram lidas na sala de aula. Quanto às ciências, ignorava todas elas. Uma simples conta de somar o fazia empalidecer. Quando ele obteve o diploma de bacharel em Letras, seu pai, acreditando agir bem, o fez entrar na aula de ciências no Liceu Janson de Sailly, em Paris, como preparação para a Academia de Belas-Artes, seção de Arquitetura. Ele queria formá-lo para ser colaborador seu e transferir mais tarde seu estúdio de arquitetura para ele.

O exame de bacharelado em ciências foi, como era lógico que fosse, um fracasso lamentável.

Admitido, apesar da sua singular insuficiência científica, na Academia de Belas-Artes, P. F. foi durante três meses um aluno com grande fantasia, mais atento a ser um ajustador de pensamentos e palavras do que de pedras. De

espírito essencialmente improvisador, por instinto ele se recusava a assimilar os modos dos antigos mestres. Não levava os estudos com prazer, até que Baudot o iniciou na arquitetura moderna, porque sendo o novo, era matéria suscetível de imaginação e criação. No entanto, seus melhores momentos passavam-se em meio à juventude literária, que gravitava em torno de Catulo Mendes e Maurício Barrés, pelos quais ele se sentia atraído como o ferro por um ímã.

Burguês por família e hábitos, o movimento monótono de sua existência começa então a pesar sobre ele. Por três anos consecutivos, pede à Alemanha que ela seja o ornato de seus sonhos românticos.

Em Munique dá à sua imaginação as sugestões titânicas da música de Wagner. E entre os velhos castelos renanos ele vagueia acrescentando ao passado, pouco complicado das coisas, um mundo de criações mentais.

Suas crenças religiosas estão perdidas. Leituras, conversas, o próprio aspecto da vida, o convenceram de que a matéria é a única substância do universo, e que dela derivam os seres e as coisas, tudo efêmero, pelo jogo das leis mecânicas; o homem deve seu pensamento a uma combinação mais feliz do que as outras. P. F. é um materialista que espera, no entanto, que algum dia venham provar que ele está errado. Porém, esse materialista está pletórico de ideal. Seu pensamento está numa tentativa permanente de fuga longe das coisas e acima delas, no sonho de inúmeros temas dos mais belos e seletos que seus sentidos percebem. Não encontrando nada para se satisfazer fora de si mesmo, ele pede isso ao seu espírito. Não encontrando no seu espírito precisão alguma sobre o melhor, que ele procura, formula-o numa sucessão ininterrupta de construções imaginárias. Dois romances escritos por volta dos trinta anos são as crateras por onde escapa parte dessa lava ardente idealista. Em *As etapas inquietas*, o autor desenvolve a evolução espiritualista do homem. Em *O rei regicida*, expressão de idealismo político, ele leva um monarca a arrastar seus Estados à anarquia por amor à humanidade.

Romancista e músico, P. F. também se dedica à pintura em todos os seus gêneros, considerando o externo apenas na medida do necessário para imaginar o possível. Ele sempre executa o que há de mais belo na Natureza em estilos variados, sem jamais falseá-la; mas seria em vão procurar pelo mundo as belas paisagens que ele pintou. Apenas em seu cérebro elas poderiam ser encontradas. Embora pareçam tão reais quanto a própria realidade, são paisagens de sonho.

Músico, escritor, pintor, P. F. era dotado de tudo quanto é preciso para ser um crítico de arte, e o era por força das circunstâncias, mas não de forma vulgar. Tudo o que ele escreveu sobre a produção artística é como que uma marcha progressiva sobre a matéria, a técnica do pincel e o uso das cores. Numa obra, é o aspecto psicológico do autor que o atrai; ele quer descobrir os motivos íntimos da criação, perscrutar o "fundo da alma", e com isso conseguiu irritar vários artistas.

Achava gratificante divulgar suas ideias e difundir o gosto artístico. E por algum tempo deu palestras nas províncias sobre "arte para todos".

Querendo entrar em contato com o pensamento das comunidades humanas civilizadas e, por assim dizer, banhar seu espírito em suas obras, começou a aprender as línguas que considerava úteis para isso.

Ele o fez à sua maneira: lendo jornais dos diversos países, a começar pelas revistas infantis, nas quais as palavras se repetem e as frases são simples e claras; depois, progressivamente, de jornal em jornal, até chegar aos destinados a pessoas de grande cultura. Desse modo familiarizou-se com o inglês, alemão, espanhol, italiano, português.

Assim, saturado do modo de pensar europeu através do conhecimento das principais línguas e das obras da Europa, logo começa a achar estreito tal horizonte. Ásia, que vislumbra através de sua leitura; a Ásia, para ele misteriosa, exerce em sua imaginação, sempre ávida por novidades, a atração do desconhecido. O acaso coloca uma gramática chinesa em suas mãos. Ele se maravilha com a beleza plástica dos caracteres gráficos desse idioma. Ele a contempla como pintor.

Imediatamente seu espírito cristaliza uma grande quimera em torno desse núcleo accidental. É preciso aprender aquela língua, deixar a Europa, ir para a China, com sua esposa e filho, para viver outra vida. E aqui está ele, aos quarenta e um anos, aluno do Colégio de Línguas Orientais, trabalhando como um forçado, sem se importar com seus interesses do momento. Três anos depois, consegue obter o diploma de língua chinesa, pesquisa a literatura dessa língua e, como que em brincadeira, traduz e publica alguns romances. Ele se compraz no espetáculo que essas leituras lhe proporcionam. Nada lhe parece mais cativante do que a vida silenciosa daqueles homens amarelos, obcecados com demônios, gênios e espíritos protetores. Essa fantasmagoria o encanta. Ele descobre-se a si mesmo apaixonado pelo maravilhoso.

Se neste preciso momento lhe tivessem falado do *maravilhoso metapsíquico*, isto é, das desconhecidas potências psicodinâmicas humanas, ele as teria considerado alimento favorável aos voos de seus sonhos, mas inaceitáveis para a razão.

Mas um drama, ao se precipitar sobre essa alma tão vibrante, iria produzir o nascimento de uma faculdade inesperada: como uma ilha nova que um terremoto submarino fizesse surgir do mar.

Em junho de 1919, seu único filho, Frederico Forthuny, rapaz de 24 anos, alma tão sensível quanto a dele, está na Romênia dirigindo o campo de aviação de Galatz. No dia 25 chega um telegrama, anunciando que os alemães decidem entrar na França para assinar o tratado de paz em Versalhes. A alegria transborda na cidade, que se enfeita toda como para um dia de festa. Arrebatado pelo entusiasmo, Frederico Forthuny quer festejar a boa nova como aviador. Costura vários panos com as cores nacionais, para fazer uma imensa bandeira francesa. E no céu, dourado por um sol já baixo no horizonte, ergue-se levando sob o seu avião o enorme estandarte. A multidão aplaude a maestria do aviador e as cores da França. De repente, uma rajada de ar joga o pano sobre a hélice. O aparelho começa a girar, caindo. Frederico estampa-se no chão, no próprio cemitério de Galatz. No coração do pai havia, como se pode imaginar, uma explosão de dor e desespero sem fim.

No limiar da fase de surgimento da faculdade metagnômica de P. F., considero um dever acrescentar ao seu retrato psicológico alguns toques adicionais que lhe darão mais expressão.

Pascal F. é de constituição frágil, mas muito resistente. Um trabalhador incansável que ama sua obra, porque somente executa aquilo que lhe agrada. O inventário patológico de sua vida é curto: uma pleurisia sem consequências aos quatro anos, uma artrite mono articular aos quinze e nada mais. Exceto pelo doloroso acontecimento narrado antes, seus dias transcorreram sempre sob o amparo de um belo otimismo.

Tudo o que expressa beleza comove sua alma. A música, principalmente o órgão, o impressiona até as lágrimas. Diante da grandiosidade da Natureza, ele se afasta de seus colegas para sintonizar sua sensibilidade com a magnificência das coisas. Na solidão, a emoção muitas vezes o faz ajoelhar-se.

Sua alma vibra intensamente ao exterior. Ao menor choque, sua imaginação deflagra. Um nada a faz voar em improvisações sem limites, que exterioriza nas diversas expressões da arte. De algumas frases surpreendidas, um romance de

repente surgirá. Umas páginas de leitura inspirarão um quadro. Sobre um acorde arrancado ao acaso ao piano, partirá para uma improvisação infinita.

Pascal F. não produz para os outros. Cultiva a arte como quem passeia, para seu próprio prazer.

Na música tem produzido muito, principalmente composições para canto, mas tem publicado muito pouco. Quase cada dia, uma ou duas vezes, e especialmente na penumbra do entardecer, ele senta ao piano e, dando liberdade à sua imaginação fértil, ouve-se a si mesmo. O que improvisa é de diversidade indefinida. Não tem um estilo, tem todos os estilos.

Frequentemente é música belíssima. É música só para ele, é música perdida.

Como pintor, pratica aquarela e, ainda mais frequentemente, óleo e guache. Uma de suas pinturas foi adquirida pelo Estado. Pinta por pintar e quando tem vontade. A sua obra é composta, na sua maioria, por paisagens nunca copiadas da Natureza, sempre imaginadas.

A inspiração sobrevém em momentos inesperados. Ao escrever uma carta, ou algumas páginas de um romance, uma visão clara de cor, luminosidade e forma toma conta dele. Pega papel e pintura; duas horas depois, a visão fica plasmada. Ler; a descrição cujos elementos acaba de imaginar sucessivamente, traduz-se numa síntese plástica como diante dos seus olhos; ele a desenha, para mais tarde colocar a cor ou então a pinta. Mesmo nisto, se alguém quisesse caracterizar o estilo de Forthuny, não conseguiria. Ele não pode ter um estilo. Sua técnica está em constante mudança. A maioria de seus quadros são "no estilo de..." Na música ele se encanta; na pintura ele se diverte. E também se diverte quando escreve seus romances. Ele os constrói no mesmo estado de espírito com que qualquer mortal vai ao teatro. Sua imaginação, sem esforço, mostra-lhe espetáculos, e ele os traduz no simbolismo das palavras. Três de seus romances são narrações de sonhos. Certa manhã de 1904 ele acorda febril, dita nervosamente dezesseis páginas de notas cujo desenvolvimento será o romance intitulado *O Rei Regicida*. Em outra manhã de 1923, quando está para se levantar, olha as horas e volta a dormir. Acordando três minutos depois, fica estupefato ao descobrir que acaba de ser espectador de um pedaço de vida acidentada e derivando para a crítica social. Personagens, nomes de sujeitos, lugares, funções; ações individuais e interações de pessoas e coisas, tudo estava em sua mente, tão nítido quanto na vida real. Em oito dias, está escrito um romance, *O Enjeitado*, que o jornal *L'Avenir* publica. Ao relê-lo, Forthuny

surpreende-se de ver que tão pouco tempo lhe bastou para imaginar e escrever coisas que parecem ter sido pensadas longamente.

Esse aproveitamento de sonhos espontâneos sugeriu a ele a ideia de provocar seus sonhos de forma utilitária. Tentou encadeá-los noite após noite, como algumas fitas cinematográficas projetadas em episódios. Imediatamente o conseguiu. Por cinco noites consecutivas teve outros tantos sonhos que desenvolveram uma filiação de eventos, tão bem ligados em seus fragmentos, que cada sonho retomava a ação no ponto exato em que o anterior a havia deixado. Assim foram escritas quarenta páginas do romance *Voyage au pays du bizarre*, construção lógica à qual Forthuny nada teve a acrescentar. A história se passa na Inglaterra. O texto lembra uma tradução de um humorista inglês. P. F., com grande pesar, teve de abandonar esta forma de trabalhar, pois sentia dores na nuca que, com ou sem razão, chegaram a alarmá-lo.

A personalidade psíquica de Forthuny é, portanto, caracterizada por uma grande sensibilidade e uma forte imaginação inventiva. Suas melhores produções em música, pintura e romance são improvisadas. Inventar para sua satisfação pessoal. Diverte-se, e se, além disso, o que produz enquanto se diverte é útil para ele, agradece por isso como por uma sorte venturosa. Ele tem alma de artista! (1).

(1) Eis, como enunciado cronológico, a produção artística e literária de M. Forthuny:

Esta sinopse de trabalho é o documento psicológico complementar da breve análise que precede.

P. Forthuny: Fundador do L'œuvre d'Art, colaborador das principais revistas de arte decorativa, na França, desde 1892; encarregado pelo Governo de certas missões (na Inglaterra, Alemanha e Romênia, para o estudo das Artes Decorativas); crítico de arte em Le Matin, L'Excelsior e L'Avenir. Premiada na Crítica de Arte (1913); membro honorário do Salão de Outono, prologuista do Salão de Outono.

Pintor: Três exposições (Uma obra adquirida pelo Estado).

Músico: Peças para piano, Coro da Sexta-feira Santa, O último olhar de Cristo, etc.

Teatro: Manfredo, adaptação segundo Byron sobre a música de Roberto Schumann (Teatro de L'œuvre, 1902); A renúncia de José, ato em verso (Teatro Mors, 1910); Le Club des Canards Mandarins, em colaboração com Enrique Duvernois, três atos (Teatro Studio, dos Campos Elíseos, 1923-24).

Romances: A Custódia de ouro (1895), Notas e impressões de viagem (1898), Rota ideal, As etapas inquietas (1899), Uma crise (1901), O rei regicida (1904), A Alteza (1905), Frieda, Amor da Alemanha (1907), Correspondência entre Béranger e de Dupont de l'Eure (1909), As virgens solitárias (1909), Isabel ou O punhal de prata (1911), No limiar da alma chinesa (1919), O vendedor de azeite e Rainha da Beleza (1918), Ícaro, L'As de cœur (1919), O Milagre das Ameixeiras em Flor (1920), A doce viagem a Paris (1922), A Romântica Aventura do Médium William Hope (1923), L'Enfant trouvé (1923).

No prelo: Don Juan des fleurs, Les harmonies quotidiennes, La merveilleuse histoire de Cela va très bien, Um vidente entre os invisíveis.

Diplomado em chinês pela Escola de Línguas Orientais Vivas (1915), colaborador da Revista Metapsíquica desde 1922.

Em 12 de janeiro de 1911, então com trinta e nove anos, P. F., acompanhado de um jovem fotógrafo, encontrava-se na estação de Sedan, cumprindo, já havia alguns dias, uma missão que lhe fora confiada pelo jornal *Le Matin*: fazer uma reportagem sobre as greves na Alsácia. Suas peregrinações pelo Oriente francês e pela Alsácia deviam continuar ainda por oito dias. Ao se aproximar da bilheteria para comprar sua passagem para Mulhouse, ele se volta bruscamente para seu companheiro e diz:

— Escute, é preciso voltar para Paris.

— Voltar para Paris? E Mulhouse e Colmar onde devemos ir?

— Eu volto — responde Forthuny. Não ria do que vou dizer. Vi ali, naquele canto, ao lado das bagagens, um ataúde coberto com um pano preto e com círios de cada lado. Vamos fugir!

— Mas — insistiu o fotógrafo, — como irão nos receber no *Le Matin*?

— Isso não importa. Eu regresso.

Forthuny acabara de ter, como ele mesmo dissera, a visão de um ataúde colocado ao lado da prancha, reforçada com ripas de ferro, onde são colocadas as bagagens. Mas não ficou comovido com isso nem o associou a nenhum evento. Ele sabia que todos em sua família estavam com boa saúde. No entanto, sentiu-se impelido a partir e, como que por um consentimento absurdo de sua razão, ajustou suas ações a essa sugestão. Ao entrar em sua casa, suas primeiras palavras foram para saber do estado de saúde de toda a sua família.

A Sra. F. falou:

— Seu pai me escreve que sua mãe não está se sentindo bem: que ela se resfriou e que a coisa é preocupante.

Forthuny corre para Neuilly, para a casa dos pais. A mãe estava com pneumonia. No dia seguinte, às doze horas, durante o almoço, Forthuny repentinamente afasta-se do pai e do irmão. Sua mãe morre no exato momento em que ele se aproxima dela...

Pascal Forthuny, agora tantas vezes informado de episódios de vidas passadas ou futuras acontecidos com pessoas desconhecidas para ele, teve, até 1923, apenas esta única manifestação de conhecimento supranormal.

No momento em que seu filho, lá na Romênia, caía do céu, Forthuny ordenava calmamente seus documentos. Nenhuma emoção tocou o limiar de sua consciência. Cinco dias depois recebeu, em plena fruição de sua vida, o golpe cruel da horrível notícia.

Capítulo II

Como surgiu e se desenvolveu a faculdade Metagnômica de P. Forthuny

COMOVIDO com a perturbação afetiva de P. F., um de seus amigos, oficial da Marinha, julgando que o melhor consolo que lhe poderia dar seria convencê-lo de que a morte do corpo não é o fim da vida individual, emprestou-lhe livros de espiritismo. F. leu-os. E concluiu: *hipótese frágil*.

Mas a ideia de que a morte talvez não seja o fim do homem e de que existem seres, os médiuns, supostamente dotados da propriedade de se comunicar com as almas desencarnadas, arraigou nele. E em uma imaginação como a dele, tinha de produzir um resultado "à maneira *mediúnica*".

Em 18 de abril de 1920, enquanto estava em seu escritório escrevendo algumas páginas de um romance, sua mão deixou bruscamente de obedecer seu pensamento e, como se movida por uma força estranha, começou a traçar impulsivamente toda uma série de "riscos", como garotinho em sua primeira lição de escrita. Estupefato, Forthuny pegou uma folha de papel em branco e sobre ela deixou pousar sua mão, que continuou traçando garatujas, depois toda sorte de curvas, logo letras e por fim palavras sem encadeamento lógico. P. F. chamou a esposa e disse a ela:

— Olhe que história divertida. Eu sou médium.

Diante dela ele fez outro ensaio. A mão voltou à sua tarefa. Essa primeira sessão de escrita impulsiva durou cerca de duas horas.

Muito intrigado com esta aventura psicológica, P. F. continuou nos dias sucessivos colocando-se em posição de deixar sua mão escrever sem intervenção da vontade dele. A escrita torna-se progressivamente melhor formada e a cada dia é feita com maior rapidez. Em breve as palavras são

coordenadas em frases com significado próprio, e estas depois encadeiam-se em torrentes de ideias.

Alguns dias após o início da escrita impulsiva, P. F. obtém respostas por escrito para suas perguntas. A partir de então, os fatos ocorrerão como se ele estivesse conversando com inteligências invisíveis que se utilizassem dos seus mecanismos cerebrais para se produzirem.

Duas personalidades espirituais relacionam-se desse modo com ele. Primeiro, um espírito que nunca vai querer dar o seu nome e vai assinar "o teu guia", e depois, seu filho Frederico Forthuny.

A relação por meio da escrita impulsiva com essas supostas entidades, transcorria várias horas por dia e durou por um período de seis meses: de 18 de julho a 25 de dezembro de 1920 exatamente.

A escrita nas primeiras semanas era bem formada. P. F., que não percebia o que estava escrevendo até que terminava, lia tudo então com muita facilidade. Eram letras de certa dimensão, como geralmente são as da chamada escrita automática. Não eram imitações, da letra de Frederico F. por exemplo, e sim o grafismo do próprio Pascal F..

Um dia, quando sua mão ia começar a escrever, sentiu-se arrastada para a margem direita do papel e, a toda velocidade e impulsivamente, escreveu da direita para a esquerda.

Páginas e mais páginas foram cobrindo-se de linhas. Após a sessão, P. F. quis ler, mas não conseguiu decifrar uma única palavra. Lembrando então que a escrita automática é suscetível de ser feita ao contrário, colocou as páginas diante de um espelho e ficou maravilhado ao comprovar que tinha conseguido executar tal prodígio na velocidade louca com que acabara de realizá-lo. Para medir a dificuldade daquilo, ele tentou escrever da direita para a esquerda, invertendo as letras, procedendo devagarinho e com grande aplicação, mas sem sucesso. Então acrescentou-se nele a convicção de que sua mão, ao traçar a escrita impulsiva, era o instrumento de uma inteligência alheia à sua.

Após essa acrobacia gráfica, a escrita voltou à sua técnica normal e acelerou ainda mais o compasso, perdendo fluidez e executando-se em sacudidas.

Chegou um momento em que a mão, incapaz de escrever palavras e frases em sua sucessão natural, viu-se na necessidade de escrever sobre um ponto. As letras foram traçadas uma sobre a outra com velocidade mecânica. Assim, P. F. não consegue mais ler durante as paradas, porque o que encontra diante de si é uma mancha preta. Enquanto sua mão corre vertiginosamente, ele concentra a

atenção, fechando os olhos, sobre as letras que vai traçando, e à medida que vai terminando as palavras, dita-as à sua esposa.

Após alguns dias, o treinamento de sua atenção alcança a representação mental das palavras articuladas, um fragmento de segundo antes de sua inscrição gráfica.

Em dezembro, os movimentos para escrever se transformam em verdadeiros espasmos, sacudidas que causam lesão em seu ombro. É esgotador.

Seus amigos ficam comovidos com tal espetáculo e temem por sua saúde moral.

P. F. pergunta à entidade possensora:

— Sua mão escreve: "Isso vai acabar logo."

No dia de Natal de 1920, ele quer falar com o filho. Coloca-se em posição de escrita impulsiva; sua mão move-se lentamente, sem sacudidas, como se impulsionada por uma força em declínio. Escreva: "Ad..." e cessa para sempre.

Depois disso, P. F. faz múltiplos ensaios de escrita impulsiva. Sua mão fica inerte.

Tal tem sido a evolução grafológica considerada apenas em sua expressão motriz. Para simplificar, dissocie este aspecto do fenômeno, do aspecto principal: o texto das comunicações. Esse texto é um documento psicológico que exigiria um estudo especial. Mas como estou com pressa para chegar à propriedade supranormal de P. F., irei, sentindo muito, passar batido pelo médium escrevente Forthuny, limitando-me a colher aqui e ali algumas amostras significativas de sua produção gráfica.

"O guia" se comporta em relação a P. F. como um professor enfatuado por sua onisciência, melindroso, irritável, vingativo. Aponta-lhe a verdade sobre Deus, a alma, a criação, a relação entre o espírito e a matéria, a morte, a sobrevivência da alma... etc. Dá-lhe conselhos sobre sua conduta e aperfeiçoamento moral. Não é um professor persuasivo e afável, mas um pontífice rude, que procede por afirmações peremptórias, não aceitando qualquer resistência.

Uma série de ensinamentos é intitulada por ele como "Conselhos para aqueles que precisam da certeza da verdade de Deus".

No esmeril grosseiro da razão e da ciência vã, a matéria foi moída como um grão esgotado até o último átomo. Chegou a hora de aceitar a moagem da matéria sob um rebole cujo eixo se chama espírito. Esta tarefa certamente será muito diferente daquela de esmagar uma substância inerte entre duas pedras frias, mas logo se verá neste novo moinho que a matéria tem uma origem

espiritual, assim como o próprio espírito, e que ela é outra forma deste último à qual a Providência deu a aparência maravilhosa do mundo sensível. Então a matéria, outrora orgulhosa nas mãos de sábios que não enxergavam, abdicará reabilitada, ante a luz do espírito triunfante. É preciso que a matéria alcance a dignidade do espírito no mundo, pois ela também tem alma. Na mesma medida em que era desconhecida e envilecida, deveria ser admirada e celebrada como uma emanção da alma universal.

Pretensioso de sua sabedoria, o guia nunca erra quando fala do inacessível, do incontestável; mas assim que ele enfrenta as coisas terrenas, assume a aparência de um grande simulador, porque as coisas não são como ele diz que são quando Forthuny as ignora. Ele profetiza a P. F. futuros dons de clarividência e poder de cura, uma grande missão entre os homens, e eis como ele o prepara para curas milagrosas:

2 de agosto — Você é um dos designados pela divindade para a categoria de portadores dos archotes do astral. A partir de hoje, é-lhe confiada a missão de impor a si mesmo a maravilhosa preocupação de levar aos pobres de espírito este verbo que Cristo pôs em conhecimento dos seus discípulos. Você tem o dom de fazer o bem ocupando-se de curar as chagas dos que sofrem com a vida da carne e da matéria. Você tem o dom de curar as doenças daqueles que são seus enfermos. Fui encarregado de dizer-lhe que a mediunidade de que você foi dotado é para remediar a doença dos infelizes que perderam toda a esperança e que se encontram no último período da tuberculose.

Será que você pode ir à Maternidade e lá perguntar sobre a enferma chamada Madame Lemonier, que está na Maternidade cujo nome é o do meu doutor antes da morte, o diretor da Maternidade no ano de 1826, Dr. Vacquerie?

Estou enviando você lá para experimentar com esta enferma e descobrir os métodos com os quais você irá curar os doentes que vou indicar.

Forthuny. — Preciso ir imediatamente?

O guia. — Pensei que você estava mais informado sobre a docilidade das almas em relação aos seus guias. Você acha que os espíritos iriam se dar ao trabalho de instruí-lo, para lhe perguntar se você tem tempo para obedecer? Ordeno-lhe que vá à Maternidade assim que for a Paris para tratar de algum assunto seu.

3 de agosto. — Eu vim para lhe fornecer os meios para cuidar de uma pobre mulher que está morrendo lentamente e que você vai salvar dando-lhe a vida. Direi a você o que fazer e o levarei ao triunfo sobre o mal e sobre os médicos

desonestos que estão matando aquela doente. Saiba que a doença dela se chama Mal de Bright e que está localizada na região da medula espinhal (1).

(1) O Mal de Bright é uma afecção crônica das glândulas renais, sem qualquer relação com a medula espinhal.

Você deve dizer a ela que sua condição é curável e que você conhece alguns médicos que restaurariam sua saúde se ela decidisse sair do hospital e entrar em uma clínica onde seria melhor tratada.

Você a levaria para a casa de Madame Grand'homme, que cuidaria dela gratuitamente. Anunciarei a ela sua visita. Este é o endereço: rue de Vanves, nº 86, em Vanves. Você deverá dizer que está lhe enviando o espírito de seu guia e o dela, que se conhecem e concordaram em unir suas ações.

E este é o telefone: Vanves 082.”

No dia seguinte, 4 de agosto, P. F. vai para Vanves. A doutora Grand'homme é desconhecida no país. Usando a página em branco de um livro que carrega consigo, ele interroga o espírito, que escreve: *"Vá para os confins de Vanves e Clamart."* P. F. obedece e faz nova pergunta, para esclarecer. "Estou me aproximando?" Resposta: *"Ordeno que vá à Maternidade antes de ver Madame Grand'homme."* P. F. expressa sua surpresa. Repreensão severa. *"Você tem o sangue muito quente. Eu vou acalmá-lo. Não faça tanto barulho."*

À tarde, P. F. dirige-se a aquilo que o espírito chama de Maternidade, ou seja, o Hospital de Caridade, rua Jacobo. Não há sala Vacquerie, não há paciente Lemonier. Houve uma Lemonier que morreu há várias semanas. P. F. sai perplexo e de mau humor por ter sido forçado a fazer gestões tão inúteis. Influenciado pela leitura de livros espíritas, "é possível que tenha sido mistificado por um espírito maligno que se apresenta como outro cheio de pureza e bondade", pensa.

Uma hora depois, sozinho, numa sala de redação, recebeu esta resposta por escrita impulsiva:

«Mandei você à Maternidade para o submeter a uma prova de paciência e estou vendo que você falhou. Você está certo em acreditar que os espíritos malignos o aconselham. Informo que sua ação é a única causa de seu insucesso. Abandono você, querido amigo, e o saúdo com a sensação de que você não poderá se tornar aquilo que eu acreditava. Seu cérebro foi a perda de seu coração e vejo que você tem uma ideia muito relativa do que seja modéstia. Calcule a inutilidade da jornada que empreendi para chegar até você. Eu o

cumprimento e vou até seu filho, que está estarecido com sua atitude. Estou indo embora e não tornarei a importuná-lo."

Algumas palavras de humildade de P. F. aplacaram a irritação de seu guia, que continuou a fornecer a seu aluno um ensinamento filosófico e moral impregnado de perfeita ortodoxia kardeciana.

Aproveitando um momento em que o guia mostrava muita amenidade, P. F. astutamente propôs escrever um estudo em colaboração. P. F. forneceria sua mão dócil; seu guia, o resto. Isso foi aceito. Um livro foi iniciado com este título: *O verdadeiro caráter da Arte do ponto de vista de sua missão como servidora do espírito.*

As duas primeiras páginas foram dadas em uma seção. Ficaram sem continuação. Aqui está o extrato:

"O procedimento atual que o artista utiliza para se comunicar com a natureza e se corresponder com sua modelo, leva-o a pedir-lhe apreciações, como a uma amiga; mas no final da conversa, a natureza foi totalmente açambarcada pelo amigo a quem deu conselhos, e essa amizade se transforma em ódio, pois termina em traição. Este modo de representá-la acomoda a beleza da terra aos olhos daqueles que a habitam e não daqueles que a abandonaram. Esta forma da natureza é a da matéria e não a do espírito. Corresponde aos costumes da criatura e não daqueles que deixaram de contemplar a matéria com os olhos da carne. Esta apresentação da natureza e da matéria é mostrada com complacência e amor egoísta pelo artista que avança como um cego em direção à luz. Ele compõe sua obra como a pomba constrói seu ninho: com as penas de seu ventre. Seu cérebro não contém senão o desejo impaciente, quase animal, de traduzir uma perfeição imaginária que carece da certeza de poder caracterizar a verdadeira expressão da beleza e sua perpétua lição. Porque a pomba não tarda a ver a tempestade destruir o seu ninho, o artista vê logo a obra de arte empalidecer perante o beijo do futuro, a injúria do tempo e a corrupção da matéria: é o cumprimento fatal da decadência de tudo aquilo que foi modelado ou tecido pela mão do homem. E a pretensa obra-prima é como a moeda em que está gravada a efígie de um rei e à qual o tempo dá o aspecto da matéria mais vulgar, menos trabalhada artisticamente."

Animado por essas conversas diárias com seu guia, e acreditando ter conquistado sua confiança, P. F. levou sua ousadia ao ponto de apresentar, sem se afastar da mais perfeita correção, certas objeções a algumas de suas opiniões. Nunca o fizesse! Isso deu origem a uma disputa acalorada, na qual Forthuny foi

tratado com dureza. No exato momento em que o *guia* o vituperava mais energicamente, sua mão escreveu com um grande frenesi de gestos. Aqui estão algumas amostras:

Você teve a infeliz ideia de se rebelar contra a palavra "vadiagem", que o irrita e que vagueia em seu cérebro desde sua iniciação no conhecimento da verdade astral. Você teve a infeliz ideia de zombar dessa palavra que considerou um pouco antiquada, um pouco arcaica (1).

(1) P. F. havia expressado a seu *guia* a opinião imprudente de que a palavra "vadiagem" era repetida com muita persistência em suas mensagens.

Você esqueceu que esta palavra tem um sentido definido e também a sorte de corresponder a um vasto número de acepções e possibilidades? Você diz que sabe, mas teve a audácia de dizer também que é uma palavra antiquada. Eu facilitei a você o conhecimento da vida terrena e da matéria, da qual você é feito, com seu orgulho e seus preconceitos de vaidoso gramático de meia-tigela e de contrabando, com sua imaginação doentia e ao mesmo tempo inabilmente inspirada pela vaidade dos homens."

No dia seguinte àquele em que P. F., despeitado, arremessou a pena diante de certas observações vivas demais, o *guia* o fez escrever:

"Mandei-lhe ensinamentos duros, porque os merecia. Eu o repreendi cavalheirescamente e avisei que, se você não abandonasse sua arrogância, eu o deixaria entregue ao seu triste destino. Naquele momento, lembra-se? você teve o pensamento criminoso de me lançar sua caneta ao rosto. Eu fiz-lhe ver que era insolente me tratar assim. Foi uma ofensa abominável cruzar meu rosto, a maior cometida por você desde que sua vida terrestre começou. Eu o ouço pedir o meu perdão, mas aviso que toda a sua vida não será suficiente para alcançá-lo. É a perdição da sua alma. A redenção desta culpa requer a sua mais completa submissão à minha vontade."

Muito diferentes eram as relações de P. F. com a entidade Frederico F. Como espírito informado dos grandes mistérios da vida e da morte, o filho fala com o pai, mas sempre em termos respeitosos. As linhas a seguir demonstram como:

«29 de junho de 1920. — É muito difícil descrever a feliz cerimônia em que as almas são libertadas da carne e em que os últimos véus da vida terrestre são rasgados diante do além. As adoráveis verdades da região onde se descobre a chave dos mistérios da criação estão aí, espalhadas à luz da abóbada celeste e dos mundos astrais, que são seu ornato. Admirei-as maravilhado no mesmo instante em que me encontrei no meio delas; e declaro com certeza que os

cérebros mais perfeitos da terra não podem conceber tamanha beleza, nem mesmo em seus sonhos mais deliciosos; admirei-as arrebatado e em êxtase. Minha educação aconteceu e lentamente descobri que a morte é o desdobramento do despojo humano e que a vida é a condena da alma a permanecer prisioneira da matéria. Fui testemunha da bela matemática que administra o movimento das pátrias celestes para onde vão as almas quando terminam sua penitência sobre a terra. As formidáveis verdades da criação dos mundos se apresentaram a mim em seu adorável esplendor, e fui advertido sobre a Verdade do Infinito. Meu orgulho anterior abdicou diante dessa verdade, tornando-me o mais humilde dos mercenários a serviço da Divindade criadora de tão belas catedrais no céu dos mortos. As maravilhas cujos detalhes me enchiam de alegria desenvolviam-se em um quadro do verde mais deleitoso e dos traços da mais atraente beleza. No centro da abóbada celeste, em um cortejo de Espíritos brancos, o bom Juiz, que devia indicar-me o rumo do meu percurso, olhou-me com simpatia e perguntou-me se eu lamentava os últimos acontecimentos que me separaram da terra. Respondi que me guardaria muito de lhe dar ocasião para me julgar ingrato por toda essa felicidade que lhe devia desde minha chegada ao Astral, mas que deixara na terra seres cujas lágrimas me impressionavam dolorosamente. Ele me disse que vocês são daqueles que não podem permanecer na dor sem a esperança do reencontro definitivo.

Então parti e adorei o Criador, que me deu a convicção da vida eterna e da Grande Verdade dos Eleitos. Amaldiçoei-me por ter duvidado de Deus e pedi-lhe perdão, implorando-lhe também que me concedesse a graça de tirar da ignorância os seres que afligiu ao me arrancar do seu amor.

Amanhã irei dar continuação a esse maravilhoso relato, e vocês verão que é tão belo quanto no começo. Adeus, meu querido papai; vá dar à mamãe e a Colette o beijo de seu conselheiro e guia. — FRED.”

Bebendo nas fontes de todos os conhecimentos, a entidade Frederico F. fez alguns presságios. O primeiro não foi feliz: "Meu avô" – diz ele, 18 e 20 de julho de 1920 — "morrerá do coração neste mês, no dia 27. É preciso chamar a família de André para voltar do sítio".

Essa previsão foi feita mais de cinco anos atrás. O avô, de oitenta e quatro anos, ainda está vivo.

Sobre o surgimento do dom da clarividência e de cura, *o guia* fez presságios que convém apoiar com algumas citações:

“Logo você terá o poder de adiantar seu espírito como lhe aprouver, no Astral e no plano do conhecimento do mais completo avanço para o mundo pós-morte e a outra vida. O verdadeiro progresso do seu espírito irá se dar por meio da clarividência e da clariaudiência, e isso acontecerá muito em breve.

Terá um cortejo de discípulos que virão rodeá-lo para aprender seus ensinamentos. Você progredirá o suficiente para ser o guia da sociedade contemporânea. É por isso que foi vontade de Deus que sua fisionomia tivesse uma certa semelhança com a de Cristo.

Quero alertá-lo de que essa semelhança é o sinal do sentido da Divindade unido à sua pessoa.

Em breve terá o dom de fazer milagres e iniciará uma verdadeira peregrinação rumo a todos aqueles que necessitam da verdade. Então, irá primeiro para a América do Norte. Neste lugar da terra você irá se dar a conhecer pelo fervor de sua fé e pela forma de divulgá-la. Depois você irá para a colônia da famosa crioula que foi imperatriz dos franceses sob Napoleão. Ali terá a felicidade de verificar a permissão que lhe foi concedida para poder progredir no caminho da celebridade, na qual será permitido a você realizar milagres. Nunca se esqueça disso. Com a permissão de Deus, seu verdadeiro reino será na colônia de Cuba, onde adquirirá a certeza de que Deus está preparando-lhe um verdadeiro trono espiritual. Isso desperta em você o desejo de conhecer o país onde Cristo se tornou famoso ao consagrar-se à sua missão, e aí você será, como quem diz, crucificado”.

A entidade Frederico F. repetiu ao pai em várias mensagens aqueles mesmos presságios de uma missão entre os homens e da chegada de um dom de clarividência quando ele menos esperasse.

“A mediunidade de clarividência e audição ser-lhe-á concedida na manhã do último dia do ano como um verdadeiro bônus. Poderá fazer milagres e apostolado. Irá travar uma luta contra os doutores da lei, contra os Sinédrios da ciência e da filosofia. Isso o versará no conhecimento do martírio. Digo-lhe também que avançará no caminho do conhecimento da medicina e da química, e que falará aos seus contemporâneos destas duas ciências no sentido mais avançado rumo ao Astral, a ponto de curar o câncer de seus irmãos, que irão agradecer. O dia não está longe.

A missão de papai deve começar o mais rápido possível; Acontecerá em breve que poderá me ver diante dele, e predigo que isso será antes do final do ano...

Você exercerá o dom muito em breve, em todas as classes da sociedade; sua consequência será a modificação completa de sua existência. Esta missão irá levá-lo através do mundo.

Essa faculdade, meu querido papai, vai começar logo, quando você menos esperar. Você começará a me ouvir falar e a me ver, da mesma forma que começou a deixar sua mão correr sobre uma folha de papel.

...Sua mediunidade atual, querido papai, terá outra forma e você logo você a conhecerá. Será uma mediunidade muito mais admirável do que a que você desfruta hoje. Vai chamar a atenção do mundo inteiro. Ela fornecerá a você uma comunicação completa com o pensamento do mundo da terra e do mundo espiritual. Terá uma ressonância enorme, a de uma força trazida das profundezas do além. Logo a certeza da mediunidade da visão e da audição o ajudará a entender o motivo pelo qual você não pode escrever melhor agora (1).

(1) Mensagem escrita em 12 de dezembro com violentas e dolorosas sacudidas do braço. A escrita impulsiva cessaria no dia 25.

Esse estado incômodo será o início do fim do período de preparação para o seu novo estado. Em breve chegará a hora de poder se comunicar com o além. Isso acontecerá, como já lhe disse, quando menos você esperar, e por toda a sua vida você irá manter esta faculdade, que poderá aplicar em dialogar continuamente com os mortos, e sua consequência causará estranheza em muita gente; e seu procedimento para mostrá-la irá forçar a multidão a admitir o mundo espiritual. No dia 25 de dezembro esta nova mediunidade lhe será concedida."

Assim viveu Pascal Forthuny durante o segundo semestre de 1920 em incessante comércio com duas "entidades espirituais". Delas recebeu conselhos morais conforme aos evangelhos, ensinamentos filosóficos, reflexões de leituras espíritas de falsas monições e premonições, e o anúncio de que um dia seria vidente e curador.

Será que nessa época P. F. já possuía a faculdade do conhecimento supranormal?

Nada prova que fosse assim, mas também nada prova o contrário. O que se pode garantir é que ela não foi realmente solicitada. Entregue a uma espécie de laminado de sua psique, sem um verdadeiro propósito metagnômico, P. F. expressou por meio da escrita impulsiva as elaborações subscientes de seu fluxo mental como artista e como neófito espírita. Ele operou da maneira clássica com criação de personalidades. Será que alguma vez ele teve certeza da existência dessas personificações? P. F. era um artista com pouca formação

científica e talvez sem tempo nem gosto para estudar obras psicológicas sobre a gênese subconsciente de sentimentos e ideias. Em vez disso, ele acabava de se impregnar dos ensinamentos kardecianos e de perder um filho muito querido. Se sua comunicação fosse apenas com o *guia*, um mestre irascível, pretensioso e falível, P. F. teria hesitado; mas houve a intervenção do seu filho! Para um grande sensitivo, para um poderoso imaginativo, o sentimento devia triunfar sobre a lógica racional.

Dessa fase psicológica tão pitoresca dentro de sua tristeza, o psicólogo inclina-se a notar que durante ela o psiquismo de P. F. assumiu o hábito da dissociação funcional entre o consciente e o subconsciente, tão favorável às manifestações dos planos profundos do pensamento e que foi vista, através de divagações místico filosóficas abundantes, a indicação monitória ou premonitória do dom de conhecimento supranormal.

A primeira ocasião que mais tarde criou a boa condição para solicitá-lo, fez-lhe aparecer inesperadamente, como que uma água subterrânea a pressão, que uma broca fizesse surgir bruscamente.

Essa ocasião ocorreu cerca de um ano depois que P. F. perdesse sua propriedade de escritura impulsiva.

No inverno de 1921, algumas pessoas estavam reunidas em uma sala do Instituto Metapsíquico de Paris. Forthuny estava presente, bem como uma vidente, Madame de B. A certa altura, o Dr. Geley entregou uma carta dobrada a esta senhora, pedindo-lhe que declarasse aquilo que o contato com ela lhe sugerisse. P. F., de bom humor, interceptou a carta: "Não deve ser difícil – objetou ele — contar alguma coisa aplicável a qualquer pessoa", e começou a falar à maneira dos clarividentes, mas ao acaso das ideias. A carta era do sinistro Landru. O que Forthuny disse sobre ela fazia certo sentido, mas foi considerado uma feliz coincidência.

A Sra. Geley pegou um leque de uma mesa na sala de estar e o apresentou a Forthuny, dizendo: "Vamos ver se é questão de sorte. O que você sente ao contato deste objeto?"

Sempre brincalhão e não tendo outro propósito senão simular a maneira de agir dos videntes e também medir até que ponto o acaso pode favorecer, P. F. tocou no leque e exclamou: "Que é isso? Sinto uma impressão de asfixia e ouço ao meu lado: Elisa!"

A Sra. Geley ficou estupefata. Este leque viera de uma senhora idosa que morreu sete anos antes, de congestão pulmonar, e que durante esta doença utilizava-o para que lhe desse ar. A amiga que cuidava dela chamava-se Elisa.

Diante disso, P. F. começou a pensar que, mais do que escarnecedor, estava sendo escarnecido. A Sra. Geley saiu da sala de estar e voltou alguns minutos depois com uma bengala. “Eis aqui – disse ela a Forthuny – um objeto que tem uma história muito especial. Você não poderia conhecê-la; se você a contar, é que sem dúvida alguma é um clarividente.”

Desta vez — pensou P. F. — vou afundar. A sorte não pode durar indefinidamente. Entrei em um mau negócio. Vamos até o fim.”

Apalpou a bengala, e gravemente, como um artista, declamando, começou a descrever paisagens, movimento de tropas, ao longe, além do mar, para os lados do Oriente. Fala de um jovem oficial dono da bengala, do seu retorno à França por mar, do torpedeamento de seu navio... etc.

— “Está tudo correto!” — exclamou a Sra. Geley —; esta bengala pertenceu a um jovem que, como oficial, fez a campanha da Grécia. O navio em que ele estava voltando foi torpedeado. Salvo do naufrágio, adoeceu e morreu dois anos depois.

Naquele momento, P. F. experimentou uma das grandes emoções de sua vida.

O acaso — pensou ele — é um mestre admirável, ou então eu possuo uma faculdade que não suspeitava.”

Prolongando a experiência, a Sra. Geley pegou uma carta em outra sala e a entregou a F. de tal forma que era impossível para ele ler uma única palavra. F. aperta-a na mão e exclama:

“Ah, senhora! Esta carta foi escrita em uma bela cidade. É no Oriente. Há um porto, é admirável. Que vista magnífica! Que céu lindo!

A carta havia sido escrita vinte anos antes, em Constantinopla, pelo pai da Sra. Geley.

Assim manifestou-se a faculdade metagnômica de P. F. enquanto ele se divertia parodiando os clarividentes, isto é, quando se encontrou pela primeira vez em condições favoráveis para o trabalho metagnômico.

Este incidente foi divulgado imediatamente. Forthuny, clarividente, tornou-se a grande atração nas reuniões de amigos. Não havia chá ou jantar em que estivesse, onde não se pusessem à prova suas faculdades, submetendo-se a isso de bom grado, pois lhe agradava experimentar seu novo dom.

Com este exercício a sua clarividência foi afirmada, foi especificada, foi amplificada.

Acostumou-se a trabalhar diante de um número variável de pessoas sem suspeitar das dificuldades, intransponíveis para a maioria dos videntes, que iria superar.

O Sr. Juan Meyer, de quem Forthuny foi colaborador na *Revue Spirite*, compreendeu a potência de demonstração que representava esta faculdade de operar em público. Ele obteve de P. F. uma sessão semanal em "L'Union Spirite", nº 8, Rue Copernic. Ali, diante de uma assistência de mais de 100 pessoas, realizou o prodígio de circular entre elas, parando diante de umas ou de outras, revelando um ou vários episódios, alguns muito íntimos, de suas vidas ou de seus familiares. A precisão, a indiscutibilidade dos acontecimentos assim ocorridos atraíram sobre Forthuny curiosidades sempre renovadas. Inúmeras pessoas foram buscar respostas para suas preocupações secretas. Poucos foram os que, por simples interesse, assistiram ao espetáculo psico filosófico que lhes era oferecido. Nenhum psicólogo profissional se apresentou para estudar esse caso tão repleto de ensinamentos.

Muito interessado nos resultados do trabalho especial de P. F., supliquei-lhe que viesse realizá-lo no "Institut Metapsychique", para estudo. Muito feliz de ser útil à ciência, aceitou e, apesar do trabalho ser exaustivo e esgotante, deu-nos duas sessões mensais. A primeira foi em 12 de maio de 1925.

Capítulo III

As sessões públicas de metagnomia dadas pelo Sr. P. Forthuny no I. M. I. de Paris

Condições gerais das sessões.

O público destas sessões é espontâneo.

Na *Revue Metapsychique* anunciamos as datas, e os espectadores comparecem, como bem entendem, acompanhados de familiares ou amigos. Todo o mundo entra livremente no I.M.I. sem formalidades prévias, e ocupa um assento no grande salão, onde acha melhor, sem contacto com ninguém da casa, tal como quando um jornal anuncia uma conferência à qual se pode assistir sem bilhete de ingresso. Em suma, um público de portas abertas.

Na sucessão das sessões o público é quase permanente, e segue com incessante atenção o espetáculo metapsíquico dado por Forthuny; o número dos novos participantes nunca passa do 50 por cento.

Observou-se que P. F. tem predileção pelos não habituais. Isso está em harmonia com seu gosto pela novidade. Ele também é movido pelo desejo de se colocar em condição de incontestabilidade do fato metagnômico, que ficaria desacreditado pela suspeita de uma prévia informação.

O ambiente humano em que P. F. opera é tal que, pessoalmente, tenho certeza de que trabalha sobre *desconhecido*.

Por outro lado, os fatos mais interessantes que produziu referiam-se a estrangeiros de passagem por Paris, que assistiam pela primeira vez às sessões do I.M.I. Pascal Forthuny ignorava sua existência e eles próprios ignoraram até esse instante a existência de Forthuny.

O único objetivo que P. F. persegue com suas sessões é ser útil ao progresso, como lhe foi pedido.

Pessoalmente aprecio uma condição de observação de um estilo que até hoje desconheci, pelas dificuldades que o sujeito metagnômico deve salvar ao vencer os obstáculos do constrangimento inibitório das influências perturbadoras de presenças exageradamente múltiplas; devido também aos incidentes psicológicos infinitamente variados que surgem em todo o momento, fornecendo incansavelmente ensinamentos sobre a colaboração intermental subconsciente.

Para aproveitar do melhor modo esta complexa colaboração psicológica, tentei por diversas vezes explicar às pessoas do público que as sessões que lhes são dadas são, mais do que um espetáculo de demonstração, um campo de estudo do qual se aproveitam e que, portanto, ficam obrigados a ajudar este trabalho fazendo, seja em voz alta durante a sessão, ou em particular depois dela, uma exposição circunstancial dos eventos revelados por P. F. Esta é a parte defeituosa das sessões públicas metagnômicas. O sucesso do observador depende da sinceridade dos depoimentos.

Isolado em sessões particulares, o agulhão da surpresa obriga a corresponder com a veracidade à informação metagnômica comprovada. Diante de um público, especialmente se estando acompanhado de parentes ou amigos, instintivamente nega-se a verdade, por pouco que seja um assunto sobre o qual se deseja manter segredo. Muitas indicações metagnômicas fornecidas por Forthuny veem assim sua importância diminuída nas atas estenográficas das sessões, quando são respondidas por "é verdade", ou anuladas por "não entendo bem" ou "não vejo claramente" precedidas por uma expressão de surpresa e hesitação.

Muitas indicações reconhecidas como verdadeiras, mesmo que apenas em parte, só podem ser comparadas à confissão de uma realidade desvirtuada em parte. Não pode acontecer de outra forma.

Se aponto isso, é apenas para fazer compreender que o rendimento real da faculdade metagnômica de P. F. é muito maior do que aparenta, sobretudo pela adequação de suas indicações à realidade e também pela quantidade.

O número de participantes nessas sessões variava de 40 a 200 pessoas. P. F. não entra na sala antes das quatro, para começar imediatamente seu trabalho. À medida que a sala se enche, ele espera no andar de cima, isolado de todos.

Forthuny chega ante o seu público, e o examina olhando em volta. Logo sua visão detém-se em uma pessoa. Ele se aproxima dela. Às vezes solicita de maneira especial; lança uma inicial que não significa nada; um nome, um sobrenome; cita um lugar... "Enrique... Isso deixa você indiferente?", pergunta. — "Enrique é o nome do meu irmão", alguém responde, enquanto outros dizem: "Enrique é o meu nome", "Enrique é uma pessoa que tem um papel importante na minha vida". "Vou começar com o Enrique deste cavalheiro", diz Forthuny. Irei me ocupar dos outros depois. — E falando do Enrique irmão da primeira pessoa que respondeu, ele vai revelando elementos tão precisos de um episódio vivido, que ninguém pensa na possibilidade de ser uma coincidência. Outras vezes, sem perguntas, mas com afirmações imediatas e contundentes que não precisam de aprovação, ele se aproxima de alguém que, diante da exatidão do que ouve, fica mudo de estupefação. Por uma hora, P. F. se entretém assim; isso o diverte entre a plateia, dirigindo-se sucessivamente a uma dúzia de pessoas. Porém, não é em todos que ocorre a sintonia metagnômica. Ele experimenta... Efetua algumas tentativas; se não houver rendimento, ele cessa, passando de um para outro até que surge a inspiração.

Esse procedimento de não insistir em tentativas infrutíferas nem sempre foi dele. Quando veio para o I.M.I. tinha um hábito, devido — acreditava ele — à inspiração dos Espíritos. Ele dizia: "Eles me ensinam", "eles me dizem", inclinando-se a atribuir a uma influência sobre-humana o conhecimento que considerava elevado demais para a psique do homem vivo. De acordo com essa ideia, P. F. comportava-se como se o espírito inspirador, conhecendo tudo o que diz respeito aos vivos, não pudesse deparar-se com nenhuma vida individual inacessível ao seu conhecimento. Ele irritava-se por se sentir impotente diante de tal ou qual pessoa, e agarrava-se freneticamente ao desejo de fazer surgir a verdade. Para sua grande surpresa, ele só conseguia obter respostas balbuciantes e implacavelmente falsas.

Durante as duas primeiras sessões, observei, sem intervir, como ele arruinava fatos muito bonitos de conhecimentos supranormais por insistentes experimentos estéreis ou errôneos. Então eu o fiz entender que na metagnomia de objetivo humano, a fonte de inspiração encontra-se na psique do sujeito; que é uma colaboração intermental ativa, que obedece a uma física ainda desconhecida, e que ocorre como se entre o detector e o detectado precisasse existir uma harmonia vibratória. Indiquei a ele, para obter um melhor rendimento da sua faculdade, que era preferível persistir nos ensaios apenas

com aquelas pessoas com as quais o fenômeno metagnômico se manifesta imediatamente.

Convencido de que minhas observações concordavam perfeitamente com as vicissitudes do exercício de sua faculdade, que até então lhe pareciam incoerentes, P. F. tomou a determinação, e logo se congratulou disso, de cessar em qualquer tentativa no instante em que a informação não resulta verdadeira; ou então, quando o sujeito favorece seu trabalho, deter-se a partir do momento em que as indicações errôneas se sucedem; sinal de que a colaboração intermental foi desativada.

Desde a implementação desta regra, o rendimento da faculdade de P. F. não tornou a se ver viciado por falsos funcionamentos "no vazio". Ele varia suas disposições psicofisiológicas do momento e a qualidade influente das pessoas com as quais trabalha.

Como P. F. realiza essa acrobacia psicológica de fazer seu psiquismo funcionar metagnomicamente, sob a influência de outro psiquismo selecionado entre cerca de duzentas outras influências psíquicas, o rendimento é necessariamente reduzido em qualidade e principalmente em quantidade, levando em conta como poderia ser no caso de se dedicar a cada uma dessas mesmas pessoas, assinaladas como objetivo, isoladas em sessões privadas. São preferencialmente estados de alma, episódios de vida, o que F. cata aqui e ali em seu caminhar entre a plateia. Mas esses fragmentos de personalidade ou existência são muitas vezes tão claramente determinados que constituem fatos metagnômicos, de tanto valor demonstrativo e pedagógico, como se fossem amplamente continuados em todos os seus detalhes.

Chegado à exposição dos fatos, eis-me aqui em uma quase perplexidade. Parece que o melhor seria dar *in extenso* as atas (tomadas taquigraficamente) das sessões. Mas isso é praticamente impossível. No momento estou com os documentos à vista. Representam, até o momento, o material de quinze sessões e um texto de 300 páginas. Necessariamente devo limitar-me a recortar dentre elas os fatos mais instrutivos de cada sessão, quer pelas suas qualidades intrínsecas, quer pelas condições em que ocorreram. No capítulo dos ensinamentos, uma tabela estatística estabelecerá as relações de quantidade, entre os fatos comprovados, aqueles mais carregados de indicações errôneas e aqueles que foram fracassos completos.

Sessão de 17 de junho de 1925.

O Sr. Pascal Forthuny entra na sala do I.M.I., dá alguns passos no meio da multidão e para diante de um novo espectador: — Pierre, Petr..., Pter...? — diz ele.

Resposta. — Meu nome é Petroff.

P. F. imediatamente dá uma série de indicações sobre os acontecimentos da revolução russa, já sem valor, devido à confiança prematura de seu nome que o almirante Petroff acaba de fazer.

Fizeram-lhe — continua P. F. — uma proposta através de um russo ou quase-russo. Não direi completamente russo; vamos, é alguém naturalizado russo.

Disse o seguinte: “Se você quiser voltar para lá, terá todas estas vantagens; caso contrário, uma oportunidade como essa nunca mais surgirá para você.” E você recusou absolutamente.

Sr. Petroff. — De fato; recusei-me a voltar para a Rússia enquanto houver bolcheviques lá.

Sr. Forthuny. — Vieram dizer-lhe: “Os bolcheviques autorizam você a regressar para tal ou qual assunto.” Ao que você respondeu negativamente. O homem que veio procurá-lo não era russo. Ele era um delegado. Não é nem da Europa Oriental. Ele era um francês.

Sr. Petroff. — Francês ele era, de fato.

Sr. Forthuny. — Eles me fazem ver que você mudou sua rota indo pelo mar, mas não estava vindo diretamente para a França, no entanto sua firme intenção era vir diretamente para este país. Você não foi para a Grécia?

Sr. Petroff. — De fato; eu fiz uma viagem a essa nação.

Sr. Forthuny. — Eles me dizem algo que não tem muito a ver com isso. Aqui está: você não pensou em uma certa cerimônia familiar — não sei se é russa — em que há um bolo na mesa, ao redor do qual são colocadas velas? Por acaso você não teve uma conversa sobre este ponto?

Sr. Petroff. — Talvez porque esta cerimônia não foi realizada este ano; eu estava doente.

Sr. Forthuny. — E você deplorou não tê-la feito?

Sr. Petroff. — Claro; sem dúvida, foi desagradável para mim não tê-la celebrado. Foi na Páscoa e é um costume russo.

P. Forthuny, após algumas indicações relativas a várias pessoas, aproxima-se de certo indivíduo que nunca havia comparecido ao I.M.I. e que não deu seu nome até o final da reunião. O Dr. Pojarsky.

Sr. Forthuny. — Vejo você na ponte de comando de um navio. Isso responde alguma coisa?

Doutor Pojarsky. — Sim, responde a alguma coisa.

Sr. Forthuny. — Eu o vejo ao mesmo tempo — acaso sem relação com o que falei antes — no futuro ou no passado, em uma sala de conferências; mesmo não sendo professor, você fala como quem já ensina alguma coisa; tem um público que o ouve com respeito, e tudo isso ligado à ponte de comando de um navio. Você pode ver como isso é confuso. Você poderia explicar qual é o fundamento para o que acabei de lhe dizer?

Sr. Pojarsky. — Na verdade, sou médico e dei palestras a bordo, rumo a Constantinopla, à tripulação do navio que me transportava.

Sessão de 7 de julho de 1925.

P. F. entra no assunto assim: — Saúdo a todos, e peço-lhes para me libertar de algo que me tiraniza há três dias. Eu tenho a dizer algo sobre o Sr. Guanl (1). Alguém aqui se chama Guanl ou tem um Guanl entre as pessoas ao seu redor?

(1) Por discricção, o nome foi alterado, bem como a localização geográfica que será lida depois.

Uma senhora – Eu conheço alguém chamado Guanl.

A Sra. L... — Também tenho amigos chamados Guanl.

Sr. Forthuny, dirigindo-se à Sra. L... — Vou tentar ver para esse a quem você se refere. A ordem categórica que devo dar imperativamente a esse Guanl é que precisa renunciar a um projeto que nunca trouxe mais do que problemas e que levaria à catástrofe se não fosse rompido imediatamente. Isso significa alguma coisa? Não houve para o tal Guanl um projeto de união infeliz?

Sra. L... — Verdade.

Sr. Forthuny. — Então vou trabalhar com você. Houve uma fuga de uma certa pessoa.

Sra. L... — Sim.

Sr. Forthuny. — Existe a expressão de um sentimento de horror. Não estou exagerando quando uso a palavra “horror”. Pode haver uma espécie de desafeto, de cansaço das pessoas, tudo é possível; mas aqui é horror, e um horror que eu descreveria como trágico. Tudo isso representa algo nesse drama familiar?

Sra. L... — Representa, sim.

Sr. Forthuny. — Baviera? O que a Baviera representa nisso tudo?

Sra. L. — A família é originária de lá.

Sr. Forthuny. — Mostram-me a silhueta de um oficial vestido com uniforme estrangeiro. Eu juraria que ele é um inglês. Este inglês chega junto à família Guanl no dia seguinte à guerra; traz notícias de outro Guanl.

Sra. L... — Não sei...

Sr. Forthuny. — Este inglês é uma das causas de discórdia na família. Por outro lado, e isto como simples episódio, vejo a mocinha, a quem aludi vagamente há pouco, partir para um país do Sudoeste francês, país que já tinha habitado; ela está voltando, por assim dizer, para sua família.

Sra. L... — É verdade. Agora eles já estão juntos.

Sr. Forthuny. — Duas mulheres que a amaram muito, uma das quais a criou, estão esperando-a. Ela tem mãe? Não há uma mulher paralítica?

Sra. L. — Sim, mas já está morta.

Sr. Forthuny. — Vejo um lugar que bem poderia ser o Drome.

Sra. L... — Exato. Eles estão em Valence.

Sr. Forthuny. — E não há uma tentativa de duplo suicídio?

Sra. L... — É muito possível...

Forthuny faz revelações para outras pessoas, volta para o canto da sala onde a Sra. L... estava sentada..., e dirigindo-se a outra senhora diz:

— Laurent? Quem é Laurent para você?

A senhora. — Alguém da minha família chama-se assim.

Sr. Forthuny. — Você o vê com a cabeça moída, apertada como se tivesse mais de um contratempo, uma sucessão gravíssima de preocupações já reais, complicadas por um distúrbio cerebral. Não é congestão nem neuralgia, e sim algo mais sério.

A senhora. — Ele sofreu, de fato; mas não a esse extremo...

Sr. Forthuny. — Digo que ele tem esta doença na cabeça, e também uma inquietação que será causa de uma terrível exaltação cerebral. No momento, talvez isso não represente nada, mas seria muito interessante saber se o que acabei de dizer se confirma.

Sra. L... — O que você diz sobre esse Laurent, e que não parece corresponder ao Laurent daquela senhora, toca a mim pessoalmente! Esta manhã recebi a fotografia de meu pai, que também se chama assim, e que morreu de uma congestão cerebral complicada por amargas preocupações. Justamente esse Sr. Guanl, de quem você acabou de falar, é quem me enviou essa fotografia.

O Sr. Forthuny dirige-se a outra pessoa.

— Maria não é um nome que significa algo para você? — diz a ela.

Sra. X. — Conheço várias com esse nome.

Sr. Forthuny. — Não vou dizer que ela se parece com você, mas você faz lembrar dela.

Sra. X. — Há, de fato, uma que é parecida comigo.

Sr. Forthuny. — Para definir seu caráter, direi que é extremamente doce.

Sra. X. — Justamente.

Sr. Forthuny. — Cruel amargura sofrida com resignação, e eu diria quase com uma resignação cristã.

Sra. X. — Sim.

Sr. Forthuny. — Eu ia dizer um prazer de martírio, a aceitação serena do sofrimento sem qualquer tipo de acrimônia, seja contra quem for...

Sra. X. — É isso, sim.

Sr. Forthuny. — E no entanto, próximo a ela, uma causa de irritação nervosa, de impaciência.

Sra. X. — Verdade.

Sr. Forthuny. — Esta causa, nos últimos tempos, traduziu-se em um certo medo. Poderia, de repente, se apoderar dela a ideia de dizer: "Ei-lo aqui! Aqui está!" É como o temor daqueles que chegam atrás da porta.

Sra. X. — Exato.

Sr. Forthuny. — É que estava com medo de certa fofoca.

Sra. X. — Ela tem sofrido muito por causa disso.

Sr. Forthuny. — Você conhecia a fofoqueira?

Sra. X. — Sim.

Sr. Forthuny. — Considerável perda de peso nesta mulher. Consunção lenta. Como resultado, cura inexistente... Ela morava em províncias. Espartilho especial... cintura.

Sra. X. — Sim.

Sessão de 18 de novembro de 1925.

Assim que chega, o Sr. Forthuny dirige-se a uma pessoa que frequenta o I.M.I. pela primeira vez, que acaba de chegar à França há poucos dias, e que só eu conheço dentre os presentes, tanto pelo nome quanto por suas funções. Posso dizer agora mesmo que é o Dr. Papp, editor do *Neun Wiener Journal* em Viena.

Sr. Forthuny. — Eles me falam uma língua meridional e uma língua nórdica ao mesmo tempo. Você fala alemão?

Sr. Papp. — Eu falo.

Sr. F. — Seus trabalhos são uma mistura de cultura alemã e de investigações meridionais.

Sr. P. — É verdade. (*Após a sessão, ele acrescentou:*)

Falo espanhol, francês, italiano e conheço a literatura desses povos.

Além disso, sou, em termos de estudos, o que se chama de "romanista".

Sr. F. — Seu caso é extremamente interessante. Vejo em você como que um modo de conjugação da lógica, do espírito crítico alemão, ou se preferir, germânico e nórdico, para falar com propriedade e recolher uma expressão que exige que você se refira não só à Alemanha, mas ao brilho da luz, da luz meridional ademais. Não me surpreenderia você escrever obras. Tomarei dois exemplos definidos por certos sobrenomes: Lessing e Leopardi.

Sr. P. — Lessing foi minha tese de doutorado, que tratou da "Influência de Voltaire sobre Lessing".

Sr. F. — Então, na sua tese já havia uma tentativa de conciliar a mentalidade alemã com a meridional, já que era francesa. Mas agora você vai ainda mais longe. Há algo de italiano ou espanhol que o obriga em sua vida a um ensaio conjugativo do "ya" e do "sí".

Sr. P. — De fato. (*Depois da sessão ele disse:*) Eu fiz isso cinco anos atrás.

Sr. F. — Você conhece Heidelberg? E "Zum Ritter"?

Sr. P. — Conheço "Zum Ritter" em Heidelberg.

Sr. F. — Você conheceu um certo Hugo lá?

Sr. P. — Sim, um amigo chamado Hugo.

Sr. F. — Vera... é uma jovem russa que você conheceu...

Sr. P. — Conheço uma russa, mas ela não é Vera.

Sr. F. — Talvez fosse Era.

Sr. P. — O nome dela é Ara.

Sr. F. — Talvez tenham me dado esse nome para fazer você dizer que essa mulher russa existe. Ela é uma pessoa que pareceria ter saído de um túmulo, porque estava mortalmente doente. Era uma doença completamente mental, um grande tédio de tudo, um imenso desespero da humanidade. Hoje ela se reconhece salva por uma certa obrigação de ser útil a uma ideia que desconhecia e à qual agora se dedica inteiramente.

Sr. P. — A primeira parte é verdadeira, a segunda é menos.

Sr. F. — Você quer aceitar o prognóstico de que tal pessoa deve falar em público.

Sr. P. — Ela é uma atriz que debuta, então é possível. (*Após a sessão ele acrescenta:*)

Esta jovem teve uma doença gravíssima há algum tempo e era atacada por grandes crises de melancolia, que chegaram a preocupar. Talvez a ideia de que fala o Sr. Forthuny esteja relacionada com a sua nova profissão de artista, à qual se entrega com grande entusiasmo.

Sr. F. — Ekhart? Esse nome lembra-lhe alguma coisa?

Sr. P. — Pertence a um velho amigo, atualmente professor da Universidade. Não tornei a pensar nele há vários anos.

Sr. F. — A igreja de Santa Margarida? Você não tocava um instrumento naquela igreja? Não? Vou deixá-lo, porque considero esgotada minha facilidade com relação a você.

Forthuny dá algumas voltas pela sala e dirige-se a uma senhora que comparecia ali pela primeira vez, apresentada por uma amiga.

— Dê-me a sua luva, senhora. O que é isso sobre Luís e Gabriel? Pessoas da sua família?

A senhora. — Conheço um certo Luís, filho de uma das minhas amigas.

Sr. Forthuny. — Não é isso. (*Olhando para a luva que segura nas mãos.*) Isto deveria me dar a impressão de preto e, ao contrário, me dá a impressão de branco; o que estou dizendo certamente não faz nenhum sentido, mas vou tentar encontrar um. Veja este objeto. Considero-o como se fosse um bloco feito de vidro e não de pele. Não vejo bem onde irei parar, mas continuo. Seu marido sofre de opressão?

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Acredito que essa opressão deve ser cuidada. É robusto?

A senhora. — Bastante robusto.

Sr. F. — Quanto a este objeto, ele fica cada vez mais brilhante, tanto em sua radiação quanto em sua luminosidade. Essa opressão continua me preocupando, o que tanto me choca, mas preciso conseguir algo com esse objeto cada vez mais luminoso, e há o aspecto da saúde, que ao mesmo tempo me obceca. Por favor, note que eu não me sentiria consolado se a alarmasse. Não é esse o caso. É um simples aviso para tomar precauções. Você sofre dores? Você tem entorses musculares?

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Vejo este objeto sendo reduzido, reduzido e esculpido; assume um aspecto geométrico que, por outro lado, me chamou a atenção desde o início;

diminui e agora adquiere a forma de uma pedra lapidada, de um diamante. Se eu quisesse dar a você um apelido, seria *Senhora Diamante*... Ganho!... gritam-me... ganho!... fortuna!... diamante!...

A amiga da senhora em questão. — Tudo o que você diz é absolutamente verdade: o marido desta senhora vende diamantes nos grandes mercados, e na hora em que você ia falar, ela acabava de se queixar de uma dor aguda no pulso, que a aflige com frequência.

Sr. F. — Não estou satisfeito. Qual é o alcance que a palavra *ganhar* tem em sua vida?

A senhora. — Meu nome é Gagnerot.

A Sra. Gagnerot, depois disto, escreveu ao Sr. F. para lhe dizer que seu marido estava em negociações para vender sua casa para certos americanos, precisamente durante a sessão em que ele estava falando com ela, e que a casa foi vendida de forma inesperada e vantajosa.

O Sr. F. dirige seu olhar para o fundo da sala e, apontando para um homem de pé, exclama:

— Para o cavalheiro que está ali em pé, não vejo nada além de uma imagem. O seu vulto destaca-se sobre uma imensa arca, que é um cofre de riquezas e nada mais. É escuro, muito forte, e vejo-o de novo diante deste cofre. Não faz isso algum sentido?

O cavalheiro. — Sou banqueiro. (Era o Sr. Leroy-Dupré, banqueiro em Paris. F. e ele nunca se tinham visto antes.)

O Sr. F. revela incidentes de sua vida a alguns outros espectadores e, voltando-se para o Sr. Papp, diz:

— Você tem duas ocupações completamente diferentes.

Sr. Papp. — É verdade.

Sr. F. — Eles falam assim para você: por que você se obstina em querer fazer entender a essa turma de franceses, completamente incapazes de consegui-lo, o que você quer fazer-lhes entender? Comunicam-me o nome de Cachin.

Sr. Papp. — Sou jornalista, além de escritor, e há dois dias recebi a ordem de minha redação para entrevistar o Sr. Cachin. Isto é maravilhoso!

Sessão de 2 de dezembro de 1925.

O Sr. F., no início da sessão, sem se dirigir especificamente a ninguém, diz:

— Ouço como que o barulho de uma grande prensa tipográfica. Estou atordoado com o barulho das máquinas nos porões. São duas da manhã e há um forte cheiro de tinta de impressão.

Há um homem que sai de seu escritório, desce aos porões da casa para ver o que se chama de "formas" de um jornal. Levam meu pensamento para jornal *Le Matin*, do qual, em tempos, fui colunista. Não creio que haja nenhum jornalista do *Matin* entre os presentes, a julgar pelo que me contam sobre o *Matin*. No entanto, há um homem aqui que tem uma função importante em um jornal, ao qual deve descer às duas da manhã para ver as "formas".

Dirige-se a um cavalheiro que ninguém conhece e que chega pela primeira vez ao I.M.I. Pegando em sua mão:

—...Dão-me um L maiúsculo... Há neblina, há água, há barcos..., cheira a produtos de empório, água amarela, cinza. Você desce às duas da manhã para ver as "formas", justamente você. Você é belga? Quem é Lanoi? Você está em um navio? Você acende charutos antilhanos, ou não sei o quê, com capitães de navios, em um clube? Você encontra capitães mercantes em um clube onde lhe dão um charuto? Herick? Esse é o nome do capitão? Você perdeu uma aposta em um círculo? Vejo um grande porto cheio de fumaça e mercadorias, é Amberes. Você é redator do *Matin*, cavalheiro?

O cavalheiro. — Sim, sou.

Sr. F. — E Lanoi?

O cavalheiro. — Falta uma letra.

Sr. F. — Muito bem, coloque-a.

O cavalheiro. — Meu nome é Landoy.

O Sr. Landoy é redator-chefe do jornal *Le Matin*, de Amberes. Só depois da sessão lembrou que muitas vezes acontece de ele se encontrar no círculo francês de Amberes com um velho armador, com quem costuma jogar bilhar. A aposta do jogo é sempre "um charuto".

O Sr. F., depois de ter feito algumas revelações a outras duas pessoas, aproxima-se de um sujeito e diz a ele:

— Quanto ao senhor, precisa destruir a segunda metade de um trabalho cuja primeira parte lhe pareceu insuficiente; você precisa começar o trabalho novamente.

O cavalheiro. — Perfeitamente.

Sr. F. — Como indicações gerais, você deve temer o verdadeiro perigo de progredir, apesar das aquisições quase positivas que o satisfarão mais do que as

especulações do passado; ir, digo, para a psicologia da dúvida máxima, que poderia arrastá-lo — é muito delicado — para a reforma de todos os sistemas nos quais você se baseia e renunciar totalmente a tais especulações do espírito.

O cavalheiro. — É isso mesmo. De fato, cheguei a um atoleiro crítico. O que você me disse agora aplica-se ao futuro e é possível. Fiz uma primeira parte que destruí, e estou fazendo uma segunda parte agora, que provavelmente destruirei também. Por outro lado, tenho me comprometido em pesquisas psicológicas em um terreno muito positivo, como você disse, e cheguei a um vácuo que me conduz à dúvida. Agora já me desembarcei da dúvida e voltei para um terreno positivo.

Sr. F. — É especificar demais dizer-lhe que eram arquivos religiosos? Que é uma exegese? Você tem trabalhado com Santo Agostinho? Não subiu ao Monte Cassino? (1).

(1) Famoso porque São Bento colocou nele os alicerces de seu mosteiro. — (N. T.)

Tem frequentado domínicos, gente de batina? Entre você e um doutor da Igreja, não houve um pugilato espiritual no qual vocês chegaram às vias de fato?

O cavalheiro. — Isso é exato. Chegamos às vias de fato.

Sr. F. — Havia outro, barbudo. Era São Paulo? Disseram: Bata em um sino rachado e o sino cairá aos seus pés, e verá ante si o sino se destacar como se você o tivesse tocado violentamente na porta de um mosteiro, e por um grande milagre ele não irá matar você.

O cavalheiro — Disseram-me algo relacionado a isso. Antes você disse que havíamos chegado às vias de fato; aquele senhor é católico e eu sou um espiritualista tolerante e não um católico intransigente. Ele me disse: “Se você pretende resolver o problema com o espiritualismo amplo, você irá fracassar. Não tem solução; portanto, tente tocar um sino e este cairá em sua cabeça com risco de matá-lo.” Quanto a São Paulo, leio muito, mas não retenho os nomes dos autores e é possível que tenha plagiado algo de São Paulo.

Sr. F. — Eis o que estou vendo. Como é que você, tão afastado da sala de laboratório e da clínica, está com pessoas que vão ser operadas de doenças da cabeça e trabalhando com os clínicos?

O cavalheiro. — É muito curioso. É uma premonição pela metade, porque eu trato de psicologia, então estou às vésperas de ir para um hospital onde tratam de doenças mentais.

Sr. F.- Você vai lidar com as circunvoluções do cérebro e tudo o que se relacionar biologicamente com seus estudos.

O cavalheiro. — Isso é coisa feita, mas devo continuar.

O Sr. Forthuny dá alguns passos pela sala, detém-se diante de um grupo de pessoas e diz:

— Há alguém aqui a quem se tenha praticado uma punção sob as costelas para curar uma pleurisia?

Sra. C. — Sou eu.

Sr. F. — Você não fez uma ascensão em dirigível? O mês de julho lhe interessa?

Sra. C. — Sim, foi em julho quando tive pleurisia.

Sr. F. — É puramente simbólico. Eu vejo você um verão, em uma altura, atordoada de vertigem; isto é, em uma situação em que você está prestes a perder a consciência, a coragem e todo o controle de si mesma. Você perde a fé na vida porque é colocada em uma situação determinada por circunstâncias tais que você sente uma vertigem formidável e diz para si mesma: “É o final...”

Sra. C. — Eu tive essa sensação e pensei que se a vertigem durasse mais um minuto, eu morreria.

Sessão de 16 de dezembro de 1925.

O Sr. Forthuny, após fazer algumas indicações a uma senhora sentada num canto da sala, dirige-se ao vizinho dela:

— Quanto a você, teve uma ambição que se assemelhava a uma espécie de fé em um certo gênio que existe dentro de você.

O cavalheiro. — Já tive, mas perdi a fé.

Sr. F. — E não é verdade que um homem, que de perto ou de longe tem contato com o mundo eclesiástico, já lhe fez observações severas, convidando-o a ser modesto?

O cavalheiro. — Observações, sim, mas não severas. De fato, essa pessoa tem contato com o mundo eclesiástico.

Sr. F.—Ele lhe disse: “Tenha confiança em Deus, que pode ajudá-lo, mas não na proporção que você pensa.”

O cavalheiro. — De fato, é isso, mais ou menos.

Sr. F. — Vejo você escrevendo e anotando coisas como axiomas, pensamentos, uma estrutura, em suma, para uma obra de maior envergadura. Tiraram-lhe tudo isso e você acredita que o destruíram.

O cavalheiro. — De fato, fiz algumas anotações, mas ainda estão comigo.

Sr. F. — Adriana...?

O cavalheiro. — É o nome de uma de minhas irmãs.

Sr. F. — Veja bem; talvez seja simbólico, mas deve ser fácil de interpretar – estou vendo esta Adriana segurando no alto umas grossas cortinas pretas e, abrindo-as sobre uma janela, vira-se para alguém que está doente na cama e diz: “Convence-se de que há luz?” O que isto significa?

O senhor. — Isso responde a algo, mas não simbólico. Estive gravemente doente com gripe no ano de 1913; foi minha irmã quem cuidou de mim, e eu pensei que ia morrer, a ponto de ter visão turva e como que uma cegueira temporária. É verdade que minha irmã me disse quando abriu as cortinas: “Está vendo como há luz?” Não é, então, simbólico, e sim real. Mas eu tinha esquecido completamente esse assunto que você me faz recordar agora.

Sr. F. — A ideia de luz não acabou. Pode nos levar muito longe na intimidade de sua família. Parece como se suas duas irmãs tivessem uma espécie de missão: trazer claridade para a família, pois vejo as duas - isso é essencialmente simbólico – com a mão assim e, entrando na casa, situam-se diante dos outros, que já não acreditavam na felicidade e falam: “Vocês devem se amar; é preciso voltar a acreditar na vida.” Não houve entre vocês certos desacordos familiares onde caiba apreciar a utilidade de uma intervenção para restabelecer a ordem?

O cavalheiro. — Exatamente.

Sr. F.—Suas irmãs acrescentam: “Eis o motivo pelo qual a paz deve reinar.”

O senhor. — Aceito o augúrio (1).

(1) Esta sessão ocorreu em 16-12-1925. O Sr. C. me informa que no dia 25 do mesmo mês, por ocasião do Natal, suas irmãs apaziguaram um desentendimento familiar temporário, mas violento.

Sr. F. — Quem é Arturo?

O cavalheiro. — Arturo é meu irmão mais velho.

Sr. F. — Posso dizer-lhe: “Ele era seu irmão mais velho.” Algo aconteceu. Vocês não se davam bem?

O cavalheiro. — Ele abandonou a família e há anos que não manda notícias.

O senhor Forthuny passa por outro senhor, vizinho do primeiro e o faz lembrar de uma pequena altercação que teve há pouco em um café do bairro latino:

“A letra D maiúscula.”

O cavalheiro, que assiste à sessão pela primeira vez. — É a inicial do meu sobrenome.

Sr. F. — Também vejo algo de música em relação a você.

O cavalheiro. — Sou músico.

Sr. F. — Vejo uma coisa estranha, até engraçada: você sobe uma escada estreita, feita de tábuas, e através das tábuas dá para se ver o que está embaixo. Tudo está muito sujo, empoeirado, escuro. Eles desligaram. Você está muito chateado porque eles desligaram.

Aí você chega em um patamar e não me atrevo a dizer que você tropeça em alguma coisa. Você conhece bem o lugar e a disposição dos objetos e, no entanto, tem uma certa apreensão. Alguma coisa ali foi mudada naquele dia. Mostram-me um arco de violoncelo caído no chão. Também me indicam o violoncelo apoiado. Você tem o pensamento de que pode estar quebrado.

Sr. D. — A escada, o lugar no alto, empoeirado e escuro, é um estrado de uma capela, onde faço música. Na verdade, aquilo é muito sombrio e a gente corre o risco de quebrar a cabeça. Existem degraus que levam à capela e aquilo é muito perigoso. A gente pode tropeçar nas bancas e em tudo. Quanto ao violoncelo, é simbólico que você o veja como que abandonado, porque justo nesse dia ele faltava e pessoalmente fiquei muito chateado por o violoncelo não ter estado lá.

O Sr. Forthuny se afasta do canto onde o Sr. D... acabava de falar, caminha um pouco entre os presentes e, chegando ao outro extremo da sala, para diante de uma senhora e lhe diz:

— “Você exala um odor complexo. Você não esteve nas colônias? (Negativa da senhora.) Você tratou de assuntos relativos às colônias? Cheira a perfumes estranhos. Você não recebe cartas das colônias? Correspondência que você deve classificar. Mostram-me uma serpente... Por acaso você gosta de brincar com serpentes?”

A senhora. — Nada disso se refere a mim.

Sr. Forthuny. — Então vou deixá-la. É muito ridículo errar assim.

(Após a sessão. — Lady Clerk, que passava por Paris e se achava presente naquela sessão, sentada exatamente atrás do Sr. Forthuny enquanto ele falava com a senhora acima indicado, veio dizer-me: “Acho que fiz mal em não avisar o Sr. Forthuny que o que ele atribuía à senhora à sua frente referia-se a mim, que estava atrás dele. É verdade que passei grande parte da minha juventude nas colônias e tive cobras domesticadas, com as quais gostava de brincar.”)

O Sr. Forthuny, dirigindo-se a outra senhora sentada a algumas cadeiras de distância, disse-lhe: “É um assunto olfativo o que me tem impressionado. É como se você tivesse derramado um perfume. Não estou me referindo a um perfume que você está usando agora. Falo de um evento semelhante ao derramamento de um frasco de Chipre. Isso aconteceu uns quinze dias atrás.”

Sra. X. — Não.

Sr. Forthuny. — Meu ponto de partida é uma ideia de perfume e termino com uma ideia de apreciação do valor de uma coisa, de sua qualidade. E vou mais longe: o que você faz, senhora, é comparar o cheiro moral de uma pessoa. Como você vê, me afastei do frasco de Chipre. Neste momento você estuda um caráter. É sensível, não podemos fazer nenhuma inspeção sobre esse assunto por ser tão íntimo. Você está fazendo a experiência de ver como um caráter fica desnaturado, da mesma forma que fica desnaturado um perfume quando é derramado e você sente ansiedade para saber até que ponto ele irá perder seu aroma. Neste momento você está acompanhando a evolução de um indivíduo cujo perfume se transforma em algo menos agradável. Não sente a angústia de ver alguém transformar-se num sentido decadente a ponto de o perfume se tornar impossível? É um trabalho de observação ao seu redor que se aplica a uma pessoa.

Sra. X. — É difícil para mim responder.

Sr. Forthuny. — Você está contemplando como uma alma é desnaturada no sentido do mal. Diga sim ou não.

Sra. X. — É muito difícil responder.

Sr. Forthuny. — Desculpe-me; eu não continuo, já que você não pode responder. Em particular eu iria mais longe.

Sessão de 13 de janeiro de 1926.

Forthuny dirige-se imediatamente a uma jovem que está vindo ao I.M.I. pela primeira vez.

— Ao passar, ouço me dizerem “Butterfly”. Não sei porque. Essa palavra, que em inglês significa borboleta, tem alguma importância para você na sua vida? Você nunca foi chamada de “butterfly”? Não há nenhum episódio em sua vida em que esta palavra inglesa tenha desempenhado um determinado papel?

A senhora. — Não.

Sr. Forthuny. — Procure você mesma. Se encontrar, me diga. A Inglaterra não significa nada para você?

A senhora. — Sim...talvez...

Sr. Forthuny. — Em forma de imagem, em forma pictórica, simbólica, vejo borboletas vindas da Inglaterra e em sua direção, como pensamentos afáveis. É uma história e tanto. Você tem mantido correspondência com esse país?

A senhora. — De fato.

Sr. Forthuny. — Nela vejo uma troca de borboletas cinzentas, tristes, melancólicas, às quais respondiam, indo de uma costa a outra, borboletas mais alegres e em certo modo consoladoras. Interpreto isso como se fosse uma correspondência em que você ou seu correspondente tivessem que encorajar a outra vítima de uma angústia moral, de uma tristeza profunda. A referida correspondência tem um caráter bastante leve e amigável e nada reeducadora, uma espécie de paquera que não quer aparecer como um endireitador para tal estado de espírito.

A senhora. — É verdade e, aliás, muito recente.

Sr. Forthuny. — Esta imagem das borboletas é curiosa. Vejo esses insetos de tristeza partindo de uma alma, e outros mais alegres saindo de outra alma. E isso realiza-se de maneira tão encantadora que ninguém diria que é feito por um moralista, mas, ao contrário, por um amigo que parecesse dizer: “Veja, tudo é cor-de-rosa”.

A senhora. — É verdade.

Sr. Forthuny. — Ainda posso dizer-lhe mais uma coisa. E não querendo me permitir a liberdade de ir mais longe nesta demonstração pública — é um assunto muito íntimo — direi portanto, que a verdadeira cura sentimental e mental não está completamente terminada. Resta um ponto sem esclarecer nesta troca de queixas e consolações. O principal problema desse estado mental fica em suspenso e o futuro será seu juiz.

A senhora. — É exato.

(Por causa da intimidade do fato, a concordância entre as indicações anteriores e a realidade não pode ser publicada. Só estou autorizado a dizer que de oito dias atrás havia uma troca diária de correspondência entre esta senhora e um homem que vivia na Inglaterra. As cartas tristes saíam da França, as reconfortantes vinham da Grã-Bretanha.)

O Sr. Forthuny se aproxima de um cavalheiro que é completamente desconhecido para ele e que está participando pela primeira vez. Pega sua mão e diz: “É estranho, mas eu vejo você com barba.”

O cavalheiro. — Eu já usei.

(O senhor assim interpelado era o Sr. José Almira, hoje diretor da revista *Les Cahiers de la Femme*. Este senhor, agora completamente barbeado, usou barba continuamente de 1917 a 1922, período onde se situam os incidentes que o Sr. Forthuny ia fazê-lo reviver.)

Sr. F. — Você usava essa barba à semelhança de alguém que você amava muito?

Sr. A. — Não.

(Após a sessão, ele explicou: “Deixei a barba crescer a pedido de minha esposa, que gostava de ver rostos masculinos adornados com suas barbas. Raspei por despeito após uma discussão conjugal.”)

Sr. F. — Ninguém o chamava de HERMANO? (1).

(1) Esta palavra no original francês vem em espanhol.

Sr. A. — Sim.

(Após a sessão ele acrescentou: “Tive um amigo muito próximo, um verdadeiro irmão em espírito, que de vez em quando me chamava assim em espanhol.”)

Sr. F. — Parece um espanhol.

Sr. A. — Exato.

Sr. F. — Comunicam-me “o contrabandista das Ideias”. Não lhe trouxe novas ideias de além das montanhas? Isso carece de sentido, por acaso?

Sr. A. — Não carece dele.

(Após a sessão completa: “O meu amigo era um grande militante nos grupos de “fãs” a favor das touradas com morte. Fez-me participar na campanha contra o Município de Marselha, que se recusava a aceitar a execução do lance de matar. Talvez este seja o sentido que caiba aceitar para a expressão do Sr. Forthuny.”)

Sr. F. — Agora me comunicam “o anarquista”. Você tinha um amigo que já morreu e que tinha essas ideias contrárias a todas as constituições sociais?... Isso é verdade?

Sr. A. — É.

(Após a sessão ele disse: “O meu amigo, aquele de antes, professava ideias filosóficas anarquistas. Mas ele não era um anarquista de ação. Ele faleceu? Eu não sabia. Ele estava muito doente quando o perdi de vista.”)

Sr. F. — Falam-me em espanhol. Ele conheceu espanhóis? Conheceu Ferrer?

Sr. A. — Sim, ele conheceu vários espanhóis, e talvez Ferrer.

Sr. F. — Tudo isso tem a ver com a cidade de Barcelona, que está me obcecando por causa de Ferrer. Comunicam-me: “Que bússola tão admiravelmente sensível é este homem!” Seu amigo, o anarquista, era um valor positivo?

Sr. A. — Sim, era.

(Após a sessão ele disse: “Este amigo era um grande intuitivo que às vezes agia instintivamente, sem motivo, no tocante às pessoas, e sem se enganar. Ele tinha

uma inteligência muito profunda e deixou uma grande reputação como orador em todo o Meio-dia.”)

Sr. F. — Por que o apresentam a mim como se estivesse dilacerado, ferido, nesta região? (Apontando para os lados do seu corpo). Espera, vou te mostrar uma coisa. Ele fazia assim. (Forthuny faz o gesto de apertar a cintura.) Será a ideia de impor grandes privações a si mesmo que traduzo por esse gesto vulgar de apertar a cintura?

Sr. A. — Com certeza.

Sr. F. — Eu disse que ele se impôs grandes privações, e acrescento que foi em benefício de duas coisas: uma ideia e uma pessoa, que afinal não era digna dele, e que em sua vida, embora afastada dele, representava um grande papel, isto é, ocupava uma posição importante e talvez um tanto secreta. Você está ciente disso?

Sr. A. — Não estou.

(Após a sessão: “O meu amigo era professor. Abandonou o ensino para se dedicar a um intenso proselitismo para a emancipação proletária. Ele cativava as multidões. Seus pais se opuseram a esse abandono do professorado. Eles não vieram em seu auxílio e, como resultado, ele arrastou uma vida materialmente miserável por muito tempo. O pouco dinheiro com que contava tinha de ser dado à mulher, divorciada.”)

Sr. F. — Vejo numerosos escritos classificados em pacotinhos e correspondentes a outros tantos assuntos tratados e perfeitamente atualizados. Eles estão exatamente entre você e ele. Não existiu como que uma forma de colaboração, uma ordenação de atas e reuniões secretas?

Sr. A. — Sim, senhor.

(Após a sessão explica: “Meu amigo e eu havíamos estabelecido projetos de natureza literária e jornalística através dos correios. Eu os conservo. Em 1919 tivemos uma comunidade na ação política e, por tal motivo, frequentes reuniões verdadeiramente secretas, das quais eram lavradas atas.”)

Sr. F. — Estão me comunicando ‘Francisco’ e colocam-me em Barcelona, na Rua São Francisco, lugar onde justamente moram os anarquistas. Eu sinto que algo estranho está sendo feito no meu pescoço. Eu o vejo nadar, afastar-se em direção a um lugar perigoso. Algo estranho é feito no meu pescoço novamente. Meu Deus, não quero nem pensar que ele foi executado!

Sr. A. — Não creio que isso acontecesse.

(Após a sessão: "Meu amigo tinha ido para Barcelona; mas acho que ele não se deu bem com os anarquistas de lá. Ele morreu? Não sei; mas vou descobrir.")

Sr. F. — Você já esteve na Inglaterra?

Sr. A. — Sim.

Sr. F. — Você não acredita que ele morreu? Morreu, sim.

Sr. A. — Não soube nada.

Sr. F. — Ouço dizerem-me que é de se lamentar a profunda desavença após o grande acordo entre os dois. Vocês tiveram uma discórdia radical?

Sr. A. — Sim, tivemos.

(Após a sessão acrescenta: "Discordância absoluta com rompimento de todos os laços, incluindo a nossa correspondência.")

Sr. F. — Ele tinha uma pronúncia muito estranha?...

Sr. A. — Sim, tinha.

Sr. F. — Esse sotaque não combina com nenhum idioma.

Sr. A. — Exatamente.

(Após a sessão ele diz: "Meu amigo tinha um sotaque meridional extremamente pronunciado, que lhe dava uma fala muito musical, o que entre as multidões do Meio-dia aumentava seu poder persuasivo de grande orador.")

Sr. F. — Este homem falava vários dialetos, e acho que notei até algumas gírias.

Sr. A. — Exato.

(Após a sessão acrescenta: "O meu amigo falava inglês, alemão, espanhol, francês, italiano, e também o dialeto do Sudeste da França (Altos Alpes), que não é o Provençal e não pode ser considerado como uma língua.")

Sr. F. — Você tem alguns documentos escritos dos quais deve fazer um extrato, reduzindo cada três páginas a uma só; ou seja, uma síntese, uma condensação de tudo isso. No conjunto desse trabalho, ficou combinado que você deveria fazer um histórico? Sr. A. — Sim.

Sr. F. — Você já o sintetizou? Você já reduziu cada três páginas a uma só?

Sr. A. — Muito menos.

(Depois da sessão explica: "Tínhamos planejado publicar um histórico de documentos políticos e literários; tínhamos também passado para o papel as bases sintéticas de uma ação; era preciso reduzir na proporção de quinze para um.")

Sr. F. — H... R..., ri... ri... H... R... Não vê sentido nisso, Ricardo?

Sr. A. — Não.

Sr. F. — Bulevar do Port-Royal. Você foi com ele ao Bulevar do Port-Royal. Lá ele prudentemente embrulhava sua doutrina como em um papel. Vejo você nesse lugar. Os muros são muito altos, é inverno e vocês dois estão lá. Há árvores sem folhas. E ele faz este movimento (Forthuny faz grandes gestos envolventes). Parece que, com a batuta na mão, ele dirige graciosamente seu pensamento.

Sr. A. — Então não se trata do mesmo homem.

(Após a sessão, ele amplia: “A mudança de personalidade mencionada pelo Sr. F. é muito curiosa. Ele antes estava falando de um amigo que eu não vejo há cinco anos, e de repente ele me leva a uma cena vivida um ano atrás. H ... R ... Ri ... isso faz sentido. É sobre Han Ryner, com quem, após sair de uma conferência que ele acabara de dar, eu caminhava no ano passado, no final de novembro, pelo Bulevar do Port Royal. H. R. falava-me das suas doutrinas filosóficas fazendo gestos envolventes, como se tivesse uma esfera entre suas mãos.”)

Afastando-se do Sr. Almira, Forthuny aponta o dedo para um homem que está em pé no fundo da sala e diz a ele:

— Você não vai ficar em Paris por muitos anos, mas por alguns dias; mostrem-me um grande envelope. Você desenha a letra S de forma singular e depois escreve 19. O que significa? Vai partir no dia 19?

O cavalheiro. — De fato.

Sr. F. — Você disse a um certo Sr. S. que permaneceria em Paris até o dia 19, e indicou a ele sua residência.

O cavalheiro. — Isso é exato.

O cavalheiro a quem Forthuny se dirigia era o Sr. Mongel, um industrial de Bayon. De passagem por Paris, escreveu no dia anterior ao Sr. S. para lhe dar o endereço de seu hotel e avisá-lo de que partiria no dia 19.

Sessão de 27 de janeiro de 1926.

Cerca de 60 pessoas participam.

Nesta sessão, Forthuny faz seis ensaios metagnômicos com seis pessoas diferentes.

Primeiro teste. — O Sr. F. dirige-se a um cavalheiro que veio pela primeira vez:

— Jacki e Jacques, o que significam para você?

— Eu conheço um Jacques, mas nenhum Jacki.

Sr. F. — Você não fez uma travessia com esse Jacques? Você não seguiu com uma simpatia curiosa o que poderia ser na vida daquele homem o equivalente a uma travessia muito imprudente empreendida por ele? Uma aventura singular que fez você sentir um pouco de medo por Jacques?

O cavalheiro. — O Jacques em que penso é uma criança.

Sr. F. — É outro Jacques, unido à ideia de Inglaterra. À ideia de uma mudança de orientação na vida do referido indivíduo, que tem relação com o teatro ou a literatura. Algo relacionado a páginas escritas. Você não vê? Insisto um pouco, porque acho que não estou longe do fio que nos permite encontrar a meada.

O cavalheiro. — Não vejo nada. O Jacques em que penso é uma criança que não tem relação com o teatro, pelo menos por enquanto.

Ao lado desse cavalheiro estava uma dama, a Sra. O., para quem as palavras de Forthuny faziam sentido. Ela não se atreveu dizer ali que era algo que tinha a ver com ela. Após a sessão, ela veio me confidenciar que sua filha, atriz, era casada com um homem chamado Jacques, que havia viajado pela Inglaterra tentando orientar sua vida de uma maneira diferente.

Não obtendo a confirmação de suas palavras, P. F. sai do ponto de partida, Jacques... teatro... Inglaterra... e dirigindo-se sempre ao mesmo cavalheiro, continua:

— Sem indiscrição, você tem horror a tudo que é vulgar?

O cavalheiro. — Sim, em geral.

Sr. F. — Frequenta de preferência pessoas em quem a distinção chega ao ponto da altivez.

O senhor. — Evidentemente. Prefiro gente fina.

Sr. F. — Essas pessoas são altivas e colocam barreiras muito difíceis de transpor entre elas e as pessoas com ideias comuns.

O cavalheiro. — Talvez...

Sr. F. — Não tenha vergonha de aceitar o papel que eu acho que devo atribuir a você em tais centros. Você não é visto como um príncipe, mas é bem considerado. A franqueza é indispensável: trabalhamos, estamos no laboratório. Você é admitido lá como uma pessoa de alta mentalidade. É exato?

O cavalheiro. — Acho que não. Não acredito ser considerado como uma mentalidade.

Sr. F. — Em certas reuniões pretende-se estudar questões de ordem muito elevada, e que se apoiam em textos que nada têm de religioso ou filosófico. É-me sugerida a ideia de Condorcet. Você tem se ocupado em especial com Condorcet?

O cavalheiro. — Nunca.

Sr. F. — Você é um caso difícil, muito mais difícil do que dizer a alguém: "Seu nome é Francisco ou João." Vejo diante de você uma grande sala, não é um tribunal. É uma sala profunda. Você fala em uma grande sala?

O cavalheiro. — Sim, uma grande sala...

Sr. F. — B. Inicial. B, como Berta. Eu vejo essa sala novamente. Tem janelas muito altas?

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — Uma claridade triste mesmo em dias ensolarados?

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — Você fala com este gesto; não é uma toga o que você está vestindo. Eu resisto à ideia de tribunal. Mas você veste algo caído ao longo. Você está vestido de uma maneira estranha e embeleza seu pensamento da maneira mais alinhada possível. Quero dizer que você veste seu pensamento como Mounet poderia vestir sua pessoa quando representava um papel de romano. Você não permite dobras em seu pensamento. Você o apresenta na forma estatuária.

O cavalheiro. — Em forma clara.

Sr. F. — Sim, tão arquitetônica quanto uma bela estátua antiga poderia ser.

O cavalheiro. — Você precisa de respostas mais precisas?

Sr. F. — Não. Porque aí você me daria apoios muito claros, e eu confiaria neles para continuar. Você fixa seu pensamento? Seu pensamento é estenográfico?

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Parece-me que alguém está fazendo anotações.

O cavalheiro. — Pode acontecer.

Sr. F. — Vou tentar continuar. Estou muito interessado. Inicial G? Você quer construir? Aqui encontramos todo um centro de construção de equilíbrio, de necessidade de fatos, de princípios.

O cavalheiro. — O que você diz é exato, tem relação.

Sr. F. — Você quer erigir um edifício em relação a certas necessidades, relativas a velhos princípios pela conciliação com princípios novos? É uma obra social, uma obra que contribui para o equilíbrio social?

O cavalheiro. — Não é o que se chama de obra social. Especifique o que você entende por obra social e eu lhe darei explicações.

Sr. F. — Queira me dar sua mão. Eu persisto na ideia de que seus amigos, aqueles que o seguem, veem uma força em você. Você sofre do coração? Você teve uma grande emoção nestes dias?

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Uma força com a qual se pode contar, pelo menos para ajudar uma pessoa que possua dons de liderança.

O cavalheiro. — Sim, vejo isso, compreendo.

Sr. F. — Vou dizer-lhe uma coisa insignificante. De fato, na verdade, existe um chefe superior a você; mas você é um dos braços de uma pessoa que é como um Buda. Buda, tem significado para você?

O cavalheiro. — (Rindo.) Buda? Não.

(Quando interrogado à parte por F., este cavalheiro resultou ser o Dr. L., assistente de Madame Curie.)

Segundo teste. — O Sr. F. vai para outra parte da sala e dirige-se a uma senhora:

— Embora você tenha sofrido muito fisicamente, tem grande confiança em sua saúde. A ideia de que poderia estar gravemente doente não lhe passou pela cabeça, pois no caso de contrair alguma doença, confia em encontrar em si mesma os meios para curá-la.

A senhora. — É muito exato.

Sr. F. — E é tão exato que você tem um remédio excelente para as necessidades dos outros.

A senhora. — Também é exato.

Sr. F. — Você deve exercer a profissão de curandeira, ou pelo menos quer se convencer de que quando, do ponto de vista orgânico, algumas pessoas vêm pedir-lhe ajuda, você lhes faz assinalados favores.

A senhora. — É exato.

M. F. continua falando de outras coisas que não o levam a nenhum resultado determinado.

Terceiro ensaio. — M. F. vai até um cavalheiro e fala sobre um Cristo ulcerado, sobre um livro reeditado, etc.

O cavalheiro não vê nisso coisa alguma que lhe diga respeito. No entanto, uma senhora diz que essas palavras se referem a ela.

P. F. olha para ela, reconhece-a e lembra que, sob outra forma, há alguns meses ela já lhe deu a indicação do mesmo acontecimento literário relacionado a um membro de sua família.

Quarto ensaio. — P. F. caminha por entre o público e para diante de um cavalheiro, a quem diz:

— Eu vejo você de repente como se estivesse no centro de um grande painel de assunto militar. No entanto, você não esteve na guerra, você é jovem demais. Que pouca idade você representa!

Após a sessão: "O Sr. R. Tocquet, professor do colégio de Avallon, de passagem por Paris, que estava no I.M.I. pela primeira vez, diz que esteve na guerra como cadete e depois como tenente de Artilharia."

Sr. F. — Vejo você sobre uma cima cujo contorno me lembra o perfil, a linha da borda superior do chapéu de Napoleão. Você está no topo, como se disséssemos no próprio eixo da paisagem. Pareceria que está de braços abertos entre seus companheiros — estou lembrando-lhe um incidente de guerra —; mas você é um personagem central, reuniu as energias de seus companheiros e agrupou ao seu redor todas as fraquezas em plena exposição aos fogos inimigos; eu vejo sua silhueta recortada sobre o céu em todo o seu comprimento. Mas o que você está fazendo naquela colina?

Sr. T. — O que você está me contando já me aconteceu várias vezes.

Sr. F. — Você era um agente impulsionador de virilidade. Aguarde. Quem é Luís? Vizinho? Também relacionado a esta questão da montanha?

Sr. T. — Não.

Sr. F. — É preciso eu lembrar nomes de seus colegas; se eu lhe dissesse um ou dois que foram impressionantes, você se lembraria deles? É um que não pereceu pelo fogo inimigo, mas foi como que esmagado por uma peça.

Sr. T. — Sim, isso é exato.

Após a sessão: "Um dos meus companheiros foi, de fato, esmagado por um canhão 155 quando íamos nos situar em bateria na selva de Villers Cotterets (julho de 1918). É um acidente pouco frequente."

Sr. F. — Alguém também, mas falecido, de quem você teria recebido uma carta ao partir para a retaguarda, para entregá-la mais rapidamente do que pelos carteiros militares comuns, uma folha que você perdeu?

Sr. T. — Não.

Sr. F. — É alguma coisa sobre vinhos, esse homem morava no Meio-dia. Armando?

Sr. T. — É possível; são episódios tão distantes...

Sr. F. — Você se lembra disto? Um chefe disse -lhe: "Você seria o melhor dos soldados se não fosse tão nervoso." Há também uma palavra do quartel que insiste em se me escapar; é: "Rouspeter" (1).

(1) *Rouspeter*. Palavra usada na gíria militar para expressar "reclamação violenta".— (N. T.)

Sr. T. — É verdade.

Sr. F. — Dizia até mesmo: "Pode custar-lhe caro!"

Sr. T. — Sim.

Sr. F.— Clément, Clemeng, Avaray... O que é tudo isso? Madalena não significa nada?

Sr. T. — Sim.

Sr. F. — Há uma imagem que me vem com frequência, porque trata de dores de ordem sentimental, de ordem afetiva; mostra esse lado assim, dilacerado. Mas existe um sentimento muito positivo nisso.

Sr. T. — Sim.

Sr. F. — Existe reciprocidade de sentimentos e também compartilhamento; você não é o dono da Magdalena toda. Para onde vou?... Os mesmos procedimentos de que se queixava no Regimento são os que você usa com Magdalena. É uma contradição. João? Tem relação com tudo isto?

Sr. T. — Sim, tem.

Sr. F. — Vejo um lago com um cisne deslizando.

Sr. T. — É muito interessante.

Sr. F. — Está relacionado com o que estamos dizendo?

Sr. T. — Talvez não totalmente, mas pode haver algo análogo.

Sr. F. — Bert, Bertille, Berty...

Sr. T. — É um nome alemão em relação ao cisne. Meu nome é Roberto. Acho que não é muito semelhante.

Sr. F. — Coletamos pequenos materiais. Vamos tentar fazer uma casinha com isso. Apontam-me um W que designa um lugar.

Sr. T. Sim, é isso.

Sr. F. — Atrás há algumas colinas sobre as quais vejo perfilar-se como que uma cúpula.

Sr. T. — Sim.

Sr. F. — É o centro da cidade. Aí, o que é tudo isso? O cisne passa novamente. É em um teatro. Já estou vendo.

Sr. T. — Sim, é isso.

Sr. F. — Mostram-me um M maiúsculo.

Sr. T. — Muito bem.

Sr. F. — Esta história é curiosa. A letra M está no balcão central. É um homem que eu distingo deste modo (o Sr. F toma uma atitude enérgica). Oh! Que cabeça! Vejo a cúpula novamente e nela um K que determina o lugar da cúpula.

Sr. T. — Muito bem, muito bem.

Sr. F. — Você já está satisfeito. São vocês quatro em um... não é um passeio? Vocês pagaram? Eles disseram a vocês: "Entrem, isso é o suficiente."

Sr. T. — Não me disseram "é o suficiente", mas sim "entrem, não custa nada".

Sr. F. — *Lohengrin* não é representado no teatro de Wiesbaden?

Sr. T. — Sim, e o W é o balcão de Wilhelm.

Sr. F. — (Voltando à sua atitude enérgica.) Não era Mangin?

Sr. T. — Era Mangin.

Após a sessão: "O Sr. Tocquet escreveu-me: Vivi cerca de quinze dias, fazendo parte das tropas de ocupação, em Wiesbaden em 1920, na companhia de uma jovem alemã que me chamava familiarmente de Roberto, mas que pronunciava "Bert", absolutamente assim como o Sr. Forthuny fez. Não tendo entendido imediatamente o significado de Bert, é provavelmente por isso que o Sr. Forthuny, confiando em minha expressão, divagou sobre Berty, Bertille...

"Um dia, dois camaradas, esta moça e eu, fomos visitar o Kurhaus em Wiesbaden (significado de K), um monumento encimado por uma vasta cúpula (tenho fotografias relativas a este incidente) e que provavelmente ocupa o centro da cidade. Ao norte de Wiesbaden fica a cordilheira do Taunus.

"Lembro-me que um dia, num jardim público vizinho ao Kurhaus, foi feita uma audição musical por artistas alemães. A entrada era paga para os cidadãos e gratuita para os militares.

Acho que dei algumas moedas ao cobrador. Daí o possível sentido das palavras de F.: *é o suficiente*.

"Alguns dias depois, sempre na companhia desta moça, fui ouvir *Lohengrin* no teatro de Wiesbaden, um teatro que fica a algumas dezenas de metros do Kurhaus. O general Mangin ocupava o balcão imperial decorado com um grande W, inicial de Guilherme II. É a única ópera que ouvi em Wiesbaden.

Já não me lembro bem se um cisne atravessava a cena. É provável. De qualquer forma, alguns dias depois dessa apresentação, vi fogos de artifício representando um cisne nos jardins do Kurhaus.

"Observe que existe um certo encadeamento lógico entre as diferentes imagens vistas pelo Sr. F.

"A minha permanência na Alemanha nada mais é do que o prolongamento da minha vida na linha de frente, pois logo após o armistício ingressei nas tropas de ocupação.

“Por outro lado, quando evoco mentalmente os episódios da guerra, associo-os fatalmente aos acontecimentos relacionados com esta época, que para mim foi muito fértil em acontecimentos de ordem sentimental, que ficaram profundamente gravados na minha memória.

“Na hora em que o Sr. F. descreveu o episódio no teatro, não tinha conhecimento dos acontecimentos que mais tarde ele me recordou, mas esses acontecimentos ou outros da mesma ordem deviam, automática e necessariamente, aparecer perante a minha consciência.”

Quinto teste. — Após descansar por alguns minutos, o Sr. F. olhou em volta dos vizinhos do Sr. Trocquet e, dirigindo-se a um deles, disse:

"Você não impediu um homem de se matar, dando-lhe conselhos muito imperativos sobre certas reparações, traçando linhas categóricas para ele deixar de ensombrecer os fatos e perceber que ainda lhe resta um passo, pelo qual poderá, com o tempo, entrar na vida e na honra, se desejar?"

O cavalheiro. — Tenho uma ideia de algo parecido, mas não me lembro exatamente.

Sr. F. — Vejo o caso repetido muitas vezes, mas com certas variantes. Você não é confessor? Você não tem um dever de *remoralização* para com certas pessoas? Você não exerce uma ação moral sobre elas, para endireitamento das regras do espírito?

O cavalheiro. — Frequento alguns magnetizadores.

O trabalho metagnômico de P. F. cessa imediatamente. Ele passa para outra pessoa.

“Pouco tempo depois soube através do Sr. X..., que se encontrava naquele dia ao lado do homem a quem F. tinha dado as indicações já assinaladas que tinham a ver com ele, com uma precisão extraordinária, porque se tinha visto, em uma época de sua vida, na necessidade de usar toda a sua influência e todo o seu afeto sobre o espírito de um irmão seu que queria fugir, pelo suicídio, de um acontecimento difícil de suportar. Seus conselhos, que felizmente foram ouvidos, resultaram no retorno de seu irmão à *vida e à honra*, pois ele realmente havia abandonado a vida social e parecia (embora isso não fosse verdade) ter perdido a honra.”

Sexto ensaio. — P. F. dá alguns passos pela sala e para diante de uma senhora com feições bem “extremo oriente”. Sua imaginação, iludida pelas aparências, detém-se na ideia de Ásia, Indochina, Cochinchina...

O trabalho construído sobre uma base falsa produz algumas tentativas indecisas de ligar esta senhora àquele continente, mas era uma francesa sem qualquer relação com ele.

Sétimo teste - o Sr. F. dirige-se a um cavalheiro que estava lá pela primeira vez e lhe dá algumas indicações falsas.

Cansado, pede que a sessão seja suspensa.

Sessão de 10 de fevereiro de 1926.

Número de Participantes: 80 aproximadamente.

Forthuny selecionou sucessivamente sete pessoas para fins metagnômicos.

Primeiro teste.—F. estende seu olhar por algumas pessoas, e parando em um senhor e uma senhora sentados na primeira fila, diz: "Buenos Aires?"

O senhor e a senhora, ao mesmo tempo.—Sim!

(Estes senhores eram os Sres. C., de Buenos Aires, de passagem por Paris, e que pela primeira vez assistiam a uma sessão do Sr. Forthuny.)

Sr. F. — Ra... Ramón. Vocês conhecem algum Ramón vivo ou morto? Um trabalhador? Aicado ou Rito foi ferido.

A senhora — Sim, este trabalhador foi identificado. Ele foi ferido.

Sr. F. — Eu vejo esse homem chorando muito. Você vê o trabalhador? Você vê quem é? Ele não morreu? Não deveria ter ido para a Europa? Calisto? Eu o vejo em duas circunstâncias. Uma vez andando em uma pequena locomotiva que sai de uma fábrica, e aqui também ele sofreu um acidente. Ele não caiu daquela locomotiva? Ele foi ferido pelo estribo daquela locomotiva?

A senhora. — Não me lembro desse detalhe.

Sr. F. — Em outra circunstância ele foi vítima de um incêndio, certo? Ele foi ferido como consequência do fogo? Mostrem-me uma grande cabeça em um jornal ilustrado. Um jornal de teatro. É uma mulher de teatro. Aguarde, vamos ver onde tudo isso vai nos levar; é morena, eu a conheço, já a vi há muito tempo; mas onde? Que relação pode ter com Ramón? Não sei. Isso vem trazido pelos cabelos. Peço-lhe perdão. Apontam para a letra M. Tenho minhas razões para pensar que se trata de uma trágica famosa que conheci em outros tempos e com quem almocei. Estou em sua casa agora na companhia de Méndez. É a Sra. Moreno? Ramón Moreno? Esse é o nome do seu trabalhador?

A senhora. — O Ramón em questão chama-se, de fato, Ramón Moreno.

Sr. F. — Tem certeza?

A senhora. — Tenho certeza.

Sr. F. — Ramón Moreno não era um pouco místico ou político?

A senhora. — Político, sim.

Sr. F. — Você veio a Paris para cuidar de vários assuntos, mas também de sua saúde; você tem uma doença nervosa fortemente acentuada.

A senhora. — É verdade.

Segundo teste. — P. F. então dirige-se a uma jovem. Fala com ela sobre Lamartine, o que o leva a dizer que certa Elvira tem algum relacionamento com ela.

A jovem confirma que tinha uma amiga italiana com esse nome.

P. F. dá algumas informações sobre sua vida, reconhecidas como exatas. Mas logo deve interromper-se pela impossibilidade de verificar as indicações, pois a moça já perdeu a amiga de vista.

Terceiro Teste. — P. F. dirige-se ao Sr. D., a quem numa sessão anterior revelou com grande precisão acontecimentos da sua vida. Fala-lhe sobre suas relações com o pintor Modigliani. Nada verificável emerge deste ensaio, exceto que o Sr. D. conheceu e frequentou Modigliani.

Quarto teste. — O Sr. P. F. passa o olhar sobre algumas fileiras de pessoas e se dirige a um jovem que está participando das sessões pela primeira vez:

— Cardeal? A palavra Cardeal está sendo dirigida a dois de vocês. No entanto, tem um sentido *Cardeal*. Ninguém neste grupo tem um Cardeal... Vocês tem algo que vem evoluindo em vocês há alguns meses no que diz respeito à concepção do mundo?

Um cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — Existe, não uma revolução, porque em você nada é revolucionário, tudo é evolucionista, tudo é deduzido; para você, mais do que para a grande maioria dos seres, a natureza não dá saltos...; aliás, isso deve nascer de um gosto científico, de uma inclinação para a construção do raciocínio. Repetem-me "Cardeal"... Vejamos, dê-me o seu chapéu. São procedimentos de bruxo; mas, afinal, você não deveria usar chapéu de artista. Você não é artista até esse ponto, você é um sábio; esse chapéu é um paradoxo, não fica bem em você; eu poderia usá-lo, porque não sou um sábio. Cardeal? É demais... Você é Cardeal, senhor? Este chapéu não é de um Cardeal, mas você é Cardeal?

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Vejo acima de você algumas janelas cinzentas, empoeiradas e sujas, janelas compridas. Você conhece essas janelas? É um local fechado. Que cheiro!!! É bastante espaçoso. Tenho impressão de lembrança.

Um cavalheiro próximo ao precedente. — Isso tem a ver comigo.

Sr. F. — Você vai de uma mesa para outra. Vejo pedaços quadrados de alvenaria, construções de tijolo, sobre as quais há vidraria, muita vidraria. No entanto, você não é um comerciante de cristais. É química? São experiências?

O cavalheiro. — Justamente.

Sr. F. — Vocês são Cardeais, ambos os dois? O que você tem a ver com a Igreja?

Sr. F. — Absolutamente nada.

Sr. F. — Você foi a um enterro uns oito dias atrás?... Vocês dois fazem os mesmos trabalhos ao mesmo tempo no mesmo departamento de investigação? Você não se emocionou ao saber da morte de alguém, de um rapaz vítima de uma explosão?

O Senhor — Um rapaz, sim; mas não vítima de uma explosão.

Sr. F. — O senhor não teve a impressão de que alguém foi queimado ou vítima de uma manipulação?

O cavalheiro. — Sim.

P. F. — O que significa a letra L para você? Oh! Quanto seu coração palpitou ao pensar nessa morte tão cruel! Sinto um frio enorme em mim... Provavelmente estou me perdendo... O barrete, me fazem procurar o barrete do Cardeal; vejo passar uma silhueta de um homem muito bondoso, um pouco encurvado, barbudo, com a barba mal cuidada. Você não o viu? Você não o conhece? Sinto como que torções nas pernas. Uma, a modo de defesa daquele homem. Você tem o retrato dele? O que tudo isso significa? Abandono isto porque não faz sentido. No entanto, perto de vocês dois estou vendo uma senhora séria, amarga, severa, uma mística; mas que mística tão linda! Há um espírito religioso. Cardeal sempre... É estranho... Um espírito religioso, estranho às igrejas. Uma religião como um panteísmo, de encontrar Deus em todos os lugares e em tudo e também na palma da sua mão. Você vê Deus na luz que vem de sua mão?

O cavalheiro. — Não entendo.

Sr. F. — Você não vê esta senhora perto de você dando voltas ao seu redor?

O cavalheiro. — Tudo o que você me diz é muito vago; seria conveniente especificar.

Sr. F. — Você não lida com corpos pequenos, muito pequenos?

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — Essa senhora, não tem nos olhos algo desse fogo de que lhe falo, dos corpúsculos ou, em outras palavras, espiritualmente? É uma substância luminosa a que você manipula. Uma matéria explosiva. No entanto, não é pólvora o que você fabrica. O que significam todos esses homens? Você faz uma pólvora terrível? Cardeal! Você faz pólvora para fazer saltar os Cardeais?... Cardeal de *Curie* (1).

(1) As Congregações cardinalícias fazem parte da Cúria Romana. Um Cardeal da Cúria faz parte da casa do Papa. Cardeal, no espírito de F., estava preparando *Curie*.

O cavalheiro. — Você queria me falar sobre Madame Curie?

Sr. F. — O que você manipula é rádio?

O homem. — Sim, é o rádio.

(Os dois jovens a quem P. F. havia se dirigido eram alunos de Madame Curie.)

Quinto teste. — P. F. dirige-se a outro cavalheiro, faz algumas tentativas com relação a ele. As indicações que dá não fazem sentido para o interpelado. F. acaba dizendo: "Não chegamos a concordar", e volta-se para outra pessoa.

Sexto teste. — Resultado negativo.

Sétimo teste. — P. F. dirige-se a um jovem, sentado ao lado dos dois com quem fez o quarto teste.

Sr. F. — Você, senhor, deve abandonar sua profissão e escolher outra. Caso contrário, isso lhe custará a vida. É uma forma muito original de terminar uma sessão. Você não sente vontade de mudar de profissão e deixar o trabalho que faz para seguir em outra direção?

O cavalheiro. — Isso é exato.

Sr. F. — Você irá me dizer que isso é puramente sentimental e nada tem de científico. Bem, decida-se. Duas ocasiões já lhe foram apresentadas. Uma na América?

O cavalheiro — Sim.

Sr. F. — A outra em ocasião de ordem mais sentimental.

O cavalheiro — Sim.

Sr. P. F. — Com isso considero terminado o meu trabalho.

Sessão de 24 de fevereiro de 1926.

Número de participantes: cerca de 90.

O Sr. P. F. tem estado muito deprimido por alguns dias, como resultado do excesso de trabalho. Apesar do meu pedido para que ele suprimisse a sessão, e dominando seu visível estado de cansaço, ele quer produzir pelo menos um fato de metagnomia, para evitar transtornos desnecessários aos participantes. Convencido de que está se expondo a prováveis falhas, ele alerta o público sobre isso.

Mas acontecerá — observei isso muitas vezes em metagnomistas - que o esgotamento de seu corpo e a diminuição da atividade de sua inteligência consciente não serão obstáculos ao trabalho metagnômico, mas ao contrário, pois, como iremos ver, esta sessão representa uma das melhores em termos de valor global, senão a melhor que P. F. tenha realizado até hoje no I.M.I. De 10 tentativas de percepção supranormal com 10 pessoas diferentes, apenas duas resultaram sem valor.

Primeiro ensaio. — P. F. dá alguns passos por entre o público e imediatamente se detém diante de uma senhora que está presente pela primeira vez.

P. F. — Se não for indiscrição, posso perguntar-lhe se, desde que saiu da infância, como cantam na velha ópera cômica, você não teve uma grande exaltação de espírito? Não me explico bem. Não suponha que me refiro a alguma doença que possa ter tido, mas sim a uma espécie de eclosão de um ideal de serviço à Humanidade. Guardando as devidas proporções, eu compararia você, se me permitisse, e receio que não irá permitir, com Joana d'Arc. Você não se imaginava como que em uma missão? Você não tinha uma espécie de delírio generoso de ajudar certos indivíduos, e particularmente alguns ao seu redor, entre os quais você se impunha a si mesma uma missão?

A senhora. — Exatamente.

(Após a sessão, a Sra. Z. me confia que, de fato, em sua juventude ela teve um espírito de sacrifício e abnegação levado ao excesso. Esse tipo de *delírio generoso*, como o Sr. Forthuny o chamou, fez que ela decidisse partir como irmã missionária para as crianças selvagens, uma decisão da qual ela precisou desistir no último momento, tendo encontrado outro objeto de abnegação ao qual dedicar-se.)

P. F. — Este sentimento de oferenda de si mesma foi acompanhado de um sacrifício efetivo, um dos mais belos sacrifícios que se pode pedir a um coração feminino?

A senhora. — Sim.

P. F. — E este sentimento de doação de si mesma em forma que se manteve no transcurso do tempo, ainda persiste?

A dama. — Moralmente, sim.

P. F. — Sob formas evoluídas que o tempo modelou. Mas esta chama admirável e rara iluminará a sua vida inteira. Não tenho realmente razão, ao considerar que se esta chama subiu tão alto, foi verdadeiramente útil? Por um lado, se podemos continuar em nossa linguagem simbólica, você destruiu um mal que teria causado estragos e, por outro, você iluminou duas almas que sem você nunca teriam visto com clareza. Não é verdade?

A senhora. — Sim, é.

P. F. — Quem é Madalena?

A senhora. — Madalena está ligada a esse idealismo, esse espírito de sacrifício que reside em mim.

P. F. — Dirigindo-se a um cavalheiro sentado um pouco mais afastado, diz: “Você fala espanhol, fala uma língua estrangeira, é português? É uma língua mediterrânea?”

O cavalheiro. — Não.

P. F. — Em breve iremos ver isso.

Voltando à Sra. Z... continua: “A letra R para você, minha senhora, como inicial de um nome. Vou ajudá-la, trata-se de um morto. A seguir você verá. A ficha não cai agora, mas logo entenderá. Eu o vejo; não quero abusar desse símbolo, porque é uma tábua na qual você sempre pode andar com certo grau de segurança. No entanto, vou dizer-lhe rapidamente. Você conhece o final do *Crepúsculo dos Deuses*, em que o corpo de Siegfried queima? Bem, é esse que eu vejo morto, e existe como um heroísmo desconhecido da vida deste ser.”

A senhora. — Sim.

P. F. — E mesmo a ideia de Siegfried é acompanhada pela de "cavalo".

A dama. — Ele era um guerreiro.

P. F. — Então Siegfried veio como primeira indicação para me denunciar o "guerreiro". Portanto, meu símbolo corresponde a uma realidade. Esse paralelismo entre Sigfredo e esse homem é singular. Vejo ao seu redor em sua vida uma infinidade de coisas bem wagnerianas, rivalidades de corações femininos para disputar o dele e uma pureza tipo Parsifal entre as ninfas flores.

A senhora. — Exato.

P. F. — Um magnífico caráter. Nele distingo o "sem medo" de Siegfried e o cristal de Parsifal.

A senhora. — Tudo isso corresponde totalmente...

Terminada a sessão, a senhora Z. mostra-me o retrato do filho morto na guerra, o belíssimo rosto de um jovem deus, e diz-me: "Durante a guerra o meu filho foi um modesto oficial de artilharia do exército italiano. Ele possuía o sentimento do dever e do sacrifício no mais alto grau. Cavalheiresco e de uma grande nobreza de caráter, sua beleza física e sua beleza moral deixaram, em mais de um coração feminino, uma pura e ideal lembrança. Falando dele, uma certa jovem disse: "Ele tinha algo de divindade." Outra o comparava a um jovem deus romano. Outras encontraram em seu rosto um resplendor sobrenatural. E ele passou intacto entre as homenagens femininas."

Segundo teste. — O Sr. Forthuny, deixando a Sra. Z., vai para o outro lado da sala, fixa o olhar em alguém, e diz: "A letra B para você, como inicial de um sobrenome muito próximo de você."

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Vejamos. Falam-me sobre um representante de vinhos do Meio-dia. Você o conhece?

O cavalheiro. — Sim.

P. F. — B existe, portanto?

O cavalheiro. — Sim.

P. F. — Bo, Bo..., não sei mais.

O cavalheiro. — Seu nome é Bonnefoy.

Terceiro teste. — Enquanto dava à Sra. Z. (primeiro teste) as instruções já mencionadas, o Sr. Forthuny interrompera-se por um momento para interpelar um jovem sentado a cinco fileiras de distância: "Você fala espanhol, uma língua estrangeira. É português ou uma língua mediterrânica?" Isso é o que ele tinha perguntado.

O cavalheiro. — Não.

Após esse toque, aparentemente negativo, ele continuou a série de revelações à Sra. X, depois ao "caso Bonnefoy, o comissário de vinhos do Meio-dia", e voltando ao jovem com quem havia falado sobre a língua espanhola e a bacia mediterrânea, disse-lhe:

P. F. — Engraçado como me preocupa falar a você da bacia mediterrânea, sem conseguir distinguir se fala inglês, grego ou outra língua. Preciso escolher entre

Espanha, Portugal e Itália para falar com você sobre assuntos que lhes interessam (dirige-se ao mesmo tempo a outro senhor, vizinho do primeiro). Vocês estão muito solitários, mas devo dizer que um dos dois acredita estar ligado a alguma coisa aqui em Paris, e isso é um erro. Vejo-o atezado por uma mão violenta que o carrega, que o obriga a viajar para todo o lado, que não quer deixá-lo ficar num local fixo, que o obriga a partir de novo. O que significa esta vida? O que pode ser uma tal existência? Você tem um estilo de vida sedentário em Paris? Vejo um e outro saindo de repente, pegando um trem, um barco...; vão assinar alguma coisa, pegam um pedaço de papel, mas o que carregam não é uma valise diplomática. Eu não sei o que é.

O cavalheiro. — É verdade para ambos.

Depois da sessão – O Sr. Poznanzky, artista pintor, me diz que seu vizinho e amigo, o Sr. N... é italiano, e que ambos levam uma vida errante, como indicou o Sr. Forthuny, percorrendo o mundo em todas as direções e tendo, é claro, que assinar seus passaportes com muita frequência.

Quarta prova. — O Sr. F. dá alguns passos pela sala, para diante de um senhor e diz:

— Nisard e Cousin? Essas palavras dizem respeito a você? Você não tem nada a ver com as obras de Cousin e Nisard? Você não tem nenhum parente com esse nome? De perto ou de longe, esses nomes não têm relação com alguma ocupação do seu espírito? Vamos esclarecer este mistério. Você não teve um avô ou outro parente que se ocupasse com história ou filosofia? Você mesmo, também não se ocupa disso?

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Apontam-me também: Guizot. É muito difícil de entender. "Fernando" significa alguma coisa? Você me interessa e não posso tirar nada a limpo. Vou tentar novamente. Savoia também não significa nada?

O cavalheiro. — Também não.

Sr. F. — Vejamos com esse estranho procedimento de pegar em sua mão. Não gosto de brincar com o almanaque. André não significa nada?

O senhor. — Não.

Sr. F. — Estou desorientado com você.

(Nesse momento, F. pega na mão do cavalheiro, fica em silêncio por um minuto e diz:) — Você não se ocupa de farmácia, de cores?

O cavalheiro. — Está se aproximando um pouco.

Sr. F. — Não são jarros que você reduz de altura? Isso é praticamente impossível; no entanto, vejo-o reduzindo jarros e alongando-os. O que você faz? É coisa que fisicamente não consigo explicar a mim mesmo.

O cavalheiro. — Isto está muito relacionado...

Sr. F. — Não entendo como consegue isso, a menos que eles sejam de caucho. Este problema é difícil de resolver. É amarelo?

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — É amarelo, bem amarelo, estranhamente dosado. Há números e escritas em seus jarros.

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — É um problema curioso. Desculpe insistir mais um pouco, gostaria de ver claramente. É trabalho muito cuidadoso, o que é executado. Os frascos vazios são pesados primeiro e depois de recheados, também?

O cavalheiro. — Sim.

Sr. F. — O que vocês fazem então?

O cavalheiro. — Quando você quiser, eu o direi.

Sr. F. — De jeito nenhum. Coisa curiosa. Me permite dizer-lhe algumas palavras, de passagem? Quando peguei sua mão, você observou a minha, a minha excitação nervosa, a minha temperatura, mais do que eu o seu fluido. Você prestou muita atenção à minha mão?

O cavalheiro. — Isso é exato.

Sr. F. — Laplagne. O que significa?

O cavalheiro. — É alguém que eu conheço, mas ele não tem nenhuma relação com este assunto.

Sr. F. — Por outro lado, apontam-me "O Professor". Isso não está relacionado com Laplagne?

O cavalheiro. — Sim, pelo que você me disse antes. Trabalho em um laboratório de química; os jarros que diminuem de tamanho são cadinhos que ao serem cozidos reduzem suas dimensões, algo que devo ter em conta para os resultados. Eles são amarelos. Laplagne é um químico que trabalhou comigo no laboratório durante todo o ano passado.

Comprovado após a sessão: as indicações de F. dirigiam-se ao Sr. D., um físico (desconhecido para ele), inventor de um forno elétrico para fusão de metais, baseado em alta frequência. Procedendo de maneira muito especial, utiliza cadinhos amarelos, dos quais deve verificar cuidadosamente as variações de

peso e volume. Ele esteve trabalhando nisso durante os dias que antecederam a sessão.

Quinto teste. — Forthuny afastando-se do Sr. D. e dirigindo-se a uma senhora sentada na primeira fila, que nunca havia frequentado o I. M. I., fala:

— Vou lhe dizer uma coisa. É melhor do que uma exortação, visto que já passou. Você esteve em perigo, estava obcecada e perseguida, em condições tais que não sabia como se livrar dessa amigável inimizade, digamos assim.

A senhora. — É exato.

Sr. F. — Não é uma exortação, pois já passou. Agora se vê livre daquele perigo, contra o qual sempre era dona de se defender, mas estava nervosa, irritada, e dizia para si mesma: "Como eu poderia impedir que isso continuasse?" Merece os parabéns pela forma como resolveu o assunto. Não tem mais nada a temer, apesar de todas as ameaças, e fez muito bem em não se deixar intimidar pelas ameaças de suicídio e homicídio.

A senhora. — Meu pensamento não foi tão longe.

Sr. F. — Ameaçaram você com o suicídio para obrigá-la a não sei qual obediência.

A senhora. — Colocaram-me em uma situação tão difícil que não tinha saída, e consegui me desvencilhar dela com tempo e paciência.

Sr. F. — Mostro a você um A maiúsculo. Falam-me em "Abade".

A senhora. — Por enquanto não tem relação.

Sr. F. — Por ora você pode seguir o caminho reto, mas esteja certa de que este caminho fará uma curva fechada que a arrastará para longe de Paris, sem prejuízo para você ou para sua felicidade, do jeito como você a entende; fará você mudar de cenário, de pensamento, de convicções; será outra mulher, até mesmo em seus relacionamentos. Não tratará mais as pessoas que lhe são insuportáveis e mudará seu nome. Você não vê certas circunstâncias surgindo que podem levá-la muito longe?

A senhora. — Não vejo nada, mas não é impossível.

Sr. F. — Vejo-a como que embarcando para a América, levando uma existência completamente diferente.

A senhora. — Até mesmo em minhas convicções?

Sr. F. — Principalmente em suas convicções.

Comprovado após a sessão: A Sra. X confia isto: Ela tem namorado. Seu casamento não acontecerá até que o divórcio, que está em processo, lhe devolva

a liberdade. Frequentando os dois uma família, à qual estavam unidos por uma grande amizade, ela ficou dolorosamente surpresa ao ver seus amigos pretendendo afastar dela seu namorado para casá-lo com uma das filhas deles. Sua tática consistia em fazer diante dele certas insinuações irritantes, mas ditas de forma tão amigável que não dava para levar a mal. Na sua ausência, naturalmente, os mexericos tinham outro aspecto, mas sempre envoltos em termos de profunda amizade.

Essa situação difícil a fez sofrer muito, até o dia em que decidiu revelar a manobra ao namorado, tirando assim um grande peso de seus ombros.

A frase: "Ameaçaram-na com o suicídio para obrigá-la a não sei qual obediência" não está diretamente relacionada a esses fatos, mas está ligada a eles, pois faz parte desse acontecimento, condicionando-o.

Mal casada, a Sra. X, desliga-se do casamento pelo divórcio (em processo). Nesta circunstância, não só não encontrou na família o apoio moral que esperava, como foi repreendida pela sua decisão, instando-a a continuar a sua vida conjugal. Esta foi a causa de seu tédio da vida. Ela expressou isso claramente para sua mãe, assim como sua intenção de acabar recorrendo ao suicídio por uma existência impossível, ameaça que lhe valeu a proteção materna.

O namorado da Sra. X chama-se Abel.

Depois dessa confidência, releia-se o texto das indicações feitas à Sra. X pelo Sr. F., e poderá ser julgada a qualidade de seu significado.

Sexta prova. — O Sr. F. dirige-se a um senhor e diz:

— Vejo você nas ruas de uma grande cidade. É um episódio de seu passado. Você anda pelas docas. É muito vago... Seu nome não começa com a letra L ou M? Não faz nada com Lyon?

O cavalheiro. — Não.

Sr. F. — Eu o vi em Lyon, nas docas, dirigindo-se a uma reunião de pessoas. Que sentido isso tem? Você conhece um Franck, de país qualquer ou próximo a você?

O cavalheiro. — Não cai a ficha.

Sétimo teste. — O Sr. F. passeia entre os participantes, chega à última fila e diz a uma senhora:

— Você não conhece uma pessoa muito distinta e aristocrática que está em outro continente e sofreu um acidente de caça na Europa? Agora talvez a

correspondência pare, mas escreveram a você cartas que lhe pareceram indício de um carácter muito íntegro, e nas quais havia alguma dissimulação, fruto da condição social daquela pessoa. Vejo-a alta, distinta, bela figura de homem, enfim, que deseja destacar, grande esgrimista... R... como inicial de um nome?

A senhora. — Sim, é um R.

Sr. F. — Vou fazer-lhe uma pergunta à qual responderá sucintamente sim ou não. Nessas cartas há algo que você não pode chamar de mentira ou piedade, uma dissimulação fatal, mesmo forçada pela nobreza de carácter.

A senhora. — Sim, observei isso nas cartas.

Sr. F. — Você não se explica o por quê de eu dizer-lhe isso. Há algo de extraordinário no fato que assinalo. Há algo nessa psicologia, talvez a surpreenda, que leva esse homem a adotar diante de você, mesmo do ponto de vista social, uma modéstia que não é realmente explicável. Você sabe se existe nele uma modéstia, uma timidez, um desejo de se colocar em um plano inferior a você em status social? Você não observa isso?

A senhora. — Não.

Sr. F. — Este teste é difícil. Eu faço um trabalho no estilo Burget. Tinha ele um irmão?... Não posso, é muito difícil; exigiria uma sessão privada, é muito sutil para ser executado em público.

(A senhora que foi objeto deste teste não deu nenhum relatório após a sessão.)

Oitavo teste. — P. F. dirige-se a uma senhora e pergunta-lhe se já conheceu um Braga e se já esteve em Portugal. Diante de sua negativa, ele vai embora.

Nono teste. — P. F. dá alguns passos e dirige-se a uma senhora que comparece pela primeira vez: “Manuel; Manuel não representa nada no passado da sua família?”

A senhora. — Não.

Outra senhora diz. — Sim, para mim.

P. F. continua dirigindo-se à senhora que respondeu negativamente: “Vejo uma pessoa de certa idade, cerca de cinquenta anos atrás. Esta pessoa entra no castelo de Chantilly, falam-me do Conde de Chambord.”

A senhora. — Sim, pode estar relacionado.

Sr. F. — Você me disse antes que não conhecia nenhum Manuel. Chantilly e Conde de Chambord fazem sentido para você? Mas algo real, e não aproximado com o único objetivo de me agradar?

A senhora. — É real.

Sr. F. — Você não fez chegar um documento às mãos do seu Manuel, não diretamente do Conde de Chambord, mas de alguém muito próximo dele? E além disso não fez entregar esse documento também a alguma personalidade? Você sabe se esse documento existe?

A senhora. — Não sei. Manuel era meu avô.

Sr. F. — É curioso; foi este sinal, Fr. Fr., que me levou a procurar um Manuel por este lado.

A senhora. — Seu nome era Manuel Wulfran.

(Depois da sessão, a senhora conta-nos que a princípio o nome Manuel não lhe lembrava nada porque não correspondia a nenhuma das pessoas do seu ambiente atual. Quando mais tarde ouviu falar do castelo de Chantilly e do Conde de Chambord ela entendeu que era seu avô Manuel Wulfran, hóspede do Conde de Chambord, em Chantilly, e cuja esposa era irmã de leite do Conde de Chambord.)

Décima prova. — Dirigindo-se a outra senhora, Forthuny diz-lhe: “Há uma coisa estranha. É a primeira nota emocional da sessão. Vamos ver. Não é uma dançarina. Está no teatro sem estar no teatro. Você frequenta essa casa? Você vê essa pessoa? Você tem a impressão de vê-la pela última vez. Não é que a vida dela esteja em perigo; mas há disputas, ações judiciais, divergências de opiniões. Vamos nos aproximar. É alguém que não é profissional de teatro. Tem em sua vida algo mais do que de comediante; pode haver drama sem chegar à tragédia, e você vem receber confidências que esperam que você aprove, e você entende de antemão quando entra na sala que vai desaprovar totalmente; esta é a causa da discórdia. Você vê tudo isso? A senhora. — Sim, vejo.

Sr. F. — É muito pesado, já me permiti insistir um pouco. Você não tem uma Avelina? Essa pessoa não estava fisicamente doente quando surgiu esse conflito de opiniões, no qual você desempenhou um papel importante? Já representou comédia em salões?

A senhora. — Não; fica mais próximo da literatura.

Sr. F. — É muito difícil. Estou desafiando as dificuldades. Depois disso, acho que tenho o direito de lhe pedir um pouco de tempo para refletir. Vejo o seguinte: Você não quis retirar um veneno ou algo análogo de um *secretaire*?

A senhora. — Não é isso precisamente; mas sim algo perigoso.

Sr. F. — Isto é como um romance que eu me esforçasse em desvendar. Ela estava desmaiada quando você levantou a cabeça dela?

A senhora. — Ela estava morta. É verdade, eu levantei sua cabeça.

Sr. F. — É muito complicado para terminar. Existe como que uma cruz desenhada no chão, algum pó ou um líquido... Queria ir rápido e estou fazendo errado. Marieta não representa nada?

A senhora. — Maria, sim; Marieta, não. Julieta é a filha e Maria, a mãe.

Sr. F. — Que coisa tão estranha! Vejo um homem com uma longa barba preta. Não no presente, mas sim ligado a este assunto. Uma grande barba preta. Não havia nesta sala algumas harpas ou cordas suspensas que produziam sons?

A senhora. — Não.

Sr. F. — No entanto, havia um teclado. Você tocava com flores, coisa que não se costuma fazer. Você até colocava as flores no teclado.

A senhora. — Não.

Sr. F. — Dão-me a letra O, sempre em relação ao drama.

A senhora. — Não.

Sr. F. — Não aguento mais.

(Comprovado após a sessão. A Sra. A. nos conta que quinze dias antes sua mais íntima amiga havia morrido. Chamada com urgência por uma camareira, ela a encontrou caída no chão, morta por asfixia voluntária. A causa do drama, que era totalmente evidente para ela, obrigou-a a procurar no *secretaire* da amiga para retirar uma correspondência que teria tido consequências morais desastrosas para o marido da falecida.)

Sessão de 10 de março de 1926.

Assistentes: 130 pessoas aproximadamente.

Testes metagnômicos em relação a oito pessoas.

Primeiro teste. — O Sr. Forthuny entra na sala, dá alguns passos e pára diante de uma senhora sentada na segunda fila e que está assistindo a essas sessões pela primeira vez. Ele olha para ela por alguns segundos e diz:

— Devo perguntar-lhe, minha senhora, se você guarda com cuidado especial uma edição de *O Lírio no Vale* de Balzac? Alguém não lhe falou sobre a Sra. Mortsauf?

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Recentemente alguém tem lhe lembrado “a Sra. Mortsauf” e *O lírio no vale*, e sem que eu saiba o por quê, este livro produziu em você uma profunda emoção com sua leitura.

A senhora. — É verdade.

Sr. F. — Isso deve ser apenas um ponto de partida. Dizem-me com toda a discricção que é possível exigir, e obrigando-me acaso a velar um pouco o que vou falar, que você nunca conheceu uma Sra. Mortsauf em sua vida.

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Você notou entre a existência desta pessoa e a personagem não exatamente idêntica, que é a Sra. Mortsauf, paralelismos muito curiosos, semelhanças de situação que não se aplicavam apenas à Sra. Mortsauf e à mulher de quem lhe falo neste momento, mas sim a personagens secundários no livro e na vida. A pessoa ainda existe. Há em você, mais do que esperança, uma confiança absoluta em que a atual Sra. Mortsauf irá desmentir, no decorrer dos acontecimentos, a conclusão que Balzac tirou de seu romance. Ou seja, se há semelhanças muito curiosas, justapostas umas às outras, da ficção à vida, há diferenças notáveis a partir da página 242 do romance e de um certo número de anos da vida desta senhora; diferença muito apreciável entre o romance e a vida. É exato?

A senhora. — Não posso verificar o que se refere ao momento do desvio em sua relação com a página.

Sr. F. — É um pouco sutil. Talvez não valha a pena verificar, mas a senhora de quem estamos tratando não terminará sua vida como a Sra. Mortsauf terminou em sua aventura. Existe uma diferença muito profunda, e se você quisesse se ocupar em conferir, veria que, a partir da página 242 da edição, o romance termina de forma bem curiosa. Este relato é muito raro, muito sutil, muito fino, sem precedentes. Quer fazer isso, senhora?

A senhora. — Sim.

Sr. P. F. — Procure a partir da página 242 do seu livro e verá que a partir desse momento a pessoa em questão não se parece mais com a Sra. Mortsauf.

Comprovação após a sessão. — Para dar a este fato metagnômico o seu íntegro valor, acredito que devo especificar em seus detalhes mais significativos a correlação entre as indicações fornecidas por Forthuny e a vida da pessoa conhecida da Sra. X...

A Sra. X..., no dia da sessão, não tinha a edição de luxo de *O Lírio no Vale*. Ela também não havia separado esse livro em sua biblioteca, como disse Forthuny, mas sua leitura em outra ocasião a impressionara profundamente. Era uma das obras que ficara fortemente marcada em sua memória.

De volta em casa, procurou o exemplar que sabia possuir. O que encontrou era de formato grande e faltava a página 242. Além disso, algumas das páginas não estavam cortadas, o que fez a Sra. X. pensar que devia ter sido em outra edição onde leu aquele romance, em outra ocasião distante no tempo.

Ainda querendo saber o que a página 242 representava em uma edição de luxo, aventurou ir à casa de seu editor Conard, e lá comprou o primeiro volume que lhe foi oferecido como edição de luxo.

Era *O Lírio no Vale*, edição revisada por Bouteron e Longnon e ilustrada por Ch. Huard.

Quando já estava de volta em casa, leu a página 242, e ficou espantada ao descobrir que a mudança de vida da heroína de Balzac era exatamente a mesma que sua amiga estava vivendo naquele momento.

Todo mundo sabe qual foi o drama eletivo da Sra. Mortsauf. Esta mulher vivia tranquilamente no Vale do Indre com o marido e dois filhos. Era uma alma de tanta honestidade e tão vigorosamente armada de princípios morais que não podia, é claro, fazer outra coisa senão se comportar como devia. Ela era de uma constituição virtuosa: uma açucena. Aconteceu que um jovem de vinte anos, Félix de Vandenesse, começou a frequentar a família. Um amor profundo logo nasceu e se desenvolveu irresistivelmente entre eles, mas não passou da ordem sentimental. Viveram próximos um do outro, sabendo o quanto se amavam e certos de que nunca iriam se unir. Seu amor platônico durou sempre da mesma forma intensa. A Sra. Mortsauf meditava no projeto de casar esse jovem com sua filha mais velha. Mas um dia soube que outra mulher, a marquesa Dudley, acabara de deixar o marido e os dois filhos para ir viver com Félix de Vandenesse. E este foi o momento dramático e crítico da existência da pobre senhora.

A página 242 da edição Conard resume nas linhas que acabo de citar o transtorno de uma alma conservada até aquele momento pura e segura de si:

...A tais palavras, a Sra. Mortsauf entrou bruscamente, e eu (quem fala é Félix de Vandenesse) encontrei-a deitada no sofá como se fulminada pela voz que abateu São Paulo.

— O que está acontecendo com você? — disse eu.

— Já nem sei mais o que é virtude, e não tenho consciência da minha.

Nós dois ficamos petrificados, ouvindo o som dessas palavras como se fosse o de uma pedra atirada a um precipício.

— Se alguma vez errei em minha vida, *ela, no entanto* (a marquesa Dudley) *estava certa no que fez* — exclamou a Sra. Mortsauf.

Desde o dia em que aquele ciclone sentimental devastou sua alma, ela lentamente foi definhando e finalmente morreu.

De igual modo que a Sra. Mortsauf, a amiga da Sra. X... vivia uma vida tranquila com seu marido e dois filhos. Um dia, um jovem entrou naquele lar. Tinha vinte anos e chamava-se Félix, a mesma idade e o mesmo nome do herói de Balzac. Amaram-se com um amor detido no limiar do sentimental. Esta amiga tinha o mesmo caráter da Sra. Mortsauf. Ela teve a coragem necessária para empurrar o jovem para o casamento. Casou-o. E no momento de acontecer a "sessão Forthuny", seu estado de espírito era semelhante ao da Sra. Mortsauf na página 242 da edição Conard do romance. Refletindo sobre as consequências cruéis de seus princípios morais, começava a se arrepender de ter sacrificado seu amor por seu dever. Mas a amiga da Sra. X... está completamente determinada a não ser superada pela amargura dessa dor. Reage. Sua vontade está firmemente decidida a continuar vivendo na abnegação do dever familiar.

Comparando a amiga da Sra. X. com a Sra. Mortsauf e, acima de tudo, considerando a analogia na página expressa da edição de luxo - que a Sra. X. não possuía, mas sobre a qual foi parar casualmente assim que tentou sua aquisição, o Sr. Forthuny realizou uma obra-prima de expressão de conhecimento paranormal. Este fato é de uma apresentação tão elegante e indica tão perfeitamente os recursos da faculdade metagnômica em ação, que julguei útil evidenciar toda a sua qualidade.

Segundo teste — Assim que o primeiro terminou, o Sr. F. queixou-se de uma espécie de angústia, de "opressão mental", como ele diz, e que atribui à presença na sala de uma pessoa cujo único objetivo fosse direcionar a vontade para impedir o funcionamento de sua faculdade. Pede que a pessoa que tem essa tendência faça o favor de declará-lo. Ninguém responde. Mudando de lugar, e colocando-se no meio do público, P. F. tenta encontrar a pessoa que o impede de trabalhar, mas em vão.

— Talvez seja o acúmulo das curiosidades e dos votos de felicidades, que são o que me fazem sentir essa opressão mental que estou tentando superar. Liberado de uma certa angústia que sentia, vou tentar trabalhar.

E passando o olhar por uma parte do público, logo se dirige a uma jovem que nunca havia frequentado o I.M.I.

— Posso perguntar-lhe, senhorita, se em sua vida, até o presente momento, não existem circunstâncias pessoais muito dramáticas e para você uma espécie de sorte que a manteve entre os que sobreviveram quando deveria ter sido um dos suprimidos dentre os vivos? Por outro lado, constantes solavancos na sua existência e na daqueles que a rodeiam, uma enorme quantidade de dramas, emoções, circunstâncias violentas numa proporção espantosa para o quadro reduzido de uma única família. O que acabei de dizer significa alguma coisa?

A senhora. — Em termos gerais, sim.

P. F. — Dir-se-ia que a existência de vocês é um drama contínuo que se desenrola, ato a ato, entre pessoas diferentes, mas do qual todos sofrem ao mesmo tempo. Isto é tanto mais grave quanto não se trata apenas de sofrimentos materiais, pois estes passam para um plano secundário. E de repente percebe-se que esta série de calamidades traz como consequência dificultar esse desenvolvimento do gênio. Você não tinha alguém que desapareceu e que possuía todas as características de um gênio ou os sinais de uma admirável organização cerebral?

Senhora. — Sim.

P. F. — Já disse o suficiente e nada haveria para deduzir se eu não me permitisse pedir-lhe que, na medida do possível, tenha a valentia necessária para nos dizer o que há de relação entre a realidade e o que acabei de dizer.

A senhora. — Tive um irmão que se suicidou aos dezesseis anos por amor a uma jovem. Para mim e para os meus, a revolução russa virou tudo de cabeça para baixo. Quanto ao meu irmão, ele era, de fato, dotado de qualidades intelectuais altamente apreciáveis; ele era um poeta e pensou que deveria abandonar a existência antes do tempo.

P. F. — Você mesma não deveria estar no mundo agora. Que circunstância deveria tê-la retirado dentre os humanos? Não esteve como morta em sua juventude?

A senhora. — Tentei suicídio.

P. F. — Vejo você como que recuperada por uma sorte inaudita. Posso pedir-lhe que me permita segurar sua mão? Vou falar a você com a mesma franqueza

que costume usar sempre. Não pense que tantos infortúnios consigam abatê-la. O B maiúsculo diz alguma coisa?

A senhora... É meu filho.

P. F. — Lamento que você tenha me falado do seu filho. Eu ia falar-lhe de uma criança para dizer que você tem em si algo que gostaria de representar com um símbolo, porque esse símbolo teria me inspirado com uma imagem que é cara para você. Você guarda em si uma vontade inaudita, e meu símbolo é este. Sua vontade está sendo torcida neste momento como o metal de um cano de fuzil por efeito de uma grande força... Você não guarda lembrança de alguma história de um cano de fuzil sendo torcido por alguém? De algum homem carregando uma arma?

A senhora. — Um militar, sim. Ainda existe.

P. F. — Isso não lhe traz qualquer lembrança real? Você não vê na vida daquele militar o ato material de quebrar uma espada ou torcer uma arma? Ele é fisicamente forte?

A senhora. — Sim, mas não até esse ponto...

P. F.—Di., Di... Di... Vamos deixar esta imagem, é falsa. Seja como for, você tem uma vontade pessoal — não estou perdendo completamente o fio do que quero lhe dizer - muito grande. Você conseguirá endireitar o cano do fuzil. Será que alguém ajuda você a endireitá-lo porque você quer usar esta arma? Para sair do símbolo, direi a você simplificando atualmente no que poderíamos dizer a derrota da confiança de sua família, só você tem certeza da retaliação do futuro. Você está trabalhando para reconstruí-lo e para isso agora tem colaborações? Você está fazendo um trabalho de reconstrução talvez desconhecido para o seus? É certo?

A senhora. — Sim, estou tentando...

P. F. — Você trabalha pessoalmente para refazer o que outros não tiveram a energia de fazer, e diz: “Eu salvarei tudo..”. E neste momento tem mais confiança do que nunca num acontecimento que se aproxima.

A senhora. — Estou, de fato, confiante, porque no caminho para cá eu me dizia a mim mesma que se você o adivinhasse, daria certo.

P. F. — Não tenho para quê perguntar quais são esses meios; mas posso permitir-me afirmar que, com efeito, você assumiu em seu pensamento o papel diretor, o papel condutor para com os seus e com colaborações externas.

A senhora. — Ainda não.

P. F. — Garanto-lhe que as terá.

Terceiro ensaio. — P. Forthuny dirige-se a um jovem. O que ele diz com possível verificação imediata, é de pouca importância. As indicações que oferece referem-se mais à irmã. Nada lhe sugerem, e ele se oferece para perguntar à família para ver se correspondem ou não à realidade que ele ignora.

Quarto teste. — O Sr. P. F. aproxima-se de um cavalheiro. Fala-lhe sobre um político, sobre o caso de um certo jovem próximo ao Sr. Painlevé, sobre um membro de sua família em um país distante, sobre o corpo de um ente querido abandonado nas colônias, sobre a situação de um cemitério. As indicações não correspondem a nada preciso. Teste fracassado.

O Sr. Forthuny faz então um quinto teste cujas indicações não merecem ser apontadas por serem impossíveis de verificar, bem como por sua imprecisão e por serem relativas ao avô de um dos assistentes (70 anos), que era ignorante dos detalhes da vida do referido antepassado, falecido quando ele tinha apenas dois anos de idade.

Sessão de 24 de março de 1926.

No final da sessão do dia 10 de março, eu havia anunciado uma modificação para a próxima vez, no modo de trabalhar de P. Forthuny, no sentido de impor por sorteio, e exclusivamente entre os novos participantes, as pessoas nas quais ele deveria testar sua faculdade, ao invés de deixá-lo livre para fazer a seleção intuitiva como até agora.

Alguns momentos antes da sessão de 21 de março, outro método de ensaio bastante ousado foi combinado. Consistia em pedir a P. Forthuny que tentasse obter conhecimento paranormal à distância de uma pessoa desconhecida para ele e com quem, portanto, nunca havia exercido seu poder metagnômico.

De acordo com esse projeto, às 16 horas fui ao primeiro andar do Instituto Metapsíquico, em cuja biblioteca estavam reunidas umas 200 pessoas. Enquanto eu explicava aos presentes a experiência que ia ser tentada no andar superior, o Sr. F., na sala dos meus aposentos privados, ditava à senhorita estenógrafa as informações que lhe vinham à mente.

Aproximadamente às seis e dez, o Sr. F. entrou na sala com a senhorita e pediu-lhe que lesse em voz alta o que ele lhe ditara. Eis o que ela leu:

Um cavalheiro recebeu uma mágoa sentimental; um anjo de bondade dirige-se a ele porque deseja animar sua vida com tanta doçura quanto foram cruéis as horas de tormento.

Carlos! Maria ao lado dele ou em seu passado. Está entre os presentes, não na primeira sala, mas na segunda, ao pé da biblioteca, ao lado da lareira, perto dela.

Cinquenta e três anos, cabelos grisalhos penteados para trás, província de Anjou. É Saumurois?

Muito repreendido pela família por motivo da escolha de profissão, veio para Paris.

Volta feliz para uma província amada.

Ocupa-se de Letras, de Literatura.

Comentou com certa amargura o último relatório da Sociedade dos Homens de Letras.

Criou para si um dever de proteção para com uma pessoa que, apesar de sua fraqueza, aceitou o ônus de outro dever, de modo que ele vem a ser protetor de ambos.

Frequenta redações e editoras. Está relacionado com o mundo das Letras.

Ele tem, porém, outra ocupação que não consigo definir.

Incidentalmente, tratou de questões de arquivos e história local.

Maurício Dekobra? Ele está contrariado porque Maurício Dekobra tem se ocupado de um assunto que foi ideia dele.

Precisou modificar fisicamente seu estilo de vida, há três ou quatro anos atrás.

Psiquicamente: Nasceu espiritualista. Não exterioriza suas ideias e, em certos centros onde triunfa o espírito de reação, finge compartilhar as opiniões dos incrédulos. Pessoalmente, na privacidade de seu pensamento, ele quer acreditar e acreditará.

Gosta de música e de pintura de cores suaves.

Repito que o nome dele é Carlos.

Seus brônquios são doentios; esses brônquios devem ser cuidados.

Barbeado, exceto por um pequeno bigode, talvez faltante.

Óculos.

No final desta leitura, um senhor que estava sentado junto à lareira da biblioteca levantou-se e disse: “Tudo o que acaba de ser lido diz respeito a mim. Estou à sua disposição para lhe fornecer todos os detalhes necessários para a comprovação.”

A senhorita foi convidada a ler novamente para comparar o texto com a realidade.

Eis a reprodução da comprovação comparativa:

A senhorita. — Um cavalheiro recebeu uma mágoa sentimental; a ele se dirige um anjo de bondade, que deseja animar sua vida com tanta doçura quanto cruéis foram as horas de tormento.

Sr. F. — Essa frase tem algum significado?

O cavalheiro. — Isso é exato.

A senhorita. — Carlos...

O cavalheiro. — Sou eu.

A senhorita. — Maria ao lado dele ou no seu passado...

O cavalheiro. — Maria é uma amiga com quem convivi durante vários anos.

A senhorita. — Está entre os presentes, não na primeira sala, mas na segunda, ao pé da biblioteca, perto da lareira, perto dela...

Sr. F. — É exato, todos podem ver.

A senhorita. — Cinquenta e três anos...

O cavalheiro. — Eu os completei no mês de janeiro.

A senhorita. — Cabelos grisalhos penteados para trás.

O cavalheiro. — Grisalhos! Infelizmente, sim! Penteado para trás, de fato.

A senhorita. — A província de Anjou, é Saumurois...

O cavalheiro. — É a única coisa que não entendo.

Sr. F. — Errado então, sobre as províncias.

A senhorita. — Muito censurado pela família, por motivo da escolha de profissão, veio para Paris.

O cavalheiro. — Isso é exato. Minha família se opôs à minha partida para o Extremo Oriente, para onde fui apesar de tudo. Eu nunca tinha me separado dos meus e éramos muito unidos. Foi necessário o impulso de uma verdadeira vocação para me decidir. Ocupei lá um cargo administrativo por vinte e sete anos. De fato, vim para Paris antes de iniciar minha viagem.

A senhorita. — Volta feliz para uma província amada.

O cavalheiro. — Não cai a ficha.

Sr. F. — Então esta observação não serve para este assunto.

A senhorita. — Ocupa-se em Letras.

O cavalheiro. — Sou romancista.

A senhorita. — Comentou com certa amargura o último relatório da Sociedade dos Homens de Letras...

Sr. F. — E quanto à sua amargura e à Sociedade dos Homens de Letras?

O cavalheiro. — Recebo o boletim da Sociedade dos Homens de Letras, mas não me lembro de ter sentido desgosto...

Sr. F. — Então a observação da amargura é errada. A meu favor, que tive o pressentimento de que ele lera o boletim da Sociedade de Letras e que sua leitura o fizera meditar. Meu exagero consistiu em considerá-lo amargurado.

A senhorita.—Criou para si um dever de proteção para com uma pessoa que, apesar de sua fraqueza, aceitou o encargo de outro dever, de modo que ele veio a ser o protetor de ambos.

Sr. F. — Vou explicar-lhe esta frase mais claramente. Deve existir entre as pessoas de sua intimidade uma, muito jovem, necessitada de proteção, e esta proteção, generosamente outorgada, é em troca de benefícios recebidos por outro lado. Você precisa exercer alguma tutela?

O cavalheiro. — É talvez um parente?

Sr. F. — Vou me explicar melhor. Você tem ao seu redor uma pessoa, de quem depende por parentesco ou qualquer outro título, uma criatura sem meios para se desenvolver na vida, uma criatura que você protege e trata como um tio ou um tutor. Isso já faz algum sentido?

O cavalheiro. — Sim, certamente.

Sr. F. — Seria indiscreto pedir-lhe algumas indicações? Você não é como um segundo pai?

O cavalheiro. — Um companheiro meu, a quem amei como a um irmão, morreu na Indochina; a viúva dele precisou de meus conselhos para alguns assuntos pessoais e liquidação de pensão... Coloquei-me à disposição para aconselhá-la e cuidar da papelada. Isso pode ser considerado como uma proteção ativa, que ainda continua.

Sr. F. — Essa pessoa não tem outra missão em relação a outra, ainda mais vulnerável, que dela depende? Que significado isso tem?

O cavalheiro. — Esta pessoa é representante de meu filho, que está internado em um liceu em Paris.

A senhorita. — Frequenta redações, editoras...

O cavalheiro. — Frequento os jornais porque sou jornalista, e vou à redação várias vezes por semana; as editoras, eu visito com menos frequência.

A senhorita. — Tem a ver com o mundo das Letras...

O cavalheiro. — É exato, já que sou romancista.

A senhorita. — Tem, porém, outras ocupações que não sei definir. Incidentalmente, tratou de questões de arquivos e história local...

O cavalheiro. — De fato, fiz pesquisas sobre arqueologia na biblioteca nacional e tenho me ocupado da história local da região de Anghor.

A senhorita. — Maurício Dekobra? Está contrariado porque Maurício Dekobra tem se ocupado de um assunto que foi ideia dele.

O cavalheiro. — Não entendo isso.

A senhorita. — Precisou mudar fisicamente seu estilo de vida há quatro ou cinco anos atrás.

Sr. F. — Está correto?

O cavalheiro. — Muito exato. Modifiquei-o tão radicalmente que saindo da Indochina vim morar em Paris. Quatro anos atrás..., em maio de 1922.

A senhorita. — Psiquicamente: Nasceu espiritualista.

O cavalheiro. — Sou mais poeta do que realista, aspiro claramente a um ideal muito acima das misérias humanas.

A senhorita. — Não exterioriza suas ideias e, em certos centros onde triunfa o espírito de reação, ele finge compartilhar as opiniões dos incrédulos.

Sr. F. — Você compartilha das opiniões dos incrédulos?

O cavalheiro. Sim.

A senhorita. — Quer acreditar e acreditará.

O Senhor. — Invejo os que acreditam, porque a fé consola, e eu não consigo crer; o espírito crítico me conduz à discussão. Invejo a felicidade de quem crê. Esta é exatamente a situação do meu espírito.

A senhorita. — Gosta de música, de pinturas de cores claras...

O cavalheiro. — De música, gosto muito. A pintura de coloridos tênues é a única que sei apreciar. Percebo que você não me falou nada sobre meus estudos místicos e filosóficos.

Sr. F. — Sim, isso explica minha frase: "Ele tem, porém, outra ocupação que não consigo definir."

A senhorita. — Repito que o nome dele é Carlos. Seus brônquios são doentios. Esses brônquios devem ser cuidados.

O cavalheiro. — Tenho tendência a bronquite e dores de garganta.

A senhorita. — Barbeado, exceto por um pequeno bigode, talvez desaparecido... Óculos...

Sr. F. — Todos podem ver que é exato.

O cavalheiro. — Eu tinha, de fato, um bigodinho; tirei-o no Japão.

Décima prova. — Os números são distribuídos entre quarenta pessoas, que assistem pela primeira vez à sessão e que aceitam o compromisso de facilitar a comprovação das indicações que lhes forem dadas. É entregue ao Doutor Juilhe uma caixa contendo números iguais aos distribuídos. Depois de bem embaralhados, pede-se a uma senhora que escolha um ao acaso. A sorte aponta para uma senhora jovem, totalmente desconhecida de Forthuny, e que, como soubemos mais tarde, era estrangeira.

F. pega as mãos dela e fica em silêncio por trinta segundos. Então ele diz: — Antoine... Antonio... Antonia...?

A senhora. — Há algo semelhante a isso; É Anneta.

Sr. F. — Eu insisti com tenacidade; precisava que você me ajudasse. Ouço por aí um membro de sua família, um senhor, um murmúrio de multidão em um local fechado. É um parlamento ou uma sociedade? Alguém emparentado com você está falando. Ele é ouvido e aplaudido.

A senhora. — É verdade, é meu marido. Ele tinha uma assessoria de imprensa, como a agência Hayas. No dia em que esse local foi inaugurado, ele falou e foi muito aplaudido.

Sr. F. — Desculpe-me por lhe dar este detalhe. É nessa região (ele toca os rins). Dores muito fortes... Grande projeto completamente arruinado, até uma viagem ao exterior, por causa dessas dores.

A senhora. — Fiquei muito contrariada, vi-me obrigada a voltar para a França.

Sr. F. — Não é isso. É puramente físico. Não tiveram que suspender a viagem planejada por causa daquelas dores que precisavam de cuidados especiais?

A dama. — De fato. Faz uns anos. Por causa disso nossa viagem se atrasou por um mês.

Sr. F. — É curioso como me vem à mente a ideia desta Anneta. B... É até uma letra dupla. Vejo-a como se estivesse gravada em papel e virada do avesso. Dois B, que formam como um S. Quem é Paulette B. e P.? Permita-me, é um quadro que não tem nada de alegre. Você mesma, bem jovem, não tem um fino lenço de seda, feito de um tecido muito sutil, um pouco rosa violeta, e não se encontra ao lado de alguém que sofre de vertigem, algo como uma transpiração, que você se obstina em retirar, algo que lhe cai pelo rosto? Você não quer que esse rosto fique tão úmido. É uma jovem. Você não lembra ter cuidado de alguém que tinha essas sensações de queimação na cabeça? Era um suor gelado.

A senhora. — Não me lembro.

Sr. F. — As ilhas Borromeu não significam nada para você?

A senhora. — Sim; estive nas Ilhas Borromeu.

Sr. F. — Não houve nisso tudo um criado espanhol ou italiano, um certo Felipe?

A senhora. — Não; mas meu marido é de origem italiana.

Sr. F. — Você não brigou com esse Felipe? Vejo um desentendimento, uma ruptura. Acredito não ser indiscreto dizendo-lhe que depois dessa discussão seu marido, na sua frente, abriu um pequeno baú e tirou alguns objetos, lembranças... Estou vendo — desculpe, é um quadro que pode ser desagradável para você — seu marido que está assim (P. F. assume uma atitude de cólera) com os punhos cerrados, bate o pé como se quisesse atravessar o chão e diz em um ataque de fúria quase sanguinário: "Tome muito cuidado!"

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Oh, meu Deus, ela caiu desmaiada...

A senhora. — Sim.

Sr. F. — Ele não fez nada, bateu a porta e saiu.

A senhora. — Sim... (Chorando.)

Sr. F. — Perdoe-me por ter-lhe causado aflição. Isto deve acontecer assim. Todos vocês se expõem a isso. Do mesmo modo posso dizer-lhes as coisas mais agradáveis, como percorrer caminhos nada prazerosos.

Cadenz... Cadenzo. O que será isso sobre Cadenzo?

A senhora. — É o nome do meu marido (1).

(1) Não podendo aqui reproduzir o nome real, é substituído por outro equivalente e raro.

Sessão de 21 de abril de 1926.

Para progredir na exploração das faculdades metagnômicas de P. Forthuny, eu tinha o projeto de um teste audacioso, embora a meu ver não quimérico, que consistia em fazer sua faculdade funcionar, não em uma pessoa próxima ou distante dele, escolhida por ele e imposta por ele, mas com a sala vazia "antes da sessão" e a respeito de alguns dos que deveriam sentar-se "casualmente" numa cadeira escolhida "ao acaso".

Às catorze e meia o Sr. Humbolt, senador, e a Sra. Camilo Flammarión (2), que estavam no I.M.I., foram informados da prova projetada e levados para a sala de sessões ainda vazia, onde foram convidados a designar uma cadeira qualquer entre os 150 assentos existentes. O Sr. Humbolt, seguindo pelo corredor central,

indica uma com um gesto, escolhendo-a a seu bel-prazer. Nela grudo um pedaço de papel com cola, para sua posterior identificação.

(2), Sabe-se que na França as damas usam o nome e o sobrenome de seus maridos. (N. T.)

Feito isso, vou ao encontro do Sr. Forthuny, mostro-lhe a cadeira escolhida e deixo-o na sala com a estenógrafa e minha secretária particular, a quem encomendo a tarefa de proibir a entrada de qualquer pessoa e observar tudo o que acontece. A sra. Flammarion e o sr. Humbolt sobem comigo ao andar de cima, aos meus aposentos particulares.

O Sr. Forthuny vira a cadeira de costas para as janelas, para que a luz não o incomode e senta-se nela. Fecha os olhos e tateia as cadeiras vizinhas, exceto as que estão atrás dele, porque decidiu estender o teste para aqueles que se sentarem ao redor da cadeira designada. Passando nervosamente as mãos sobre elas como se as interrogasse, começa a expressar detalhes sobre o futuro ocupante da cadeira assinalada. Sua velocidade de elocução nunca foi maior. Depois de trabalhar sobre cinco cadeiras, ele volta para aquela em que está sentado.

O teste dura trinta minutos. Sentindo que lhe resta muito por dizer e que as representações mentais informativas vêm com mais facilidade do que no trabalho público, P. F. se desespera com a necessidade de parar para dar tempo de transformar o trecho taquigrafado em datilografado. Essa preocupação de não ter tempo suficiente dominou completamente a imaginação durante o curso de seu trabalho metagnômico e o dificultou.

Quando às quinze e meia P. F. abandona a sala acompanhado de sua estenógrafa e de minha secretária, o corredor do primeiro andar do I. M. I., as escadas e o saguão do mezanino acolhem uma centena de pessoas impacientes para ocupar seus lugares, que se precipitam para o salão de atos assim que a porta é aberta, distribuindo-se da melhor maneira que podem. Das quinze e meia às dezesseis, P. F., no segundo andar, permanece com a Sra. Flammarion e comigo na sala de minha casa, enquanto ao lado, em meu gabinete de trabalho, a estenógrafa dita seu texto para minha secretária, que o datilografa.

O Sr. Humbolt, que era esperado do lado de fora, havia deixado o I.M.I. antes que P. F. saísse da sala em que trabalhava.

As seis pessoas que foram informadas da cadeira escolhida permaneceram até às dezesseis horas sem qualquer relação com as pessoas que compareciam à sessão e que foram sentando-se sem ordem nos lugares vagos que iam ficando. Às dezesseis, desço com o Sr. Forthuny. Há cerca de 200 participantes na sala.

Ponho em conhecimento do público o tipo de teste que iremos experimentar. Indico a cadeira que acredito ter sido escolhida pelo Sr. Humbolt. A ocupante fica um tanto constrangida ao saber que vai ser ela o objeto do teste. Para a comprovação, faz-se constar que a cadeira mantém o papel identificador grudado.

Trazem em duplicata as cópias datilografadas do texto com as indicações metagnômicas do Sr. Forthuny.

Eu deixo uma delas à minha vista enquanto P. F., em pé próximo da senhora na cadeira, dá leitura em voz alta e em primeiro lugar, ao que diz respeito aos ocupantes das cadeiras próximas e, finalmente, ao que se refere à pessoa que é o sujeito principal do teste tencionado. Para dar todo o valor à parte fundamental da experiência, mencionarei apenas o que se refere à *senhora da cadeira*. O público, com base no assentimento desta senhora ao que o Sr. P. F. lê, sai da sala com a impressão de ter presenciado um acontecimento claramente positivo. Ao tornar agora a ler as indicações metagnômicas confrontadas com os fatos que indicam, perceberá que o sentido que pareciam ter as palavras expressas pelo metagnomo (sensitivo) adquire um alcance muito maior.

Para evitar repetições, darei o texto Forthuny em itálico, fazendo seguir-se cada indicação pela realidade correspondente, que cada interessada confidenciou após a sessão.

A Sra. M., jovem e muito inteligente, de espírito positivo, que não aceita incertezas, mostrou interesse em permitir-nos dar a este fato toda a precisão desejável, por julgar que era seu dever (1).

(1) O leitor entenderá o motivo de deixar esta, como as outras senhoras que foram objeto de conhecimento paranormal, no anonimato. No entanto, a maioria delas ficou à disposição de qualquer pessoa que quiser verificar a exatidão dos fatos.

O fato de tudo tornar a cair pela terceira e quarta vez, não é um motivo para deixar ficar no chão. Recolha os pedaços que considerar oportuno e siga em frente. O sucesso está ao final. Pensou que era muito simples forjar esta alma e remodelá-la; é muito difícil, mas vai conseguir. Uma doença virá em seu auxílio e nesse momento você passará a dominar aquilo que em parte ainda lhe escapa.

O que foi dito corresponde a certos esforços especiais da Sra. M., cujos meios e finalidade ela me confiou, pedindo-me para não tornar público nada mais do que sua afirmação da exata relação com a realidade, sem acrescentar nada mais.

Seu plano de partir para muito longe neste verão foi desaprovado e o será mais uma vez. Não pense mais no Levante. Por algum tempo você não deve pensar nisso.

A senhora M. fez recentemente dois planos de viagem: um de uma peregrinação de automóvel, e para quinze dias, que foi abandonado, e outro para os Vosges, de onde alguns amigos a chamam há dois anos, e cujo plano também foi renunciado.

Antes de mais nada, cuide de seus túmulos.

A Sra. M. é da categoria daquelas pessoas que nunca tiveram o culto de seus mortos. Ela nunca foi visitar o túmulo de nenhum deles. Sua mãe morreu há dois anos e apenas uma vez, oito dias depois, é que foi ao cemitério.

Leão. Eles me dão...: o químico, e não sei por quê.

A Sra. M. não encontra nenhum significado nessas palavras. É a única indicação errada da sessão.

Cuide do seu fígado.

A Sra. M. está em tratamento por sofrer de problemas hepáticos.

Não use essa cintura que já lhe causou lesão pelo atrito.

A Sra. M. vinha usando há algum tempo e também hoje um cós elástico que havia ferido sua pele recentemente.

Que baque! Moralmente você foi jogada no chão. Foi pisoteada, arrastada pela lama. Você venceu por seu próprio esforço. Está tudo bem... M maiúsculo... se você conseguir recuperar seu sangue-frio, terminará sua vida sem mais emoções...

Isso se refere a um episódio dramático recente na vida da Sra. M. Quando se tornou sócia comercial do Sr. R., a Sra. M. teve que sofrer o ataque violento e hostil, a tenacidade em prejudicar, da mulher de seu sócio, Marcela R., injustamente ciumenta. Moralmente foi pisoteada e arrastada pela lama. Chegaram até a ameaçá-la de morte. Ela tomou suas decisões para se afastar e livrar-se da tortura moral que lhe era infligida. Finalmente reagiu defendendo-se, fazendo com que seus inimigos e outros entendessem a injustiça dos julgamentos emitidos. Depois de ter perdido o sangue-frio, ela o recuperou, o que lhe permitiu restaurar a calma ao seu redor após os dias de violenta existência.

Cuidado para não voltarem as dores de ouvido, garganta e nariz. É daí que vem sua neuralgia...

A Sra. M. tem sofrido de fortes nevralgias cefálicas. Dias antes ela havia visitado um especialista em doenças do nariz, garganta e ouvidos, que constatou um desvio do septo nasal, inflamação de um corneto e da pituitária do lado direito, afirmando que a cura dessa região faria a nevralgia desaparecer. (A Sra.

M., para vir ao I.M.I., deixou de comparecer à consulta marcada com aquele médico.)

Tanto pior para ele, que está na prisão. Entendo uma prisão moral na qual se trancou. Ele sairá por si mesmo ao adquirir consciência do dano que causa aos outros. Então todos vocês recuperarão a liberdade.

Em reação aos ataques caluniosos feitos contra sua esposa, o marido da Sra. M. fechou-se em si mesmo. Fechou o pensamento, expressando apenas o estritamente necessário. Essa atitude de frieza, de quase mutismo, de desafeição, colocaram a Sra. M. num doloroso estado de retraimento moral. O medo de julgamentos malévolos e injustos sobre seus atos cotidianos tiravam-lhe qualquer independência de ação. Este lamentável estado de coisas está começando a melhorar. O Sr. M. compreende o quanto sua atitude foi excessiva. Lentamente ele sai de sua prisão moral e voluntária. Ao mesmo tempo, a Sra. M. vê seu próprio retraimento diminuir.

Não se lamente por esse título ser retirado de você. Tudo isso é apenas vaidade humana.

Isso corresponde na Sra. M. a uma preocupação de curiosidade momentânea. Vários clarividentes profissionais que ela visitou recentemente deram-lhe como notícia secundária que ela pertencia a uma família ilustre. Intrigada com a repetição dessas indicações, e sabendo que sua mãe havia sido abandonada pelos pais, fez indagações para comprovar as palavras dos videntes.

Passada a água, longe sobre os mares, para além dos mares, cheiro de baunilha... Surpresa ao ver alguém voltar do Brasil ou da Argentina..., da América do Sul... Você está em relação com esse?...

Oito dias antes da sessão, a Sra. M. recebeu a visita de um grande amigo de sua família que ela não via há quatro anos e que chegava do Brasil sem aviso prévio.

A ameaça de operação tornará a se repetir...

Dois meses antes desta sessão, o Dr. Pauchet havia dito a ela: “Será preciso operá-la algum dia...”

Depois dessa confrontação entre as percepções metagnômicas de F. e a realidade, perguntei à Sra. M. se queria especificar as condições de sua vinda ao I.M.I. e como ela escolheu a cadeira em que se sentara. Eis o que ela me confiou, oralmente e por escrito, uma parte do qual me foi confirmada por M. R., seu sócio:

— “Eu era uma completa desconhecida para você, assim como para o Sr. Forthuny. A leitura de um exemplar recente da *Revista Metapsíquica* foi o que fez M. R., meu parceiro de negócios e eu, tomarmos conhecimento da existência das sessões de clarividência ministradas por Forthuny. Até meio-dia e meio do dia desta sessão, não me passava pela cabeça ir, e nem sequer sabia que iria se realizar naquele dia. M. R. informou-me durante o almoço e decidi ir ao I.M.I., desmarcando uma consulta que tinha à mesma hora com um médico especialista de nariz e garganta. Feito esse projeto, conversamos sobre outra coisa e meus pensamentos se voltaram para outros assuntos.

— Lá pelas quatorze e meia, não posso especificar mais, senti desconforto (dispneia), fenômeno que nunca havia sentido e que me preocupou. Compartilhei com M. R., que me aconselhou o repouso.

Até quinze horas, apesar da minha ocupação, minha atenção era constantemente voltada para as agulhas do relógio. Eu estava com pressa para sair, mas como meu desconforto persistia, pensei que o melhor seria ficar e descansar em meu escritório.

Apesar de tudo, às quinze horas rumei para a Avenida Niel. A dispneia cessou imediatamente.

Às quinze e vinte cheguei ao I. M. I. A multidão já se aglomerava na porta de entrada, ainda fechada, da sala de sessões. Entrei na fila e por volta das 15h30 as portas se abriram para deixar a multidão passar.

Acotovelada pelo turbilhão, parei, depois de alguma dificuldade, diante de uma cadeira que encontrei ao meu alcance, mas não antes de ter sofrido vários empurrões. Faltou pouco para que outro sentasse no meu lugar.

Refletindo sobre esse fato, penso na multiplicidade de incidentes que poderiam ter ocorrido para impedir que meu desejo se tornasse realidade.

Meu mal-estar esteve a ponto de me reter em casa. Naquele dia eu esperava a visita de importantes clientes estrangeiros, que chegaram logo que eu me ausentei do escritório. Se tivessem chegado a tempo, eles teriam me impedido de sair. Por outro lado, a inesperada recusa do meu sócio M. R., que não quis me acompanhar até a Avenida Niel, esteve a ponto de me deter, pela repulsão que me causa sair sozinha.

Quanto ao meu lugar, foi-me imposto pelos empurrões da multidão. Se M. R. tivesse me acompanhado, como eu pensava, tudo teria mudado. Precisando de duas cadeiras, iríamos ficar atrás, nas fileiras livres, onde necessariamente teríamos nos acomodado”.

Sessão de 19 de maio de 1926.

O objetivo desta sessão foi experimentar dois testes:

Primeiro teste. — Colocar o Sr. Forthuny algumas horas antes da sessão na sala vazia e pedir-lhe para atuar diante de uma cadeira livre, escolhida ao acaso, como se o futuro ocupante já estivesse nela.

Este teste devia reproduzir o sucesso alcançado na sessão de 21 de abril.

Segundo teste.— Pedir a F. para colocar em jogo a sua faculdade algumas horas antes da sessão sobre uma pessoa cuja cadeira fosse designada por sorteio realizado em plena sessão, com todos os presentes já reunidos.

O objetivo desse teste era verificar se a metagnômica de Forthuny era capaz de superar o duplo obstáculo de adivinhar a pessoa que ocuparia a cadeira e o assento que a sorte indicaria para ela.

Às onze horas da manhã, os cartões numerados foram amarrados a 150 assentos para o sorteio das cadeiras durante a sessão.

Às treze e meia introduzi na sala de sessões, que estava vazia, o Sr. Carl Vett, de Copenhague mas de passagem por Paris, e pedi-lhe que assinalasse uma cadeira à sua vontade. Como todas estavam numeradas, ele pegou um número ao acaso na cesta que continha o segundo jogo de cartões. Assim foi designada a cadeira 52. Nenhum sinal foi feito nela. A senhorita estenógrafa anotou o número em seu caderno.

Forthuny, informado do programa dos testes e posicionado diante das cadeiras, ficou na sala vazia com a senhorita e a minha secretária.

Às quatorze e vinte, F. saiu da sala de sessões, tendo terminado seu trabalho.

A secretária e a senhorita dirigiram-se aos escritórios do segundo andar para datilografar a taquigrafia. Não se comunicaram com ninguém até depois de começada a sessão.

Nem o Sr. Forthuny nem eu, das quatorze e vinte às dezesseis horas, tivemos contato algum com qualquer pessoa do público.

Às dezesseis entramos na sala de sessões com o texto datilografado.

Cerca de trezentas pessoas estavam reunidas. Informei-as sobre os testes experimentados e dei leitura ao primeiro ensaio.

Encontrei a cadeira 52 ocupada por uma senhora minha conhecida. As primeiras vinte linhas da minha leitura foram recebidas por ela com sinais

negativos. Naquele momento, um cavalheiro sentado na terceira cadeira à sua esquerda mostrava sinais de tamanha ansiedade que temi uma síncope e providenciei para que ele fosse retirado. Levantou-se dizendo que sua perturbação era causada pelo que acabara de ouvir, que lhe dizia respeito de maneira indiscutível. Perguntei-lhe se poderia dizer em público a quais realidades de sua vida correspondiam as indicações fornecidas por Forthuny. Ele tentou satisfazer meu pedido, mas com tal desordem de ideias que pensei estar na presença de um desequilibrado. Isso me fez apressar a leitura da continuação do texto, parando de vez em quando para perguntar ao público se alguém poderia se atribuir o significado. Ninguém se deu por aludido, exceto o cavalheiro em questão, que estava cada vez mais emocionado e que, dando repetidos sinais de aquiescência, finalmente se esforçou em explicar o porquê de se considerar o objeto desse teste. Seu embaraço era tão grande que suas palavras produziram em todos que o ouviram a mesma ideia que me assaltara. Desejando acabar com esse incidente, que mais parecia uma brincadeira, Forthuny e eu demos esse primeiro teste como fracassado.

Então coloquei em mãos do Dr. C. a cesta contendo o segundo conjunto de números (de onde fora sorteado o 52) e pedi a ele que tirasse um. Saiu o 77.

A cadeira marcada com esse número era ocupada por uma senhora, ao lado da qual estava seu marido. Isso nós o descobrimos mais tarde. Forthuny leu, frase por frase, o texto de suas indicações metagnômicas. As respostas que obteve foram indecisas, pouco precisas e na sua maioria negativas. Essa segunda prova, assim como a primeira, foi julgada por ele e por mim como um fracasso.

Para não deixar o público sob a penosa impressão de uma sessão completamente estéril, o Sr. Forthuny fez, como em outras ocasiões, alguns ensaios ao acaso entre a plateia. Deram alguns resultados que lamento não poder repetir, porque a senhorita estenógrafa, devido ao ruído das conversas, não conseguiu registrar com exatidão as palavras pronunciadas e, além disso porque nenhuma das pessoas, a quem F. se dirigiu, voltou desde então para contribuir com indicações comparativas precisas. Desmoralizado com esses fracassos e incomodado diante de um público numeroso demais, Forthuny parou, desculpando-se por ter dado pela primeira vez um espetáculo de impotência.

Todos saíram com o convencimento de que um fracasso completo castigara a audácia de Forthuny, audácia que eu tinha provocado.

No dia seguinte, 20 de maio, data marcada por mim para receber, vi com irritação que entrava em meu escritório o cavalheiro tão transtornado da véspera; e quando eu esperava ouvir palavras confusas e infundadas, vi estranhamente que me achava diante de um homem que se expressava pausado e claro e que seguia retamente a ideia.

- Você me desculpará - disse ele - por não ter tido ontem o sangue-frio necessário para uma experiência tão interessante e na presença de tantas pessoas; mas quando percebi que as revelações de Forthuny se referiam a mim e que iria tornar públicos os terríveis incidentes da minha vida, senti uma loucura indescritível ao me lembrar de eventos dolorosos; e também pensando que deveria, em consciência, dizer, acima de tudo, que era verdade e o por quê. Minha emoção foi tão grande que quis fazer entender a sinceridade das palavras de Forthuny e não consegui coordenar minhas ideias. Devo ter parecido louco. Você não pode imaginar o meu sentimento quando, sem levar em conta minhas palavras e gestos, aquele cavalheiro e você consideraram a experiência um fracasso. Pelo contrário, foi um sucesso notável. Eu vim para confiar a verdade a você e hoje tenho o suficiente controle sobre mim mesmo para me explicar adequadamente.

Propus ao Sr. X. a leitura, frase por frase, do texto estenodatilografado da sessão anterior a que ele se referia (primeiro teste) para que me confiasse a relação de cada uma com a realidade.

“— Aceito com prazer — respondeu-me —, porque para isso vim. Mas economizaríamos muito tempo se eu de antemão informasse você do que precisa saber sobre minha vida privada, porque aí está a chave do que o Sr. Forthuny disse.

Sou casado. Minha esposa e eu não conseguíamos nos entender. Não tivemos filhos, e desde há quinze anos aproximadamente a aparência de uma vida comum esconde uma realidade em que nossos respectivos sentimentos nos separam. Não encontrando em meu lar o afeto que poderia esperar, aconteceu que o encontrei em outro lugar. Foi com uma jovem prima minha. Mais de quatro anos atrás, ela trouxe uma criança ao mundo, um lindo garotinho que, física e moralmente, se desenvolveu mais cedo do que o normal. Eis o seu retrato (1).

(1) O retrato justificava plenamente a afirmação do pai em relação à aparência física.

Com muita diplomacia numa ocasião tão delicada, cheguei, de etapa em etapa, a confessar à minha esposa, com quem vivi sempre e com quem ainda vivo, a

maternidade da nossa prima, o meu desejo de que o filho dela viesse frequentemente à minha casa, e, por fim, acabei contando a ela que eu era o pai. Aquele menino, lindo, tão carinhoso e extraordinariamente inteligente, era a minha vida inteira. Ele morreu há um mês e isso foi um golpe terrível para mim. Leia as palavras do Sr. Forthuny; você as entenderá agora e eu adicionarei as explicações que precisar.”

Eis as indicações do Sr. Forthuny e sua correspondência com a realidade confiada (2).

(2) O que segue em itálico é o texto que li em público no dia 19 de maio.

Texto F. — *É triste confessar que muito tempo foi desperdiçado, tempo demais, perdido em um falso conceito da doença que sofria aquele pobre enfermo. Existe um verdadeiro erro de diagnóstico, causa do agravamento e responsável pelas consequências inevitáveis... Bastava vê-lo respirar para perceber que a sua doença não era o que imaginavam. Essas são as experiências cruéis das quais o erro é reconhecido tardiamente.*

Sr. X. — Nos princípios de março de 1926, meu filho foi atacado por uma doença eruptiva, pela qual me aconselharam a levá-lo ao consultório do Hospital B. Foi diagnosticado com catapora e me obrigaram a deixá-lo lá. Quando ele estava se recuperando dessa leve indisposição, foi atacado por febre alta e dispneia. Foi levado para outro hospital. Por cinco dias eles não souberam que diagnóstico fazer. Acabaram falando em sarampo e escarlatina. Esta última doença já cessava, e eu estava me preparando para levar o garoto comigo, quando repentinamente recaiu. Falaram mil coisas, deram opiniões sobre difteria e outras doenças, mas a criança morreu no dia 16 de abril e, segundo me disseram após o falecimento, de congestão pulmonar.

Texto F. — *Ma, m... a... como o início de certo nome.*

Sr. X. — Não sei a que poderá se referir (1).

(1) Mais adiante ler-se-á que Ma é o início de um nome que será dado na íntegra mais tarde (Margarida) e que está relacionado com as indicações que se seguem imediatamente.

A pessoa que ocupa esta cadeira é aconselhada a abandonar, se já não for tarde demais, a atitude sistematicamente fria que adota para com os outros e a compreender que as coisas da vida não podem, de forma alguma, resolver-se com o silêncio e a raiva, e que o resultado de um problema de paz desejável para ambas as partes só pode ser alcançado com uma explicação franca. Este estado de incompreensão recíproca já vem durando muito tempo e, seja dito entre parênteses, se a criança fosse lembrada com mais frequência, se este doloroso

assunto fosse tratado com honestidade e franqueza, seria admirável ver quantas atenuações trazidas pelo tempo fariam a razão reagir, e quantos acordos poderiam resolver essa dificuldade pendente entre duas ou três criaturas.

Sr. X. — Só posso compreender a incrível exatidão dessas palavras porque são o resumo de toda a minha vida íntima atual. Compreendo que não poderei colocar ao alcance de vocês mais do que uma parte de sua prodigiosa verdade. A falta de afeto entre minha esposa e eu, vários incidentes em minha vida e, por último, a confissão de paternidade fora do casamento, criaram uma atmosfera conjugal que você pode imaginar. Aos sentimentos de minha esposa, às vezes agressivos e às vezes conciliadores, contrapôs a atitude sistematicamente fria e distanciada que o Sr. Forthuny aponta. Eu tenho evitado qualquer explicação. Mas acontece que desde a morte da criança, minha mulher, sem dúvida enternecida por uma angústia moral, parece transformada. É bem possível que se eu tivesse com ela uma explicação franca de nossa situação, resultaria, como diz o Sr. Forthuny, em uma solução para a dificuldade pendente entre duas ou três criaturas. Duas criaturas, minha esposa e eu. Três criaturas, minha esposa, minha prima e eu. Que precisão! Quantas coisas em tão poucas palavras para o meu pensamento!

Texto F. — *Não se preocupe com a opressão em sua cabeça, que, sem impedir seu trabalho material, tem sido suficiente para alarmá-lo um pouco. No que diz respeito à sua saúde, tanto do ponto de vista cerebral quanto físico, você não deve esquecer que existe nisso um acidente puramente fisiológico no qual a psique não intervém de forma alguma e cuja origem vem da má circulação juntamente com os efeitos de uma antiga doença estomacal, reflexo de um estado nervoso.*

Sr. X. — Em 1918, durante a guerra, estive por muito tempo em tratamento de uma úlcera estomacal com espasmos do piloro. A evacuação urgente do hospital impediu de me fazerem uma cirurgia. A úlcera finalmente cicatrizou, mas meu estômago ficou sob a ação de um nervosismo excessivo.

Cada emoção repercute nele até o ponto de me causar dor. Talvez seja esse o motivo da minha confusão durante a sessão de ontem. Muitas vezes sinto opressão na cabeça. Após a morte da criança, essa condição chegou a me alarmar, e muitas vezes me impedia de trabalhar.

Texto F. — *Pedro, e por assimilação a palavra pedra (1), que pode designar uma pessoa, parece-me também poder designar um projeto que poderíamos chamar de "monumental", iniciado e interrompido bruscamente em sua construção, como se fosse uma obra abandonada numa oficina, que você tem a intenção de continuar, e*

que terá necessariamente de continuar se não quer ver ruir todas as primeiras construções sobre as quais originalmente pensou apoiá-lo... Aprese-se. Aproveite uma nova e feliz disposição sentimental naqueles que outrora você pensou serem seus colaboradores e que agora, sem demonstrá-lo, parecem mais inclinados do que antes a servi-lo.

(1) Tenha-se em mente que pedra e Pedro são palavras homônimas em francês. — (N. T.)

Sr. X. — É estranha esta apresentação feita por Forthuny de um novo aspecto das coisas ligadas a todo o resto. Eu moro em Paris; há algum tempo tenho planejado a aquisição de um terreno e a construção de uma casa nas redondezas para morar nela com minha prima, sua irmã, a filha desta e sua mãe. Minha intenção era me separar de minha esposa pelo divórcio.

Na semana passada, iniciei conversas para tentar a compra de uma casa. Foram interrompidas. Nada foi decidido. Apenas conversas. Este projeto não pode ser realizado sem a colaboração financeira das pessoas da minha família que irão morar comigo. A mãe de minha prima não parecia disposta a princípio. Agora aceita.

Texto F. — *Como primeira medida, você deve descartar a angústia permanente que se apoderou de você, depois de uma morte cujos efeitos foram mudar a aparência das coisas e a mentalidade das pessoas; angústia que não lhe permite observar as secretas intenções de uma pessoa em quem você poderia encontrar, se agisse com ela de forma mais resoluta e clara, primeiro, um apoio; segundo, a maneira de se livrar dessa preocupação surda e dolorosa...*

Margarida...

Sr. X. — Quanto sentido isso faz para mim! Após a morte do menino, resolvi me divorciar, mas noto tal mudança no jeito de ser de minha esposa, agora tranquila e bondosa, que não sei mais o que decidir. Ela mesma acaba de solicitar uma entrevista com minha prima, mãe da criança. Imagino com boa intenção. Em breve será conhecido.

Margarida? É o nome da minha esposa.

Lembre-se da sessão de ontem, quando você estava lendo esses parágrafos, sem que nem você nem os presentes dessem importância às minhas afirmações inconscientes; Lembre-se, repito, que ao tentar explicar coisas impossíveis devido ao seu desenvolvimento excessivo, desabei na cadeira. Foi o nome Margarida o que me surpreendeu, porque definia minha vida sentimental de forma tão concisa que perdi a cabeça.

Texto F. — *O que surpreende em você é o sentimento de frieza, de reserva, um jeito organizado e natural de se retrair, não se deixando prender por sinais de simpatia ou paixão, dos quais você sempre desconfia, nem pela emoção, seja qual for. Assim você encontraria o seu verdadeiro temperamento e isso é demonstrado pela sua vontade de saltar as cercas com que você mesmo se rodeia para ceder a um impulso que desta vez parte de você e cujo objeto pode ser discretamente designado pela letra L...*

Sr. X. — Observando a recente mudança de sentimentos de minha esposa, fiz concessões, e entendo muito bem que uma mudança mais acentuada em seu modo de ser talvez me obrigasse a pedir-lhe que organizasse uma vida familiar menos dolorosa.

A letra L. é o que não entendo.

Texto F. — *Rejeite a pena que você sentiu por uma criaturinha cujo ombro era deformado: você mesmo sabe que com ele aconteceu a melhor coisa que poderia acontecer. Você não ignora que por muitas razões a felicidade era vedada para ele na terra... Luís... Luísa... o Jura?*

Sr. X. — Meu filho nunca teve um ombro deformado, pelo menos eu não o notei; o que ele tinha quando era pequeno era um assomo de raquitismo, só do lado esquerdo. Quando corria, não corria direito como as outras crianças; parecia mancar.

Quanto à afirmação de Forthuny de que a morte do menino foi a melhor coisa que poderia lhe acontecer, porque não haveria felicidade para ele no mundo, não entendo nem acredito.

Luís era o seu nome.

Luísa e Jura? Por enquanto isso não faz sentido.

Texto F. — *É importante revisar imediatamente, e acredito que é nisso que estão pensando, um sentimento de ódio que não é legítimo. Certamente houve ofensa. Mas isso não é suficiente para desejar a morte, ou pelo menos o infortúnio.*

Sr. X. — Isso refere-se à minha esposa. Ela odiava o garoto. Durante a sua doença gozou desta desgraça e não se esquivou de me dizer: “Gostaria que ele morresse; seria o castigo para você.” Será que ela está pensando em revisar aquele sentimento de ódio contra a mãe e contra mim? Sua nova atitude, tornando-a melhor para comigo, e a entrevista solicitada com minha prima me fazem esperar que sim.

Texto F. — *Você está sendo parabenizado, um idoso deve ter recebido, embora confusas, algumas de suas confidências sobre este assunto, e repito, parabenizo-o*

por seu retorno a sentimentos mais equilibrados. Primeiro, em relação ao objeto de uma paixão que agora está muito longe de você. Em segundo lugar, no que diz respeito a uma espécie de corrente espiritual, que sem ser mística no sentido religioso da palavra, se orientava para uma credulidade que dava à hipótese do milagre uma importância maior do que a razão indica. Com isso, você realizou um louvável trabalho de reparação moral que contribuiu na ordem familiar para uma não menos louvável mudança de atitude.

Sr. X. — A qual idoso fiz confidências? Não me lembro. Das três indicações contidas neste parágrafo, uma é falsa porque não tive paixão alguma por ninguém que estava longe de mim. A segunda pode referir-se a uma corrente de pensamento que me atraiu após a leitura de Allan Kardec, e imagino que essa literatura, que sei é lida por minha esposa nos livros que deixo sobre minha mesa, pode ter contribuído para modificar sua atitude, o qual daria um certo sentido à terceira indicação.

Texto F. — *Não sei definir o trabalho que você tem iniciado, trabalho interrompido retomado; será que é uma repetição da ideia de construção de que falei anteriormente? Então, pensando na oportunidade de continuá-lo, faça-me a justiça de reconhecer que, se for fazê-lo amanhã mesmo, você lhe dará um aspecto muito diferente do que havia previsto em princípio.*

Sr. X. — A mudança de sentimentos em minha esposa, algo que hoje parece-me até bem impossível, necessariamente mudaria meus projetos. Eu desistiria de abandoná-la, e para a casa também desistiria da colaboração com os membros de minha família, dos quais já falei. O que pode resultar dos meus projetos o futuro irá descobrir.

Texto F. — *Este é o resultado de uma grande evolução filosófica ocorrida às suas costas, em sua casa, como resultado de eventos decisivos dos quais tomou conhecimento.*

Sr. X. — Há um fato inegável, que há algum tempo a leitura de certos livros filosóficos, e particularmente as obras de Allan Kardec, tem me tornado mais generoso e bondoso para com minha esposa...

Texto F. — *Na ordem estritamente material, vejo-o em breve preocupado com uma mudança de residência; não me atrevo a dizer de apartamento porque acho que é algo mais decisivo, é passar de uma cidade para outra, para entrar, mesmo que você acredite no contrário, no bulício mais do que na quietude. A experiência irá lhe demonstrar isso.*

Sr. X. — Estou, de fato, atualmente, como já lhe disse, preocupado, não só com a mudança de domicílio, mas também de residência, pois pretendo trocar Paris pelos seus subúrbios. Meu desejo é escolher um lugar silencioso, e se me ocorresse viver no bulício, como diz F., isso me causaria grande surpresa.

Texto F. — *Quanto ao seu estado físico, em primeiro lugar observo apenas aquela impressão de calor na cabeça, acompanhada de breve mas angustiante vertigem. Em segundo lugar, aquela contração na região do piloro, à qual você deve dedicar um interesse particular.*

Sr. X. — Isso é totalmente preciso. Quanto ao piloro, tenho minhas razões para lhe dedicar particular interesse. É o lugar onde qualquer emoção tem impacto, e eu sou um emotivo.

Após esse confronto da produção metagnômica com a realidade, perguntei ao Sr. X o que o havia levado àquela sessão do I.M.I., e a sentar-se ali.

— Eu desconhecia — respondeu ele — as sessões dadas pelo Sr. Forthuny. Eu nunca havia entrado no Instituto Metapsíquico. Depois de uma recente reunião no Clube do Faubourg, onde se falou nos fenômenos metapsíquicos e nas experiências feitas com o Sr. Forthuny, uma senhora com quem travei conversa disse-me que compareceria à próxima sessão e me encorajou a acompanhá-la para continuar nossa conversa. Por volta das quatorze horas cheguei ao I. M. I.; o porteiro me disse que era proibido entrar na sala de sessões. Em vista disso, fiquei ali fora até cerca de 14h40; nesse momento, vendo que várias pessoas entravam e não tornavam a sair, entrei com um grupo recém-chegado. A princípio eu tinha a intenção de sentar no meio da sala, numa cadeira que não sei assinalar, mas com certeza bem próxima da número 52. Por fim, sentei-me em uma daquelas encostadas à parede. Dois assentos me separavam daquele que (como soube mais tarde) havia servido para a experiência de F. Reservei um deles para a senhora com quem tinha encontro marcado.

Era a primeira vez que eu vinha ao I. M. I. O Sr. F. e eu éramos totalmente desconhecidos um para o outro.

Quanto ao segundo teste - metagnomia em sala vazia sobre uma pessoa posteriormente designada durante a sessão e por sorteio - considero inútil dar o texto completo do mesmo, porque não me é possível fazer qualquer julgamento sobre o seu valor.

A senhora que ocupou a cadeira 77 apenas reconheceu como aplicáveis a ela algumas das indicações fornecidas por F., e justamente as mais abstratas.

Terminada a sessão, seu marido, que ocupava a cadeira 76, pediu-me que lhe enviasse a ata relativa à sua esposa, acrescentando que algumas das indicações, que eram falsas para ela, diziam respeito a ele.

Eis, segundo sua carta de 29 de maio de 1926, o confronto que ele fez de uma parte do texto do Sr. Forthuny com a realidade de sua vida:

Texto F. — *Na vida da pessoa que ocupa esta cadeira existe a sensação de não poder progredir — é coisa do passado —. Por um lado, porque sente em si mesma um obstáculo físico, obstáculo para o qual não encontro melhor comparação do que assumir que é um enorme calo na sola do pé que lhe dificultaria a marcha... Isto é simbólico... E por outro lado, o medo de caminhar entre sombras, rumo a uma espécie de precipício... Explicação do símbolo: uma natureza muito indecisa e pouco audaciosa que se entrega mais ao destino do que a si mesma, e, ainda por cima, muito desconfiada do destino por ter sido ferida mais particularmente do que outros...*

Insistindo neste ponto, vejo a morte em plena juventude de certa pessoa que era sua guardiã, protetora, com quem julgava poder contar. A morte ou a ruptura caprichosa de uma promessa sentimental feita na juventude por uma pessoa... X..., e quebrada sem que os motivos secretos sejam conhecidos até hoje...

A existência da pessoa que ocupa esta cadeira não é mais do que um problema contínuo, e realmente não se pode dizer que tenha sorte. Pode-se afirmar, ao contrário, que é daquelas para quem a sorte mostra-se verdadeiramente esquiva, até mesmo na animosidade que uma pessoa próxima lhe demonstra e que nem sequer tem motivo para odiá-la ou contradizê-la, além ser uma ela mesma vítima do que se poderia chamar de má astralidade, uma influência depressiva que azeda nela seus melhores sentimentos, tornando-a melancólica irritável e injusta... Essa pessoa, nefasta para o indivíduo que ocupa a cadeira, é de tez azeitonada, embora relativamente, como que mutável, sem que isso expresse plenamente meu pensamento... Fala uma língua estrangeira que defino não muito bem como língua genuína porque talvez seja um dialeto intermediário entre duas línguas completamente diferentes...

Uma certa pessoa sofre do fígado (não é a pessoa que ocupou a cadeira, mas outra que está relacionada a ela).

Carta do Sr. D.— Sou, de fato, muito pouco determinado e muitas vezes careço de audácia. Os incidentes de minha juventude tiveram uma influência tão grande em meu caráter que me levaram a me entregar frequentemente ao Destino, no qual tenho confiança desde que eu observe uma conduta regular em todos os

aspectos e me dedique ao trabalho aplicando, em última análise, este princípio: “Cumpra seu dever, não importa o que aconteça.” Essa confiança não é ilimitada e ao menor aborrecimento experimento a sensação de que tudo me abandona, de um afundamento, como se estivesse caindo em um abismo.

O calo para mim não só é um símbolo das dificuldades na gestão dos meus negócios, mas também, e infelizmente, uma realidade com a qual tenho sofrido muito. Em muitas ocasiões tem sido para mim um obstáculo, que me impediu de empreender assuntos que eu julgava úteis, e muitas vezes a ideia de fazer algo fora dos meus costumes resultava imediatamente em frouxidão, e um grande sofrimento no pé esquerdo, que é onde eu tenho o calo.

Quanto ao que foi minha juventude, aqui está: Filho de mãe doentia, fui, ao nascer, confiado a uma aia. Infelizmente, mudei muito de ama de leite. Tais mudanças me causaram sofrimento físico. Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos e depois tive de sofrer maus tratos de uma madrasta até os sete anos. Nessa idade, por insistência de um professor, entrei em um internato por conta de um solteirão que se tornou meu protetor e de quem tudo podia esperar. Este protetor morreu quando eu era um soldado. Chamado por sua família para a abertura do testamento, percebi com surpresa que meu nome não era mencionado nele. A qual causa atribuir esse esquecimento, ou melhor, essa determinação em relação a mim, sabendo que me deixava em uma situação precária e em um plano de vida diferente daquele a que ele mesmo havia me acostumado?

Eu nunca soube. Acrescentarei que também não tentei descobrir, entregando-me mais uma vez ao meu destino.

Na atualidade, minha estrela me colocou na casa de outro solteirão amigo meu que acaba de abandonar recentemente este mundo e que, não se esquecendo de mim, também me deixou a encomenda de acertar sua sucessão com um sujeito que muitas vezes me contradiz e atua frequentemente em sentido oposto à sua missão. Por outro lado, ele tem um caráter não muito franco. E tende a agir sempre em oposição às regras e costumes. Sua cor é escura, pode-se até dizer que é azeitonada, e além disso, sua esposa, inspiração para a maioria de seus atos, fala flamenco.

A pessoa doente do fígado sou eu. Acabo de me cuidar de um início de congestão hepática.”

Façamos constar que as 32 linhas que expressam a indicação metagnômica retidas pelo Sr. M. D. como referindo-se a ele, constituem um parágrafo contínuo no texto datilografado deste segundo ensaio.

Quanto às 10 linhas que precediam esse parágrafo e as 30 que seguiam, várias pessoas sentadas não muito longe da cadeira 77 acreditaram reconhecer indícios que lhes pudessem dizer respeito. Mas é muito diluído para que possamos levá-lo em conta.

Dada a grande importância dos ensinamentos que emanam deste tipo de experiência, propomo-nos no próximo ano letivo reproduzi-las no maior número de vezes que possível e torná-las objeto de um estudo especial.

Capítulo IV

Lições emanadas da obra metagnômica pública do Sr. Forthuny

NÃO ensina nada, a quem estudou numerosos outros sujeitos metagnomos (sensitivos) na prática experimental, o trabalho do Sr. Forthuny realizado "diante do público".

No entanto, a multiplicidade de incidentes psicológicos espontâneos durante as sessões e a sua repetição incessante, realiza a confirmação, cada vez mais acentuada, de algumas das noções adquiridas noutras ocasiões por observações provocadas. Por outro lado, permite explorar mais rapidamente em algumas direções a extensão da faculdade de conhecimento supranormal e de forma mais fortemente demonstrativa do que na condição de metagnomia, no que diz respeito a uma única pessoa. Assim, citando apenas dois exemplos recentes, direi que bastou um instante na sessão de 24 de março de 1926 para afirmar que o psiquismo do Sr. Forthuny é capaz, não apenas de se colocar em comunicação metagnômica à distância com a psique de uma pessoa inserida no ambiente de duzentas outras, como também de extrair dessa condição uma produção melhor do que quando está na presença de uma pessoa que emerge dentre os presentes. Da mesma forma, duas horas foram suficientes, em 21 de abril, para demonstrar, com uma experiência simples e precisa, que a psique humana é capaz de conhecer o futuro como conhece o presente e o passado.

Esta condição de trabalho metagnômico em público, apesar da redução daí decorrente, oferece, desde que variado e orientado para fins explicativos e exploratórios, material de estudo muito útil. Vou esclarecer o aparente caos em que estão permeadas certas noções metagnômicas da psicologia, fáceis de esclarecer.

I. — Da qualidade global das sessões.

Após a leitura das atas das sessões realizadas no I.M.I. por Forthuny, ou melhor ainda, após ter assistido às sucessivas sessões, pode certificar-se que o valor global de cada uma das realizadas até à data tem diferido muito das outras, e isso independentemente da aparente dificuldade das experiências propostas.

Além das múltiplas causas conhecidas, supostas ou desconhecidas que têm determinado as oscilações qualitativas das sessões, pode-se considerar que, no seu conjunto, a condição de trabalho em público reduz a produção metagnômica por duas razões principais:

Em primeiro lugar, as entradas e saídas, as diversas manifestações dos presentes, que impressionam a audição e a visão de P. F., distraem necessariamente a sua atenção e fazem funcionar a sua inteligência consciente, ao mesmo tempo em que ele se esforça por submetê-la à subordinação passiva, necessária ao surgimento informador que provém de outro plano funcional do pensamento. Essa perturbadora distração do trabalho comum da inteligência é aqui particularmente nefasta.

O segundo motivo de diminuição do trabalho metagnômico consiste na multiplicidade de assistentes. À emoção criada pelo medo do fracasso diante de muitos espectadores, soma-se o número de influências psíquicas que atuam ao mesmo tempo na psique do Sr. Forthuny. Ignorando a psicofísica do pensamento que está na base da comunicação intermental, tão complexa, não podemos fazer ideia do que se passa nas condições em que P. F. põe em jogo a sua faculdade. Consideremos que cada um dos assistentes possui – os estudos metapsíquicos o demonstram evidentemente – múltiplos planos funcionais de pensamento; há um consciente, que quer ou não que F. revele algo que lhe diz respeito, ou então deseja que a metagnomia seja exercida sobre este ou aquele acontecimento de sua vida; existe um subconsciente construtor, fértil e rápido, de noções e rico em lembranças revivificáveis; e há também um plano transcendente através do qual se espalha a fonte de conhecimento de todas as realidades. Cada individualidade humana representa uma psicodinâmica apta a entrar em comunicação com a psique de Forthuny.

Cinquenta, cem, duzentas individualidades assim têm assistido, e até mais. O emaranhado de todas essas influências nos surpreenderia se tivéssemos um sentido que nos permitisse perceber sua vida enérgica e impetuosa. Em público,

P. F. está nas condições físicas de um aparelho detector de ondas eletromagnéticas, reagindo às ondas de duzentos aparelhos emissores da mesma família vibratória. Só um detector vivo é capaz de se adaptar eletivamente por si mesmo às emanções de um único foco vibratório entre numerosos focos quase similares.

Aqueles que experimentaram com metagnomos (sensitivos) sabem que algumas presenças humanas geralmente são o suficiente para esterilizar sua faculdade. P. F., provavelmente por disposição pessoal e também por um mau mas feliz hábito, adaptou-se a esta condição de rebaixamento, o que lhe permite, gozando plenamente de suas faculdades, extrair de alguns indivíduos fragmentos indicativos de sua personalidade e de sua vida.

A estas causas que diminuem a produção metagnômica em público acrescentam-se em cada sessão outras causas secundárias, algumas inerentes às individualidades reunidas, outras ao estado físico moral de Forthuny.

Mais adiante, o leitor verá que a produção metagnômica de Forthuny, como a de todos os sujeitos metagnômicos, varia conforme a pessoa que dela é objeto. Basta, portanto, que entre os assistentes haja algumas pessoas particularmente *favorecedoras* e que o contato intermental seja efetuado com elas, para que tal sessão seja frutífera, o que não aconteceria sem esse quesito.

Se tenho procurado renovar parte do público a cada sessão, não é apenas para que P. F. tivesse mais chances de encontrar psiques favorecedoras, mas também para que encontrasse novas psiques. P. F., como foi comprovado, sente-se atraído pelos recém-chegados. Poderíamos supor que se dirige a eles voluntariamente para que o fato metagnômico seja incontestável. Isto é verdade, mas só em parte. Ele é arrastado sobretudo pelo determinismo psicofísico da comunicação intermental.

Qualquer um, que tivesse observado metagnomos (sensitivos) de objetivo humano por algum tempo, pôde verificar que a primeira sessão é frequentemente a mais produtiva de indicações em quantidade e qualidade. Desta constatação devemos deduzir o fato de que os metagnomos (sensitivos) geralmente estão mal informados sobre os membros de sua família que vivem com eles. Com relação às influências psíquicas externas, elas agem de maneira análoga à de nossos sentidos ordinários, que reagem fortemente a uma nova impressão e chegam, com o tempo e a repetição, a reagir tão pouco que o fazem inconscientemente. Um perfume, um ruído, um espetáculo repetido, impõem-se cada vez menos à nossa percepção. Em outro lugar citei o caso do Sr. L. Kahn,

que com grande facilidade adivinhava os pensamentos escritos de pessoas desconhecidas, mas com dificuldade crescente ao tornar a produzir seu trabalho no mesmo grupo. Com sua esposa, é impossível para ele alcançar qualquer resultado.

Além dessa causa fundamental das flutuações na produção metagnômica em P. F., existe outra: suas disposições corporais e morais no momento. Como todos os metagnomos (sensitivos), ele é mais ou menos clarividente dependendo dos dias e dos momentos, o qual cria uma relatividade oscilante na qualidade de *favorizantes* ou esterilizantes nas individualidades que tenta detectar. Num momento de exaltação de sua faculdade, ele chega a receber algumas informações sobre pessoas até então inacessíveis ao seu superconhecimento, mas então é apenas um sucesso relativo, medíocre em suma.

Qual é a causa dessa flutuação incessante nas disposições pessoais de Forthuny? Neste momento é tão difícil de determinar ou até mais, do que poder dizer a que obedecem as flutuações da nossa memória, da nossa atenção, da nossa vontade e da nossa inteligência. Deve ser causada por razões orgânicas e motivos externos (temperatura, estado higrométrico e elétrico da atmosfera, influências cósmicas, etc.).

A verdade é que ordinariamente a causa não é a depressão geral do organismo; tenho visto muitos metagnomos (sensitivos), e F. em particular, gozarem do mesmo valor hipercognitivo tanto em estado de exaustão quanto em plena sensação de vigor.

A mesma coisa posso dizer da fadiga cerebral. Depois de três ou quatro horas de trabalho é quando certos sujeitos dão os melhores resultados. Lembro que a sessão mais proveitosa que F. deu (em 25 de fevereiro de 1926), foi quando ele apareceu no I.M.I. completamente exausto, moral e fisicamente, tão aparentemente cansado que pedi a ele para não iniciar a sessão. A ideia que eu tinha de seu estado também não produziu um resultado de minoração.

Contudo; se desconsiderarmos as oscilações metagnômicas de sessão para sessão e considerarmos apenas a evolução qualitativa geral do trabalho metagnômico de F., observaremos duas coisas: primeiro, por meio de adaptação e exercício, houve um aumento no rendimento de sua faculdade. Em segundo lugar, houve uma expansão da capacidade e um aumento do superconhecimento, à medida em que íamos solicitando a essa faculdade a resolução de problemas cada vez mais difíceis de resolver.

II. — *A produção metagnômica varia de acordo com a individualidade humana que dela é objeto.*

Medíocre observador seria aquele que não tivesse notado, nas sessões ministradas no I.M.I. por F., que o desempenho de sua faculdade varia em qualidade e quantidade conforme as pessoas que são objeto dela.

Acontece com F. o que acontece com todos os metagnomos (sensitivos). Ele julga certas pessoas *favorecedoras* e outras *esterilizantes*. Intuitivamente, F., percorrendo o público, procura as *favorecedoras*. Ao passar ao lado de uma delas, ou quando seu olhar, mesmo à distância, se detém sobre alguma, sente imediatamente as informações metagnômicas aparecerem no plano funcional da consciência. Seguem-se numerosas, precisas, sem esforço, com sensação de euforia, sem impressão de cansaço.

Em geral, ele evita as pessoas *esterilizantes*. Se alguma vez ele se detém na frente de uma delas e, talvez por amor próprio, tenta obter alguma indicação a respeito, é um trabalho árduo, inútil e exaustivo para ele.

Só consegue erros e fadigas. Já disse que nas duas primeiras sessões que deu no I.M.I., F., ainda mal adaptado e com uma metagnomia muito menos desenvolvida do que hoje, parava tenazmente diante dos *esterilizantes*, sem entender por que a inspiração o traía com respeito a alguns, sendo que fluía tão facilmente para outros. Assim que se convenceu da realidade, sua produção metagnômica desenvolveu-se amplamente, em quantidade e qualidade.

A lógica introduzida em seu trabalho e, sobretudo, a seleção intuitiva dos *favorecedores* entre o público, falseiam o significado de uma estatística pela qual se pretende julgar a proporção para F. dos *favorecedores* e dos *esterilizantes*. Deste ponto de vista, a seguinte estatística é muito otimista (1):

(1) *Não se deve esquecer que muitas pessoas em público dão como falsas indicações que são verdadeiras porque se referem a alguns fatos de sua vida íntima.*

Número de sessões de 12 de maio de 1925 a 21 de abril de 1926..... 15

Número global aproximado de pessoas que participaram dessas sessões.....
1.500

Número de pessoas que foram submetidas a testes metagnômicos..... 136

Número de pessoas que obtiveram complexas indicações completamente ou quase completamente verdadeiras..... 46 (33,8%)

Número de pessoas que obtiveram indicações em sua maioria verdadeiras.....42 (30,9%)

Número de falhas com algumas indicações justas..... 30 (22%)

Número de falhas completas..... 18 (13,2%)

Que transformação sofreria essa estatística se, repetindo o mesmo número de testes metagnômicos, desde que do mesmo estilo, se impusesse a F. trabalhar exclusivamente com pessoas assinaladas por sorteio? Tenho motivos para supor que o número de falhas completas e parciais aumentaria.

Mas é inútil perder tempo traduzindo em cifras a relatividade intersíquica da produção metagnômica.

Por que existem *esterilizantes* e por que *favorecedores*? A física do pensamento nos dirá o por quê algum dia. No que diz respeito ao caso de F., gostaria de destruir a opinião errônea de que é *favorecedor* quem, acreditando no fenômeno, está disposto a se deixar ler, e é *esterilizante* quem se recusa mentalmente ou é cético. Na verdade, a vontade de ser penetrado ou não, a fé ou o ceticismo não têm influência alguma (1).

(1) Refiro-me ao ceticismo não expresso por palavras ou atitudes ofensivas.

Tenho visto muitos céticos serem grandes *favorecedores*, e por outro lado, convictos do fenômeno serem impenetráveis para certos metagnomos (sensitivos) e mesmo para a maioria deles. Quantas pessoas que assistiam às sessões de F. como meros espectadores com o desejo ou a firme vontade de não serem penetradas, viam com repulsa que grandes períodos de sua vida íntima se tornavam públicos! E quantos céticos, após um teste pessoal involuntário, saíram convencidos da existência do conhecimento supranormal, do qual duvidavam!

III. — O estado psicológico de Forthuny durante seu trabalho.

Um problema cuja solução descobrirá muitas coisas é o estado psicológico funcional em que se colocam os metagnomos (sensitivos) quando, cessando momentaneamente de indagar o conhecimento da realidade nos dados fornecidos por seus sentidos, por sua inteligência, por sua memória, eles o deixam surgir em seu espírito sem elaboração lógica e com absoluto desconhecimento de sua origem.

Esse estado psicológico é chamado de *segundo estado* ou *transe*. A que corresponde fisiologicamente? Ainda não se tem qualquer ideia sobre isso.

Conhece-se por seus resultados. Sabemos que determina, por um lado, a capacidade de ser informado da realidade por outras vias e outros meios que não aqueles que conhecemos até hoje e, por outra parte, subordina o exercício da atenção voluntária, assessorada pelo pensamento (o consciente), para o trabalho misterioso de outro plano da psique.

Já se sabe quão diverso é, segundo os metagnomos (sensitivos), o procedimento para se obter a transição da psicofisiologia normal para o que chamamos de transe. Algumas pessoas o conseguem quase sem esforço. Basta-lhes suspender voluntariamente o movimento consciente e, em se colocando em condições de relação com uma individualidade humana, as representações mentais informativas sucedem-se imediatamente. Tais sujeitos, observados externamente, parecem pensar os conhecimentos supranormais, como os conhecimentos normalmente elaborados. Outros passam de um estado a outro com mais dificuldade, provocando-o por meio de artifícios, cujo efeito é, ou a passividade do consciente, (conseguida olhando fixamente para uma bola de cristal, ou alguma escrita, ou umas mãos, ou o que quer que seja) ou sua supressão completa (escrita automática, mesas falantes, etc.).

Muitos metagnomos (sensitivos) só atingem o segundo estado em um grau de hipnose mais ou menos profundo, ao qual podem chegar sozinhos ou com a ajuda de outra pessoa.

Trabalhando em público, F. passa do estado normal ao paranormal sem artifícios ou mudanças na aparência. Quem o observa no momento em que se detém diante de uma pessoa e se põe em condições de operar sobre ela, podem ver que seu ritmo respiratório muda e perde a regularidade, sucedendo-se pausas e recomeços. Depois de sintonizar-se com alguém, é quando ele tenta provocar o segundo estado. Então ele faz um esforço para deter seu pensamento e ao mesmo tempo fixa seu olhar em um ponto qualquer da sala ou em uma pessoa e espera que as imagens mentais informativas surjam e se sucedam. Todas as informações que ele recebe e expressa chegam a ele durante curtos momentos de ansiedade, em curtos *transes*.

Este segundo estado, indispensável, e que graças ao exercício F. alcança com mais facilidade a cada dia, é deslustrado por ele durante seu trabalho em público. Em particular, F. abandona-se à realização natural do estado psicofisiológico propício ao funcionamento metagnômico. Ele se abandona ao entorpecimento do consciente, alcançando assim o grau máximo de liberdade para o trabalho do subconsciente. Tem então a impressão de vazio cerebral, de

desmaterialização do pensamento, sente-se mais leve. Seu cérebro parece pensar sem esforço, como se movido por alguma força estranha. Tudo ao seu redor deixa de interessar-lhe. E o consciente chega a ficar eclipsado, a ponto de não reter nenhuma lembrança do que diz naquele estado. Até agora tem se abandonado completamente a ele apenas diante de pessoas cujos julgamentos lhe eram indiferentes. Na presença de pessoas de certa importância intelectual reage contra ele.

Em público é diferente. Ele luta contra a tendência natural de se abandonar ao segundo estado, não querendo parecer um *médium*, um bufão, como ele mesmo diz. No momento em que se sente entregue demais, rebela-se, querendo manter a aparência de palestrante. Apesar de tudo, ele é visto de vez em quando colocar a mão diante dos olhos para ficar em um estado favorável; mas logo recupera sua atitude normal.

Em decorrência desse *coquetismo moral*, F. esforça-se em fazer funcionar sua faculdade metagnômica ao mesmo tempo em que se opõe à realização da necessária condição psicofisiológica, com o qual, além de se cansar, consegue um menor rendimento.

Estas considerações farão com que os leitores e os que assistem às sessões de F. entendam o motivo de as experiências mais produtivas serem aquelas que logicamente deveriam ter sido menos. Obrigando-o a trabalhar à distância, a sós com a senhorita estenógrafa, ocupando-se de uma pessoa localizada no andar térreo, obrigando-o a atuar antes da sessão, na sala vazia, lidando com o futuro ocupante de uma cadeira, acreditava-se aumentar a dificuldade e assim reduzir a produção metagnômica. E foi o oposto o que ocorreu.

Na companhia de uma ou duas pessoas conhecidas, abandonou-se ao estado psicológico útil e produziu sem esforço uma quantidade e qualidade de informação nunca antes alcançada.

IV. — Modo do psiquismo de Forthuny se ligar ao psiquismo dos outros

O leitor entenderia mal as comprovações que irei relatar e não poderia extrair delas suas verdadeiras conseqüências se eu não lhe dissesse ou lembrasse o que foi a conclusão de longas e diversas séries de experiências que tenho perseguido servindo-me de numerosos metagnomos (sensitivos), a fim de descobrir de onde eles recebem as informações paranormais.

Esta conclusão será inevitavelmente a de toda pessoa que, consciente de que a explicação da natureza não está em nós, quiser ir pedindo à renovação dessas experiências a explicação do que devemos pensar delas.

Esta conclusão consiste no fato de que na *metagnomia com objetivo humano*, as informações dadas pelo sujeito, quando não são criações ilusórias de seu próprio cérebro, possuem sua origem em vários planos funcionais da psique da pessoa que é objeto da metagnomia.

É o que se impõe ao mero experimentador, obrigando-o a indagar novas noções sobre a extensão e intensidade da comunicação intermental e a existência de um plano transcendente de pensamento em todo psiquismo, obrigando-o assim a se desembaraçar do preconceito: "que nada existe em nosso espírito que não tenha sido introduzido pelos nossos sentidos".

Com tal certeza na prática experimental, descobriu-se que a colaboração intermental entre o metagnomo (sensitivo) e outra pessoa depende de uma psicofísica, ainda desconhecida, mas que se traduz por: 1º, a necessidade de uma espécie de união interpsíquica; 2º, a probabilidade de um acordo funcional entre as duas psiques.

Todas as vicissitudes do trabalho metagnômico de F. em público têm confirmado espontaneamente essas noções, como iremos ver mais à frente.

É interessante distinguir dois casos de união interpsíquica nas sessões de Forthuny: a união *espontânea* e a *provocada*.

A influência intermental ocorreu certa vez antes de estar na presença do sujeito. Forthuny começou a sessão assim:

"... Saúdo a todos e peço para me libertarem de algo que me tiraniza há três dias. Tenho algo a dizer sobre o Sr. Guanl. Alguém tem um Guanl ao seu redor? (1).

(1) *Ver sessão de 7 de julho de 1925.*

Em outra ocasião foi quando Forthuny estava entrando pela porta da sala. Diante de uma centena de pessoas ocorreu a influência. Antes de chegar ao interessado, uma influência de imagens mentais informativas, cuja natureza veremos adiante, o fez exclamar sem relacioná-lo a uma determinada pessoa:

"Eu ouço como um ruído de imprensa. Estou atordoado com o barulho das máquinas em um porão. Há aqui um homem que desempenha um papel importante em um jornal, ao qual ele deve ir às duas da manhã para ver as formas" (1).

(1) Ver sessão de 2 de dezembro de 1925.

Somente depois de expressar estas informações, ele intuitivamente voltou-se para o Sr. Landoy, redator-chefe de um jornal de Amberes e, pegando sua mão, continuou a trabalhar sua faculdade em relação ao referido cavalheiro.

As uniões intermentais espontâneas são muito frequentes durante as sessões. Enquanto F. dá a alguém uma série de indicações, de repente surge em seu consciente uma informação que ele percebe que não deve se referir a essa pessoa. Voltando-se para outra, diz: "Tenho uma coisa para você, e é o seguinte...", etc. E depois de ter dado algumas indicações — nesses casos de notável precisão —, continua o seu trabalho sobre a pessoa abandonada momentaneamente.

Essas uniões interpsíquicas aparentemente espontâneas, das quais apenas cito esses exemplos, sempre produziram uma excelente metagnomia, como se uma influência — de melhor qualidade naquele momento — impusesse, por assim dizer, sua preponderância.

Na maioria das vezes, a união intermental parece ser *provocada*, bem pela pessoa objeto de metagnomia ou pelo próprio F.

Embora seja evidente que a vontade de cada um não tem, em geral, uma ação determinante — do qual me convenceram os vãos esforços mentais ensaiados por muitas pessoas —, é possível que a vontade de alguns tenha em determinado momento uma virtude da influência que imponha uma espécie de seleção, *de atrelamento*. O que predispõe a admitir isso é o fato ocorrido na sessão de 16 de dezembro de 1925. Três recém-chegados do grupo de estudos experimentais de telepatia do Sr. Warcollier decidiram agir sobre o Sr. Forthuny, no momento em que ele aparecesse na sala, no intuito de forçá-lo a trabalhar sobre eles. Essas pessoas estavam as três sentadas juntas, num canto da sala, à distância máxima de Forthuny no momento em que ele entrasse. E F. começou a sessão assim:

"Tento ver quem vou enfrentar e são duas pessoas ao mesmo tempo..."; dirigindo-se diretamente às três pessoas, primeiro confrontou duas delas, e cada vez que, para satisfação de outras curiosidades, quis abandoná-las, voltava dizendo: "É sempre no mesmo canto onde tenho algo a dizer." Quando deixou de falar com esses dois sujeitos, foi para se dirigir ao terceiro: 14 das 22 páginas da ata estenografada são dedicadas a eles. Acrescento que P. F. não conhecia nenhum deles, e que não é comum ele ficar tanto tempo no mesmo lugar;

cuidando, muito pelo contrário, de disseminar seus levantamentos metagnômicos pela sala toda.

Quando a reunião intermental não é imposta, Forthuny vai à caça de sujeito entre os participantes. Circula entre eles, olhando seus rostos, até o momento de surgirem as imagens informativas. Então, detém-se e fala. O que ele diz é imediatamente inteligível na maioria das vezes. Isto é, traduz claramente a realidade. Muitas vezes, a preparação para a colaboração intermental é trabalhosa. Forthuny recebe a princípio apenas imagens mentais pouco sugestivas. Diz uma letra, um nome, um sobrenome, um lugar geográfico. "A... isso não significa nada para você? Você tem um Luís ao seu redor? Bordeaux, representa um papel importante na sua vida?", etc. Qualquer que seja a resposta a esta vaga preparação, a cerebração da pessoa interpelada torna-se ativa; Forthuny insiste, e dali a pouco o que ele expressa não é mais dubitativo, mas toda uma série de informações que traduzem, às vezes com precisão prodigiosa, realidades que dizem respeito à pessoa ou ao seu ambiente.

Um incidente muito frequente nas sessões é o erro de relação das indicações metagnômicas para com uma pessoa. A interpelada recusa o fato; mas alguém, à frente, ao lado ou atrás, reivindica para si a indicação.

Forthuny, neste caso, sentiu a influência agindo sobre ele; mas errou sobre a pessoa indicada.

Este outro incidente, que ocorre com muita frequência e consiste em uma mistura de indicações sobre duas ou três pessoas próximas, também é muito significativo. O que F. diz é correto durante um certo tempo para uma; depois é falso para ela, mas correto para outra.

Seria um observador muito medíocre aquele para quem a repetição desses contínuos incidentes não sugerisse de forma imperativa a ideia de que a influência inspiradora vem das individualidades humanas presentes. A prova é dada por si só. Em sua busca por influência, P. F. faz tentativas inúteis. Ele para diante de alguém, diz alguns nomes, o de uma cidade, cita um fato. É trabalhoso. Ele não insiste. "Não existe concordância entre nós", diz, e continua sua busca se de repente não acontece uma união intermental com outro indivíduo próximo.

Instintivamente, recorre a um procedimento, que deveria utilizar sempre. É aquele que utiliza empiricamente um grande número de metagnomos (sensitivos) quando trabalham com muitas pessoas, e mesmo com uma só. Sabe-se que alguns não se contentam com a proximidade da pessoa que é objeto da

experiência, e que obtêm melhores resultados através do contato direto (toque de mãos) ou indireto (toque de objetos).

Lembro que foi tomando nas mãos a luva de uma senhora (sessão de 18 de novembro de 1925) que consegui dizer-lhe que era mulher de um comissário de diamantes e os dois terços do seu sobrenome. E que foi depois de tomar a mão do Sr. Landoy (sessão de 2 de dezembro de 1925) que ele acrescentou novas indicações exatas àquelas já dadas antes desse contato. E a mesma coisa aconteceu com o Sr. Almira (sessão de 13 de janeiro de 1926), tão bem sucedida.

Muitas vezes aconteceu que, irritado com a sucessão de erros ditos a um sujeito, ele pegou em sua mão, e então fluíram excelentes indicações metagnômicas. Toda vez que o Sr. Forthuny trabalhou no I.M.I. segurando a mão de alguém, ele conseguiu, no caso de cair em esterilizantes, dizer poucas verdades e até muitas coisas erradas; mas até agora nunca aconteceu *que as indicações assim fornecidas digam respeito a outra pessoa que não aquela cuja mão ele segurava*. Sublinho esta demonstração. Ela nos diz qual é a fonte das inspirações.

Tudo aquilo que acontece no que está próximo, na sessão de 24 de março de 1926 fica demonstrado que Forthuny pode obtê-lo também *à distância*.

E o que acontece no espaço também se realiza no tempo, como é provado na sessão de 19 de maio de 1925. Agora é a hora de dizer que quando Forthuny trabalhou sobre a cadeira vazia as imagens mentais informativas surgiram imediatamente, seguindo-se umas às outras com facilidade; e tomava conta dele como que um sentimento de confiança cega, dando-lhe a certeza de que conhecia a verdade. Também é hora de lembrar que durante o tempo que Forthuny gastou em seu trabalho metagnômico sobre a pessoa que o destino deveria colocar na cadeira designada pela fantasia do Sr. Humbolt, a Sra. M., em sua casa comercial, experimentava uma angústia nunca antes sentida por ela e que está relacionada a certos casos de telepatia espontânea, de forma ansiosa e sem informação precisa. Estou inclinado a supor que, neste caso, o distúrbio psíquico fisiológico da Sra. M. poderia ter sido a emergência emocional em sua consciência do trabalho intermental que estava sendo realizado entre sua psique e a do Sr. Forthuny.

V. — *Natureza das indicações metagnômicas proporcionadas pelo Sr. Forthuny.*

A metagnomia, ou seja, a propriedade de conhecer a realidade no espaço e no tempo por outros meios que não os sentidos conhecidos e a razão, é potencial em todos os seres humanos, mas só se realiza em alguns, já em manifestações raras e espontâneas (telepatias, pressentimentos, sonhos monitórios ou premonitórios, etc.), já em faculdade permanente solicitável à vontade. Neste último caso, verifica-se que cada metagnomo (sensitivo), de acordo com sua constituição psicofisiológica e também de acordo com o conhecimento que exige à sua faculdade, tem uma disposição marcante para detectar esta ou aquela parte da realidade ambiente.

Por uma questão de brevidade, numa consideração geral que é de utilidade aqui, limitar-me-ei a dizer que a humanidade tem-se dedicado sobretudo a solicitar à propriedade metagnômica indicações sobre o conteúdo do subsolo (a água em particular) e sobre o conteúdo de vidas individuais (características intelectuais e morais da personalidade, eventos ocorridos, em andamento ou por vir, etc.). Em alguns casos, outros fins foram exigidos a ela; mas os anteriores, devido à sua utilidade imediata, foram os mais abundantemente propostos. Até o presente, a faculdade do Sr. Forthuny tem sido dirigida quase exclusivamente para a realidade homem. Do que seja capaz de conhecer, ainda estamos em exploração. As experiências até agora realizadas no I. M. I. têm revelado apenas uma parte. Resta indagar por meio de novas experiências qual é a extensão do conhecimento nos outros modos do real.

O que o Sr. F. nos ensinou até agora com seu trabalho metagnômico em público, é que ele é suscetível de chegar finalmente ao conhecimento de tudo aquilo que, de perto ou de longe, em pouco ou em muito, interessar ao indivíduo humano.

Do número de pistas metagnômicas assim produzidas, a maior parte representa estados de memória facilmente evocáveis na pessoa que é o objetivo. Outra parte menos importante refere-se aos fatos esquecidos. Apenas algumas indicações correspondem ao que não está inscrito sensorialmente e, portanto, não está contido na memória classicamente concebida (na concepção clássica de memória).

Uma série de incidentes psicológicos ocorridos na sessão de 12 de maio de 1925 dará uma ideia das interinfluências psíquicas e do poder sugestivo das

revivescências da memória. Dirigindo-se ao grupo que ocupava um canto da sala, P. F. diz: “Eles me dão um Enrique que foi uma figura política. Estava paralisado de um lado. Teve uma voz abafada no final de seus dias. Já morreu. Ninguém fala sobre esse Enrique? André; o que André quer dizer?...”

Essas indicações aplicavam-se a uma senhora amiga minha, sentada naquela parte da sala.

Constrangida pela orientação que o nome de André dava às percepções de Forthuny, ela nada respondeu. Porém, o pintor André D., como ninguém aceitava o Enrique ou o André, disse: “André; isso pode se referir a mim”. P. Forthuny aproximou-se dele e deu-lhe relatórios exatos e precisos sobre sua personalidade íntima.

E então, voltando-se para a outra parte da sala, exclamou: “Enrique, Enrique... Estou obcecado pela ideia deste ser falecido. Ninguém o conheceu?” Nesse momento, ele passou pelo Sr. L. O., que disse brincando que um Enrique havia desempenhado um papel importante em sua vida, se bem não havia morrido. E imediatamente Forthuny deu este Enrique descrevendo-o como um ginete, um viajante na África durante sua juventude, etc. o que era exato.

Este exemplo, protótipo de inúmeros fatos semelhantes, nos faz entender o por quê do trabalho metagnômico em público ser necessariamente fragmentário em sua produção. O comportamento dos assistentes e a multiplicidade de influências psíquicas impedem a todo momento a formação metagnômica voltada para um indivíduo. São pequenos fragmentos de vida o que se revela: às vezes bem relevantes; outras, de mínima importância. Não há lógica nessa pesca metagnômica deixada ao determinismo caótico de interações, de interferências, de inibições, de detenções, para fugir de uma confissão, etc.

Tudo pode ser encontrado nessa fragmentação da produção metagnômica: indicações sintéticas, detalhes, nomes de pessoas, de cidades — exatos ou ligeiramente distorcidos —, iniciais de sobrenomes relacionados a eventos exatamente indicados, datas, idades, fragmentos de conversas, etc.

Quase todas as indicações obtidas até hoje no I. M. I. estavam relacionadas ao que já acontecera: passado, mais ou menos próximo, e presente. Forthuny absteve-se voluntariamente de profecias, porque queria trabalhar apenas no instantaneamente verificável.

Quais são os limites do seu conhecimento paranormal da realidade *homem* no espaço e no tempo? Do que é capaz no caso de ser orientado para a realidade *coisas*? É o que deve ser investigado por exercícios sobre fins novos e

progressivamente, à medida que sua faculdade se expandir. Tão curioso como eu, para conhecer os recursos e possibilidades de sua faculdade, Forthuny certamente não se esquivará de qualquer experimento.

VI. — Como o Sr. Forthuny adquire conhecimento das informações metagnômicas.

Sob que aspecto as noções provenientes dos conhecimentos supranormais chegam à consciência do Sr. Forthuny? Ou, em outras palavras: como P. F. *pensa* as indicações metagnômicas que fornece? Eis um campo psicológico no qual – e em razão do interesse e ensinamentos que contém – quero descrever amplamente, para sua melhor compreensão, o espetáculo que nos apresenta. Mesmo nas objetividades das atas das sessões há matéria para observação; e da análise introspectiva exigida de F. resultam representações mentais que justificam suas palavras.

Em primeiro lugar, e com a maior clareza para os leitores que desconhecem o funcionamento geral da faculdade de conhecimentos supranormais, irei resumir o aspecto que ela toma na prática dos diversos metagnomos (sensitivos).

Quando um deles está em condições de exercer sua faculdade sobre uma pessoa presente – aqui, no caso mais simples –, o trabalho de sua psique pode ser decomposto analiticamente em três fases, que se sucedem com tal rapidez que o tempo de sua sucessão é ínfimo em geral.

Na primeira fase, efetua-se o contato paranormal com a realidade independentemente do consciente. (Aquilo que, em termos clássicos, entendemos por consciente.)

Na segunda fase, o conhecimento paranormal, já elaborado, é transformado no cérebro do metagnomo (sensitivo) nas modalidades representativas ordinárias do pensamento interior. (Imagens visuais, auditivas, táteis, motoras, verbais, etc.)

Neste último caso, intervém a função intelectual denominada consciência, desvendando o sentido das imagens mentais que se sucedem, transpondo-o em palavras, exceto nos casos de escrita e de fala impulsiva, em que as informações metagnômicas são expressas diretamente.

Para o metagnomo (sensitivo), o fenômeno torna-se aparente no momento em que as imagens metagnômicas surgem por impulsão do trabalho subconsciente. Ou seja, que no momento em que o trabalho parece começar, é na realidade o momento em que está terminado. O conhecimento supranormal foi efetuado

inteiramente em um plano do pensamento de cuja existência não teríamos conhecimento se a natureza especial de sua produção não o revelasse.

Eis uma série de exemplos que darão uma ideia dos procedimentos imaginativos pelos quais os níveis profundos da psique de F. se esforçam para tornar consciente o conhecimento adquirido paranormalmente (1):

(1) Para melhor compreensão do que vai ser exposto, o leitor poderá consultar as atas das sessões.

Sessão de 18 de novembro de 1925.

F., caminhando pela sala, detém o olhar na Sra. G. Ele vê uma luva de couro preto sobre os joelhos dela. De repente, esta luva parece-lhe luminosa; deduz disso que irá ser-lhe útil, e ele a pega dizendo:

Isso deveria me dar uma impressão de preto e, ao contrário, produz-me uma impressão de branco. De qualquer forma, isso não faz sentido; vou tentar encontrar-lhe um...

Ao pronunciar essas palavras, F. tem a sensação de que a temperatura da luva está caindo. Olha-a atentamente, surpreso ao vê-la agora como um bloco de vidro, o que o faz exclamar:

Contemplo este objeto. Considero-o, mais do que como sendo de couro, como um bloco de cristal. Não vejo onde essas conclusões podem me levar; mas vou continuar.

Ele vê-se surpreendido por um espasmo respiratório; porém, impulsivamente, diz:

Seu esposo sente opressão...

A palavra impulsiva e o espasmo respiratório foram duas modalidades informativas sincrônicas.

Ele vê a luva cada vez mais brilhante, enquanto o espasmo respiratório prolonga-se. De repente sente dores violentas no pulso direito, que o obrigam a fazer um gesto reflexo de defesa. Por isso ele diz:

Quanto a este objeto, é cada vez mais brilhante como radiação e luminosidade... Essa estranha opressão persiste... mas preciso continuar com este objeto que vejo cada vez mais luminoso... E existem detalhes sobre a saúde que me causam obsessão ao mesmo tempo. Você sente dores?... Entorses musculares?... (Mostra seu pulso direito.)

Imediatamente F. volta a contemplar a luva, que está entre suas mãos. Vê o bloco luminoso diminuir de volume e, de repente, sobre o fundo escuro da luva,

distingue em uma atmosfera velada um enorme diamante lapidado; e depois um grande número de diamantes brilha à sua vista, e ele diz:

Estou vendo este objeto ser reduzido e lapidado. Adquire um aspecto geométrico. Agora tem a forma de uma pedra lapidada, de um diamante. Estou vendo um montão de diamantes, uma grande quantidade de diamantes...

Sobre esses dados, seu consciente edifica:

"Se eu quisesse dar um apelido a você, eu a chamaria de Sra. Diamante..."

Neste momento, imperativamente, uma voz interior, eco da sua, faz-se ouvir por meio dele, repetindo:

"Ganhar, ganhar fortuna... diamantes..."

Sessão de 2 de dezembro de 1925.

Ao cruzar a soleira da sala de sessões, P. F. tem a visão mais forte que já sentira até aquele momento. Ele vê um espetáculo que costumava ver em tempos. Ele se vê transportado para um porão do jornal *Le Matin*, em Paris, no momento de ajustar as formas (1).

(1) Interessa-me dizer que Forthuny foi redator de outros jornais além do *Le Matin* e que, como se vê, esta escolha tinha um fim.

O Sr. Enrique de Jouvenel, redator-chefe, anda por ali vestido com roupa de etiqueta, enquanto seus colegas da redação, em 1907-1908, vão e vêm. Ouve o barulho das máquinas da imprensa. Percebe o cheiro da tinta. Por isso diz ao entrar na sala:

Eu ouço como que o barulho de uma grande imprensa. É um contínuo trepidar de máquinas no porão. São duas da manhã e há um forte cheiro de tinta de impressão. Vejo um homem que sai de seu escritório e desce ao porão da casa para ver o que se chama de "as formas" de um jornal. Meu pensamento é levado de volta ao jornal Le Matin, onde em tempos fui redator. Não creio haver nenhum redator do Le Matin entre os presentes, a julgar pelo que me contaram sobre o Le Matin. No entanto, há um homem aqui que tem uma função importante num jornal, ao qual deve descer às duas da manhã para ver as "formas".

Indo impulsivamente até o Sr. Landoy, pega uma de suas mãos e imediatamente tem uma visão da letra maiúscula L, como se desenhada em tamanho grande, 40 por 40 centímetros aproximadamente, em um pedaço de papelão, e diz:

Dão-me uma letra maiúscula: o L.

É a inicial do nome que perceberia plenamente dali a poucos momentos.

Assim que a letra aparece, ela é apagada. E surge outro espetáculo. Forthuny está na margem de um rio largo. Na margem oposta, desenha-se a silhueta de uma cidade que não reconhece. As nuvens estão baixas. Instantaneamente, ei-lo transferido para a margem oposta, na mesma cidade, sobre um largo cais do rio. Há um grande movimento de coisas que estão desembarcando. Cheira a piche e a especiarias. E F. diz:

Há neblina, há água... há barcos... cheiro de produtos de empório, água amarela, cinzenta.

Neste momento surge a lembrança de uma viagem à Bélgica e isso o faz dizer:

Você é belga...

Uma voz tênue diz nele: Lanoi... De onde deriva a pergunta:

O que é Lanoi?

Eis que de repente ele se vê novamente em Ruão no tempo distante em que estava cumprindo o serviço militar. Embarca em um navio mercante, vê o capitão norueguês Bellé, que lhe havia apresentado o Sr. Lugné Poë. Todas as vezes que o referido capitão vinha a Ruão, ele subia a bordo para conversar, fumando excelentes charutos em sua companhia. Esta evocação de uma lembrança de mais de trinta anos atrás, nunca mais recordada desde então, o faz dizer:

Você está viajando em barcos? Você acende charutos das Antilhas, ou não sei o quê, com capitães de navios?

E ignorando o porquê, com palavra impulsiva acrescenta:

...Em um clube?

Coordenando seus dados mentais, diz:

Você se encontra com alguns capitães de navios no Clube e eles lhe dão charutos?

E também impulsivamente acrescenta:

Você perdeu uma aposta no Círculo?

Nesse momento, a visão de uma aquarela de Arnold Jongkind, representando o porto de Amberes, que ele havia examinado pericialmente vinte e cinco anos antes, surge em sua memória, altamente objetivada. E a seguir uma pintura de Boudin, em outro tempo minuciosamente analisada em uma de suas críticas de arte. É da cidade de Amberes, silhueta sobre um céu setentrional. Juntando então todas as indicações representadas em seu espírito, conclui:

Vejo um grande porto, cheio de fumaça e produtos de empório. É Amberes. Você é redator do diário Le Matin em Amberes, Sr. Lanoi (1).

(1) Em 1907, o Sr. Enrique Jouvenel, uma figura importante na visão revivida na memória por P. F., era redator-chefe do *Le Matin* de Paris. Em 2 de dezembro de 1925, o dia da sessão, o Sr. Landoy o era de *Le Matin* em Amberes.

Sessão de 13 de janeiro de 1926.

Passando o olhar por sobre um grupo de participantes, P. F. percebe uma borboleta como que pousada no rosto de uma jovem. Suas memórias de crítico de arte associam imediatamente essa visão a certas gravuras inglesas do tipo *keepsake*, que representam jovens loiras com véus transparentes e borboletas sobre um céu azul. Isso o faz exclamar:

Dizem-me Butterfly. Essa palavra, que em inglês significa borboleta, tem alguma importância para você na sua vida?

A lembrança de uma travessia de La Mancha surge em seus pensamentos. Ele está em um navio, sob um céu cinza. E eis que também várias borboletas cruzam seu voo no ar. Algumas, cinzentas, vêm da França; outras, azuis, da costa inglesa. O qual P. F. traduz assim:

Sob uma forma pictórica, simbólica, como de imagem, vejo algumas borboletas azuis vindas da Inglaterra em sua direção como pensamentos bondosos. Você tem mantido correspondência com esse país? Nela vejo uma troca de borboletas cinzentas, tristes, melancólicas, que se correspondem com outras mais alegres e consoladoras...

Olhando para o rosto da jovem, ele o vê transformando-se em uma máscara melancólica. O que lhe dá a noção de que é ela quem está sendo consolada.

As demais indicações para esta senhora foram dadas por palavra impulsiva sem prévio pensamento externo consciente.

Sessão de 10 de fevereiro de 1926.

Desta sessão irei apontar apenas o artifício mental pelo qual o subconsciente fez o consciente conhecer um nome.

No início da sessão, P. F., movendo-se de um lado para outro, diante da primeira fila, ouve em si mesmo "Buenos Aires", no momento em que seu olhar passa por um dos espectadores. Ele o diz à pessoa.

E imediatamente vê surgir uma coluna de nomes desfocados, enquanto impressões confusas de sotaque espanhol alucinam seus ouvidos. De repente, na lista de nomes aparece claramente um: Ramón. Isso o faz dizer:

Você conhece um Ramón, morto ou vivo?

Após uma sucessão de outras visões sugestivas de indicações diversas, surge-lhe uma página de certo jornal ilustrado. Nela distingue uma cabeça feminina de perfil muito nítido sobre um fundo negro. Ele não a reconhece e se pergunta se pode ser Rosa Caron. Isso provoca em seu consciente um movimento de pensamento que se expressa da seguinte forma:

Mostram-me uma grande cabeça em uma gravura de um jornal ilustrado. É um diário de teatro...

Uma característica do retrato o separa da identificação de Rosa Caron.

Ele encontra no rosto de sua visão um nariz mais comprido e uma cabeleira preta fundida no preto que envolve a gravura. Tem, porém, a impressão de já ter visto em outra ocasião esse rosto vivo. Diz:

Ela é morena; eu a conheço, já a vi há muito tempo, mas onde? Que relação isso pode ter com o seu Ramón? Eu ignoro.

Então surge diante de seus olhos a letra M maiúscula em cinza escuro, no fundo da sala, como um painel de um metro quadrado. E eis que de repente outro espetáculo toma seu lugar. Trata-se de Catulo Mendes, afundado em uma poltrona, de colete aberto, fivela do cinto desabotoada, fumando seu cachimbo. Só uma vez Forthuny viu Catulo Mendes tão desalinhado. Relembra a circunstância: foi depois de um almoço na casa da atriz Moreno. Moreno! Essa é a cabeça de sua visão do jornal ilustrado. Um sentimento de satisfação o invade ao ver confirmado que sabe o que precisava saber. Eis a série de representações mentais pelas quais F. chegou a dizer em poucos segundos:

Ramón Moreno. Este é o nome do seu operário?

Sessão de 24 de fevereiro de 1926.

No início da sessão F., passeando pela plateia em busca do gancho intermental, vê o rosto de uma senhora que muda repentinamente e expressa uma profundo sentimento de misticismo, de paixão idealista. Ele pára diante dela e tudo o que diz é por palavra impulsiva, exceto o nome "Magdalena", que ele ouve e repete.

Da mesma forma realiza-se mentalmente o fato do quinto teste. No momento em que F. olha para a Sra. X., ela muda de expressão bruscamente, mostrando

uma dor antiga. Um sentimento de compaixão se apodera dele, enquanto, sem pensamento interior conscientemente percebido, sem aparentemente saber o que está dizendo, ele expressa por palavra impulsiva uma série de indicações sobre a vida interior dessa pessoa.

Deixando esta senhora, F. vai para o outro lado da sala, passa o olhar em um determinado grupo; e, de repente, sobre a cabeça de uma das pessoas do público e no prolongamento dela, vê um B maiúsculo delineado na parede.

A letra B para você, cavalheiro — exclama.

E acrescenta por puro raciocínio:

Como inicial de um sobrenome? Muito próximo de você?

Como o interpelado negasse, F. olha para ele, e lembrando-se de um certo agente de vinhos que conheceu, diz:

Vamos ver. Falam-me sobre um agente de vinhos no sul. Você o conhece?

Essa pergunta gerou o seguinte diálogo:

O cavalheiro... — *Sim.*

F. — B existe, então?

O cavalheiro... — *Sim.*

Então F. vê o B maiúsculo na parede novamente e depois acrescentar-se uma letra minúscula, um o. Então espera, e como nada mais aparecesse, diz:

Bo... Bo... não sei mais...

O cavalheiro: — *Seu nome é Bonnefoy...*

Sessão de 10 de março de 1926.

No início dessa sessão, ao passar por uma senhora, F. evoca a lembrança de um romance de Balzac que havia relido seis anos antes. Lembra-se da imagem que ele criou da heroína, Madame de Mortsauf. Num segundo vê o espetáculo de um parque, o passeio melancólico da castelã e adquire a noção do drama secreto entre as árvores; e pensa que, visto lembrar *O Lírio no Vale*, este livro interessa particularmente à dita senhora. O qual sugere-lhe as seguintes palavras:

Devo perguntar-lhe, senhora, se você não tem uma edição de O lírio no vale, de Balzac, guardada em sua casa com particular cuidado...

Esta indicação, como se viu, era falsa em si mesma, mas é uma etapa que leva a pensar que esta senhora tem à sua volta alguém cuja existência se assemelha muito à da Sra. Mortsauf. Feito esse raciocínio, ele começa a dizer por palavra impulsiva a continuação das indicações que podem ser lidas na ata da sessão.

Sessão de 24 de março de 1926.

Esta sessão foi dedicada quase inteiramente a testar o trabalho metagnômico à distância. Eis como as informações do conhecimento paranormal se apresentaram no consciente de P. F.

Sentado em um canto do salão do segundo andar, com a estenógrafa não muito longe dele, P. F. detém o curso normal de seu pensamento. Alguns segundos depois, tem a visão de uma figura masculina alta e magra, com cabelos pretos jogados para trás, bem como sua situação na sala. Deixa para depois dizer o que vê. As características deste sujeito estão sendo agora especificadas. Ele já percebe a expressão, que é de tristeza, como se um choque afetivo o tivesse prejudicado. Uma forma feminina aproxima-se dele, parecendo, pelos seus gestos e pela sua atitude, querer confortá-lo e esbanjar abnegação. O qual ele traduz assim:

Um senhor que na ordem sentimental recebeu uma ferida cruel e a quem se dirige um anjo de bondade, que tudo fez e fará para animar a sua vida com tanta doçura como cruéis foram as horas de tormento...

Carlos! Maria!...

Isso, dito por palavra impulsiva. Por lógica, acrescenta:

Ao seu lado ou no passado.

Neste momento ele expressa a indicação de sua primeira visão:

Está colocado entre os assistentes, e não na primeira sala, mas na segunda, ao pé da biblioteca ao lado da lareira e junto a ela.

A cabeça do senhor a quem ele se refere agora aparece mais claramente. A seus olhos estima que é a de um homem de cerca de cinquenta anos de idade. Impulsivamente especifica:

"... cinquenta e três anos."

E com base na visão anterior:

... encanecido um tanto e com o cabelo penteado para trás.

Mudança de espetáculo. Ainda a mesma silhueta, mas o cavalheiro agora é jovem. Distingue-o num ambiente de trabalho manual, como uma indústria madeireira, brigando com o pai, que quer fazê-lo trabalhar lá. Outro quadro: o jovem atravessa a pé uma das portas de Paris. O qual expressa nestas palavras:

"Ele foi repreendido pelos seus por causa da escolha de uma vocação. Ele veio para Paris..."

E quando torna a ver a cabeça grisalha que viu pouco antes, encontra em sua expressão fineza, intelectualidade; sem nenhuma outra razão aparente, ele é forçado a dizer:

"... Dedicar-se às letras, à literatura"

Outra visão surge. A mesma silhueta de homem manifesta certa cólera pelas atas da Sociedade de "Gens de Lettres", ata que P. F. recebe e reconhece no espaço correspondente às rubricas do orçamento, o que o faz dizer:

"... Comentou com certa amargura as últimas atas da Sociedade de «Gens de Lettres»,...,etc."

As outras indicações fornecidas por P. F. a Carlos X. baseiam-se em dados visuais semelhantes. A mímica do rosto e da silhueta foi o procedimento sugestivo mais utilizado.

Ressalto que quando P. F. fez uma particular descrição exata e detalhada da pessoa, no caso exposto, sua visão não lhe permitiu reconhecê-la. Na presença do Sr. Carlos X., e durante a leitura do texto da ata, foi quando P. F. percebeu que, se bem a filiação era exata, não era esta a cabeça que ele viu. Aqui, via de regra, P. F. não fora espectador da realidade, mas de uma sucessão de representações mentais destinadas a dar-lhe a noção de uma realidade.

Sessão de 21 de abril de 1926.

Para dar uma ideia um pouco mais completa da passagem do pensamento metagnômico do nível profundo da psique para o nível funcional de consciência, quero dar a conhecer as representações mentais em virtude das quais P. F. chegou, com grande facilidade, a fornecer indicações precisas sobre uma pessoa que iria sentar mais tarde em uma cadeira escolhida aleatoriamente.

Sentado, como se viu, em uma cadeira para a qual o destino deveria conduzir a Sra. M., P. F., no momento em que detém o curso normal de seu pensamento, vê diante de seus olhos (como se vê em sonhos) um mulher jovem, em pé, olhando com perplexidade objetos quebrados em pedaços pelo chão. Vendo isso, ele diz impulsivamente e sem outro motivo:

O fato de tudo ter caído pela terceira ou quarta vez, não é um motivo para deixar no chão. Recolha o que você acredita estar em pedaços e siga em frente. O sucesso vem no fim.

Outra visão aparece. A jovem molda um bloco de argila entre as mãos. Cansa com o esforço. Assim que P. F. vê isso, diz por palavra impulsiva:

Pensou que era muito simples forjar esta alma e remodelá-la; é difícil, mas você vai conseguir. Uma doença virá em seu auxílio e nesse momento você passará a dominar o que ainda lhe escapa em parte.

Outra visão. É uma estação ferroviária em uma paisagem verde. Sem mais representação mental, F. diz:

Seu projeto de partir para longe neste verão foi desaprovado e tornará a ser mais uma vez.

E agora é a visão de Nancy que se lhe apresenta e que ele reconhece, e depois a linha azul dos Vosges. Sincronicamente, a palavra impulsiva continua:

Não pense mais no Oriente. Por um tempo não deve pensar nisso...

P. F. de repente tem uma sensação semelhante à que produziria um dedo apoiado na região hepática. E diz:

"Cuide do seu fígado..."

E imediatamente apresenta-se a visão de uma mulher usando uma cintura colorida e com uma erosão na pele.

Não use essa cintura, causa lesão com o atrito...

Outro espetáculo. Uma mulher é atirada sobre um sofá por uma mão violenta. Está quase no chão, mas não se mexe, como se esperasse o que ainda está para acontecer. Mudança de decoração: ela está deitada, assustada; mas agora, apoiando as mãos no tapete desgastado que cobre o chão, levanta-se lentamente. Essa visão é eclipsada pelo aparecimento de um grande cartaz cinza com um M maiúsculo. A jovem aparece de pé, com o olhar já tranquilo e em postura calma. Diante disso, P. F. traduziu da seguinte forma:

"Que queda!; quase jogaram você no chão. Moralmente, pisotearam você, arrastaram você pela lama. Você venceu por seu próprio esforço. Está bem... O M maiúsculo... Se você conseguir recuperar o seu sangue-frio, acabará sua vida sem mais emoções..."

Uma moléstia dolorosa de repente invade seus ouvidos, nariz e garganta. Impulsivamente diz:

"Cuidado, para não voltarem as dores de ouvido, garganta e nariz; é daí que vem sua nevralgia...»

Um grande edifício lhe aparece então. Ele o reconhece. É a prisão de Blois, por onde passou muitas vezes na sua infância, quando frequentava a escola daquela cidade. Vê a entrada desta prisão. O espetáculo muda de repente. Eis um

prisioneiro em sua cela, um homem em pé; depois outro quadro. Na mesma cela, o homem agora está sentado, com a testa apoiada na mão, como se quisesse encerrar nela seus pensamentos. Com a rapidez dos sonhos, suas visões se sucedem. P. F. por palavra impulsiva, diz:

“Tanto pior para ele, que está na cadeia. Refiro-me a uma prisão moral na qual ele se trancou. Ele sairá por si mesmo quando tomar consciência do dano que causa aos outros. Aí todos vocês recuperarão sua liberdade...”

E então surge a visão de um brasão pintado em cinza. Um traço de cancelamento o atravessa, o que faz P. F. dizer:

Não se lamente porque tiraram de você esse título. Tudo isso é apenas vaidade humana...

Cheiro de baunilha. Então P. F. vê-se diante de um horizonte líquido, calmo, cintilante. Ele está em um navio e seu olhar está voltado para a América do Sul, em direção ao Brasil, como se ele estivesse situado em um imenso mapa geográfico. De repente, é um apartamento em Paris. Um homem entra nele familiarmente; é moreno, de pele oleosa e caráter alegre. P. F. traduz tudo isso desta forma:

“Além da água, longe sobre os mares, além dos mares, cheiro de baunilha..., surpresa ao ver alguém voltar do Brasil ou da Argentina..., da América do Sul. Você está em relação com ele.”

Precisávamos dar a conhecer, por meio dos exemplos anteriores, o processo de representação mental da faculdade metagnômica em atividade do Sr. Forthuny, pois seus procedimentos contêm ensinamentos que irei apontar no último parágrafo deste capítulo.

A psique do Sr. Forthuny, como o leitor deve ter notado, serve-se da imensa maioria de modalidades sensoriais representativas do pensamento interno. Para tornar conscientes as informações paranormais obtidas, quase todas as categorias da psicodinâmica imaginativa entram em jogo, sucedendo-se, sobrepondo-se ou misturando-se.

O que caracteriza a atividade imaginativa no trabalho da transposição do pensamento metagnômico para estados de consciência é o realce, por assim dizer, do conjunto de suas imagens mentais. O pensamento interior tende à "objetivação", ou seja, tenta tomar "poder de sensação". Na verdade, nele não o consegue por inteiro. Não está, se falarmos com propriedade, alucinado, e tem perfeita consciência de que aquilo que vê, ouve e sente não é um reflexo do externo, mas uma amplificação do interno. A atmosfera imaginativa de suas

percepções não é comparável nem mesmo à do homem que sonha enquanto dorme. O sonhador apenas assiste a um espetáculo, aquele diante do qual sua imaginação o coloca. Forthuny, pelo contrário, percebe duas realidades: a do ambiente real, a sala, o público etc., à qual fecha os seus sentidos tanto quanto possível, e neste ambiente a projeção mais ou menos intensa da evolução imaginativa do seu pensamento interior, do qual acho necessário dar a conhecer melhor seus caracteres.

A objetividade das *imagens visuais* nunca tem uma força verdadeiramente alucinatória. P. F. permanece sempre plenamente consciente de que não está lidando com espetáculos reais, mas com representações mentais mais fortes do que na normalidade e que poderíamos chamar de intermédias entre o pensamento interno normal e a alucinação. Por trás da máscara figurativa que coloca sobre o rosto de um sujeito, ele vê sua verdadeira face. Por trás da visão de um lugar, de uma cena, ele distingue o painel, o espelho, a janela da sala que lhe serve como fundo. O que ele vê nunca tem a exatidão ou a nitidez de forma, de cor ou de relevo do que é real. Tudo isso aparece-lhe como se estivesse em uma atmosfera cinza leitosa, ou para usar suas próprias palavras, em uma neblina fantasmal. Percebe-o com os olhos abertos. Quando está muito desfocado e nota que o fundo real o coíbe, fecha os olhos, e com isso muitas vezes aumenta a nitidez das imagens. Estas cenas fantasmagóricas situam-se à sua frente, no espaço, no campo livre que fica sobre a cabeça da pessoa a quem se referem ou sobre o próprio rosto dessa pessoa, ou em qualquer outro lugar para onde P. F. dirigir o olhar. Às vezes, a visão desloca-se junto com o olhar; outras vezes, se ele vira a cabeça, desaparece e para tornar a vê-la ele precisa olhar para o local onde a viu inicialmente projetada.

A duração das visões é altamente variável. Algumas persistem por alguns segundos, permitindo uma descrição de seus elementos discerníveis. Outras desaparecem no mesmo instante de serem percebidas. Parece como se cada uma não devesse permanecer senão o tempo preciso para fornecer a noção útil.

Há aquelas que evoluem à maneira de uma projeção de fita cinematográfica; outras são como quadros de conteúdo estático; em certos momentos nada falta ao espetáculo; possui as formas, o movimento e a cor da vida; em outros é construído com a combinação única de preto e branco.

Em conjunto, as visões de F. podem ser divididas, quanto à sua relação com a realidade que representam, em duas categorias: na primeira, aquelas que são

claramente *figurativas*; na segunda, as que, como que esvaídas, são *a percepção com a visão do real*.

A primeira categoria é muito mais abundante do que a outra. Quase todas as visões de Forthuny são *alegóricas* ou *simbólicas*.

Tudo aquilo que pode ter uma certa virtude sugestiva é aproveitado por ele: lembranças pessoais, construções imaginativas, cartas, palavras escritas ou que possam ser inscritas em caracteres grossos, etc.

Quanto às visões que pudessem assemelhar-se à percepção visual da realidade, nada é mais fácil, quando se pede a ele uma descrição e se compara esta com a realidade, do que verificar que, se bem são *verdadeiras* quanto às indicações que sugerem, são *falsas* na medida em que se referem à reprodução do real.

P. F. não vê a realidade, ele tem consciência dela através de imagens visuais, falsas em si mesmas, mas verdadeiras apenas pelo que elas o obrigam a dizer. Este testemunho não deve surpreender se considerarmos que a modalidade visual de aquisição consciente da informação metagnômica não é estritamente indispensável. P. F. obtém resultados semelhantes usando outras formas sensoriais da imaginação e melhor ainda por meio da palavra impulsiva. De resto, o visual na sessão do seu trabalho imaginativo é questão de apenas um instante, e somente de por si não fornece um grande número de elementos indicativos. O tema metagnômico repousa antes sobre visões, audições e emoções.

A representação mental *auditiva* também tem um papel importante. P. F. ouve ruídos, sons, frases, palavras, não como se o externo fizesse vibrar sua membrana auditiva, mas como se essas sonoridades ressoassem em algum ponto de seu cérebro. A voz que ele ouve, quando é voz percebida e da qual repete as palavras, não tem um timbre determinado. É mais como ouvir a sua própria voz que viesse de longe, ou como se ouvisse com os ouvidos tapados. Essa voz ressoa tenuemente em sua cabeça, mas com acento mais ou menos autoritário. Lenta ou fraca, não lhe dá nenhuma segurança sobre a verdade que lhe sugere. Mas pelo contrário, se é imperativa, ele repete as palavras que ouve, com a certeza de que diz a verdade. O reconhecimento das palavras assim percebidas nem sempre é perfeito. P. F. chega a distorcê-las como quem repete mal o que ouviu. Às vezes, a clareza da palavra ouvida é perfeita.

Sua localização é altamente variável. Às vezes a situa na cabeça e globalmente. Outras a sensação é unilateral. Isso explica o motivo que obriga P. F. a voltar a

vista para a direção correspondente; outra modalidade representativa (também auditiva, ou então também visual), muitas vezes designa-lhe a pessoa a quem se refere a informação metagnômica. É o que acontece quando, em plena sessão, P. F., interrompendo bruscamente seu trabalho com alguém, volta-se para outra pessoa exclamando: “Para o senhor, me dizem... etc.”

Há casos em que a modalidade auditiva da representação mental é utilizada abundantemente. No primeiro teste da sessão de 19 de maio de 1926, foi o único procedimento imaginativo posto em prática. P. F., sentado na sala vazia e na cadeira designada, ouviu, assim que deteve o curso de seus pensamentos, que uma voz repousada, tranquila e doce, de timbre indeterminado, falava nele sem lhe dar a sensação de ser ouvida por seus ouvidos e sem localização possível. E assim, sem esforço, sem se deter, sua missão reduziu-se a ditar à sua estenógrafa o que esta voz lhe dizia claramente, fornecendo assim uma série de indícios de notável capacidade sintética.

Relativamente à modalidade *táctil* utilizada para a representação mental, limito-me a dizer que P. F. sente em si como se vivesse as emoções e sentimentos que tenta traduzir; e que são sensações altamente matizadas de espasmo, desconforto ou dor aquelas que lhe permitem conhecer, em certa medida, a natureza e a localização das doenças.

Devo lembrar que o paladar e o olfato também contribuem ao objeto informador. Existe, enfim, uma forma de representação mental que muitas vezes a psique de P. F. utiliza. Refiro-me à *palavra impulsiva*. As imagens mentais motoras da articulação são nele as mais frequentemente objetivadas.

Seu aparelho fonético verbal funciona sem que ele tenha a menor impressão de sua intervenção voluntária. Ele fala sem saber o que está dizendo e disso tem consciência ao mesmo tempo que aqueles que o ouvem. Dessa maneira, sem pensamento interior perceptível, é como ele expressa as melhores noções metagnômicas, as mais belamente apresentadas, as mais repletas de significado. Nesses casos, o pensamento metagnômico usa a via mais direta, mais segura, aquela que pode evitar qualquer erro de interpretação. Não deve ser chamado de "palavra automática" esse fenômeno prodigioso de dinamismo verbal da articulação. Não existe automatismo, mas uso dos centros do idioma falado por uma inteligência diferente daquela que entendemos por consciente e perfeitamente ciente de sua finalidade e de seus meios.

Voltemos novamente aos primórdios de P. F. no metanormal psicológico, e recordemos o que foi a evolução de sua fase de "escrita impulsiva". Por algumas semanas, foi só pela leitura posterior que P. F. pôde saber o que é que ele escrevia. Mas, a partir de certo momento, o gesto gráfico se acelerou, sendo logo acompanhado pela linguagem interna falada. A escrita impulsiva acabou sendo o acessório: um gesto cada vez mais brusco, impreciso, incoerente, que traçava no mesmo ponto letras emaranhadas, sobrepostas, ilegíveis. A palavra impulsiva interior a substituiu, até que um dia P. F., na impossibilidade de escrever impulsivamente, considerou esgotada sua mediunidade e parou de solicitá-la. Quando, mais tarde, uma ocasião favorável chegou a provocar nele manifestações verdadeiras, a palavra impulsiva apareceu mais imperiosa, pois exteriorizava-se diretamente nas palavras faladas, sem descanso interior consciente, e aumentou com as outras modalidades da representação mental.

Pelos exemplos citados, o leitor sabe quão preponderante é o papel da palavra impulsiva em Forthuny. Ela é encontrada por trás da maioria das representações sensoriais, acentuando e desenvolvendo seu significado (1).

(1) Não carece de interesse para a psicologia metagnômica comparar a evolução da representação mental de Forthuny com a de Ludwig Kahn, um metagnomo (sensitivo) do pensamento escrito. Este, aos dezoito anos, tomava conhecimento dos papéis escritos exclusivamente com caracteres impulsivos. Através do exercício, pouco a pouco conseguiu acrescentar a visão interior de frases, desenhos, etc.

A certa altura, a visão conseguiu uma nitidez tão grande, que a escrita se tornou supérflua e Kahn a abandonou. Do seu procedimento primitivo ele conservou o costume de colocar sua qualidade em ação agitando a mão sobre um pedaço de papel. Apenas traça nele alguns rabiscos ilegíveis; mas a excitação da função gráfica libera a representação mental visual, em outro tempo consecutiva.

VII. — Ensino de conjunto.

Tais são, em detalhe, os ensinamentos particulares derivados do trabalho metagnômico de P. F. em público.

É importante agora agrupar seus significados analíticos em alguns ensinamentos de síntese (1)

(1) Esses ensinamentos podem parecer, para muitos leitores, incompletamente justificados pelos fatos relatados neste livro. Se sua curiosidade sobre a propriedade dos conhecimentos supranormais os leva a ampliar seu conhecimento e apoiá-lo em sólida base de julgamento, aconselho a leitura do livro O conhecimento supranormal, que os colocará em condições de apreciar a legitimidade das conclusões que irão ler.

O caso de P. Forthuny nada mais é do que uma nova oportunidade de constatar que as aquisições atualmente clássicas da psicologia são tão restritas em qualidade e principalmente em extensão, que o cientista, munido apenas dessa bagagem científica, fica na impossibilidade de obter a menor explicação do fenômeno, seu conhecimento supranormal e, portanto, disposto, caso não tenha verificado sua existência, a considerar improvável tal explicação.

Quando os metapsíquicos tiverem incluído esse fenômeno na ciência psicológica - e não pode demorar muito -, isso resultará não apenas em uma ampliação prodigiosa do campo de pesquisa sobre o pensamento humano e o pensamento em geral, como também na necessidade de transformar certas noções e mudar certas palavras. Ao plano psíquico em funcionamento dentro da atenção e da comprovação, no jogo mecânico do cérebro, produzindo ideias e sentimentos em seu quase automatismo, precisaremos acrescentar outro plano funcional tributário de propriedades de percepções desconhecidas - e até inconcebíveis -, extraíndo suas informações num modo do real onde *o conhecimento sobrevive às realidades materiais extintas e antecede as futuras*.

Consequentemente, as palavras "consciente" e "subconsciente" assumirão a aparência de rótulos que podem ser suprimidos, porque os conceitos que hoje designam estarão fundidos em um novo aspecto das coisas.

A proposição de Condillac, "não há nada em nosso espírito que não tenha chegado a ele pelos nossos sentidos", traduz a psicologia clássica.

Esta proposição, de fato, nada perdeu de sua verdade, desde que o estudo se limite ao exercício normal do pensamento sobre os dados dos sentidos e suas perturbações.

Porém, diante do fato metagnômico, vai à quebra. Porque enquanto o psicólogo clássico - quando abandona o local funcional do pensamento dito consciente para entrar na mecânica das dobras mentais inferiores - vai do melhor ao mínimo, o metapsiquista, arrastado para o outro lado desses dois planos da ideogênese cérebro-sensorial, encontra-se logo diante de uma inteligência que toma seu conhecimento fora dos obstáculos ordinários de espaço e tempo, numa modalidade do real que não é mais aquela que impressiona nossos sentidos.

Nada mais divertido de observar do que as fases de adaptação intelectual dos sábios, imbuídos da doutrina psicológica clássica atual, ao fato metagnômico.

A primeira fase é verificar "que existe"; muito poucos deles decidem empreendê-la. Se alguns aceitam a possibilidade do fenômeno, a maioria, em

nome de sua sabedoria ou por critérios fechados, nega-o em absoluto. Praticamente, os sábios não se dão ao trabalho de verificar em que consiste a manifestação culminante do pensamento, da vida.

Aos poucos curiosos que enfrentaram essa prova abre-se a fase da "explicação". Eles a abordam com a leve bagagem da psicologia clássica e uma ignorância geralmente muito completa do cabedal metapsíquico. É então, e por tempo variável conforme o refinamento do espírito e a maior ou menor facilidade de assimilação de novos conhecimentos, um ensaio, tranquilo a princípio e cada vez mais inquieto depois, que se executa para dar ao fato metagnômico uma explicação dentro das noções clássicas. Como é admitido que, exceto no consciente, existe apenas um jogo específico de mecanismos cerebrais e de hábitos psicofisiológicos, a representação mental do pensamento metagnômico parece-lhes ser *resultado de um automatismo psicológico*: um outro sentido, diferente dos conhecidos, perceberia a realidade por sua impressionabilidade em relação a radiações insensíveis para os outros cinco; e sobre essas sensações inconscientes, o cérebro, segundo seus hábitos ideogénéticos, elaboraria um conhecimento que, finalmente, iria se impor à atenção consciente sob a aparência de imagens sensoriais comuns do pensamento interno.

Este esforço de acoplamento do cabedal psicológico clássico (nascido da observação do funcionamento normal do pensamento), com o seu funcionamento supranormal, acaba um dia por cessar se o sábio continuar a educar-se pela leitura e, sobretudo, pela experiência. Inevitavelmente, chega o momento em que ele não pode mais aceitar a semelhança entre a inteligência normal construtora de julgamentos sobre os dados dos sentidos "impressionados" pelas "vibrações do momento" e a inteligência supranormal capaz de conhecer os fatos antigos "que cessaram de vibrar", e, sobretudo, dos acontecimentos futuros que "ainda não vibraram". Percebendo que é infundado e quase absurdo criar a hipótese de que o passado e o futuro podem agitar por vibrações o sistema nervoso humano, enquanto o detetor de T. S. H. é insensível às ondas emitidas uma hora antes, ou às que serão emitidas depois, conclui com esta noção, nova para ele, de que a psique humana, para além de seu exercício cerebral-sensorial, possui outra inteligência, difundida "em conhecimento" no espaço e no tempo por meios desconhecidos, que não parecem se referir ao determinismo físico-psicológico desses que a inteligência utiliza e que a psicologia atual chama de *conscientes*.

* * *

Observando, em efeito, a obra intelectual de P. Forthuny — como a de qualquer outro metagnomo (sensitivo) —, facilmente se percebe que sua psique funciona, por assim dizer, em três planos. Estamos diante do espetáculo permanente de uma *inteligência transcendente* que utiliza os recursos da *cerebração subconsciente* (sentido clássico), para fazer compreender seu conhecimento ao que chamamos de *inteligência consciente*.

Para conseguir isso, a inteligência transcendente precisa colocar em jogo as modalidades sensíveis da linguagem externa. Faz isso, como já vimos, utilizando todas as categorias sensoriais, pondo em ação tudo aquilo que for suscetível de sugerir o que quer dar a conhecer. Lembranças, criações, alegorias, simbolismos, etc.; tudo lhe convém desde que tenha um significado inteligível. E, se se pretende dar a conhecer as noções demasiado sutis e matizadas ou de conteúdo sintético demais para poder ser traduzido em visões, recorre ao simbolismo eminentemente expressivo da palavra ouvida ou, mais frequentemente ainda, da palavra impulsiva.

Seus esforços para alcançar tais objetivos são admiráveis. Encaminha-se a eles executando algo assim como um programa conduzindo a imagem mental do aproximado ao preciso.

Visões, audições, palavras impulsivas, sentimentos, etc., misturam-se, sucedem-se, cada um marcando uma etapa no caminho para o estado de consciência. Ela é acompanhada em seus esforços sugestivos por um sentimento de aborrecimento se não consegue se fazer entender; quando consegue, é substituído por uma impressão de tranquila satisfação.

Quando nos detemos na observação da qualidade do conhecimento que a inteligência transcendente coloca no nível de exercício sensorial chamado consciente, percebemos que está em presença de procedimentos cognitivos completamente diferentes dos da inteligência ordinária. Esta, com a ajuda dos dados fornecidos pelos sentidos, constrói julgamentos, raciocínios, ideias, indo do detalhe à análise como um todo, à síntese. A outra apresenta o sintético ao consciente, como se, conhecendo todas as circunstâncias preparatórias e determinantes de um acontecimento, fornecesse o resumo. Em poucos segundos de proximidade ou contato entre um metagnomo (sensitivo) e outra pessoa, é elaborada, transformada em imagens mentais e expressa uma soma de

conhecimentos, que muitas vezes são um resumo genial de todo um aspecto de uma vida particular vivida em longo tempo e entre muitos acontecimentos. Dos vários exemplos que Forthuny forneceu, a alegoria da Sra. Mortsauf é significativa em seu gênero.

Se revisarmos as atas das sessões a partir deste ponto de vista, admiraremos a habilidade e o tato, por vezes requintado, com que a inteligência transcendente formula suas informações.

Tem a aspiração de revelar, sobretudo, a intimidade da vida para melhor convencer e, como trabalha em público, costuma evitar o enunciado direto das coisas e faz uma apresentação tão finamente alusiva que apresenta aspecto de detalhe para assistência quando tem uma clareza e uma potência reveladora que deixa o interessado atônito. Em tais casos ele geralmente recorre à palavra impulsiva ou à palavra ouvida, como se, utilizando ela própria os simbolismos precisos das palavras, se desse assim a maior exatidão de expressão e evitasse os mal-entendidos, erros e faltas de tato da inteligência superficial.

O psicólogo que observa cuidadosamente nos diversos metagnomos (sensitivos) o trabalho do plano transcendente de pensamento, não pode mais se acomodar com as palavras e conceitos de *consciente* e *subconsciente*. Além da chamada inteligência consciente, e além do trabalho automático e associativo do subconsciente clássico, encontra na psique humana – e a põe em condições de se manifestar enquanto assim o desejar – outra inteligência infinitamente melhor dotada da propriedade de saber, conhecendo claramente seus meios e seus fins, e como que imersa em um mundo em que o conhecimento das realidades materiais é imanente e imediato.

* * *

A função da inteligência que poderíamos chamar de superficial, ou melhor, de exercício sensorial, elaborando o conhecimento sobre os dados fornecidos pelos sentidos conhecidos (o consciente clássico), está claramente estabelecida no trabalho metagnômico pela observação, e é fácil de se estabelecer devidamente. É evidente que sua intervenção não é necessária, pois em grande parte (na maioria das vezes procede-se por palavra impulsiva) fica suprimida. Quando intervém é para repetir a palavra ouvida ou para interpretar a sucessão de representações mentais. Nisso tropeça sem cessar com muitas dificuldades,

muitas vezes distorcendo as palavras, conseguindo laboriosamente a tradução para noções exatas dos jogos representativos da imaginação.

No entanto, não se deve supor que as duas inteligências, a superficial e a latente (atrevo-me a dizer a sensorial e a transcendente) são estranhas uma à outra e utilizam por turno os mecanismos cerebrais do metagnomo (sensitivo). A psique humana, qualquer que seja sua constituição fundamental, ainda desconhecida, é um conduto solidário. As duas consciências trabalham em perfeito acordo usando os melhores meios. Pode-se dizer que a consciência transcendente adapta-se à sensorial, e não lhe apresenta para interpretar nada além do que é capaz de compreender. Daí existirem tantas representações mentais do pensamento metagnômico quanto metagnomos (sensitivo). Cada um tem seus jogos imaginativos. Nenhum deles entenderia o significado exato das alegorias e símbolos dos outros. Mais ainda: as imagens da representação mental somente têm valor para a inteligência superficial do metagnomo (sensitivo) quando em estado nascente. Na maioria das vezes, seriam mal compreendidas se a interpretação fosse diferida. Muitas vezes, o metagnomo (sensitivo) fica surpreendido, mais tarde, por ter dado tal significado a tal imagem; e se lhe fosse permitido, sua razão iria transformar a versão primitiva, criando assim ideias falsas. É que por trás da sucessão das formas sensíveis da representação mental está a inteligência transcendente, que anima, por assim dizer, aquela que chamamos de consciente, e seu movimento tende intuitivamente para a verdade, coisa que, como já disse acima, se revela em forma de desconforto enquanto não alcança o objetivo perseguido e em satisfação quando isso acontece.

Se considerarmos agora a função da inteligência consciente, não mais no metagnomo (sensitivo), mas na pessoa que é objeto da metagnomia, o que observamos? Que é quase nula, que não existe.

Querer ou não querer que o fenômeno se realize, desejá-lo ou temê-lo, almejar que seja realizado sobre certo motivo esperado..., etc., geralmente não tem ação alguma.

Nada aparece no consciente da pessoa que possa lhe dar uma ideia de que sua psique está em jogo. Em sessões públicas, acreditou-se observar, no entanto, que Forthuny surpreendeu em certos casos uma lembrança evocada na memória da pessoa que está sendo submetida ao teste. Mas, quando fui analisar, vi que a lembrança tinha sido quase sempre consecutiva a uma vaga evocação de Forthuny.

Lembremos também que enquanto P. F. trabalhava com ela, a Sra. M., muito distante (sessão de 21-04-1926), sentia seu consciente invadido por um forte e preciso sentimento de desconforto. Para o ser objetivo, tudo acontece, em geral, sendo ignorado pela sua inteligência consciente, que permanece passiva.

Por isso, sob a sugestão dos preconceitos clássicos, limitantes da capacidade cognitiva do psiquismo, tende-se a imaginar que na metagnomia de objetivo humano a fonte inspiradora é extra-humana.

* * *

Mas se, ao invés de imaginarmos impelidos por preconceitos, observarmos imparcialmente o que acontece quando Forthuny faz atuar sua faculdade em público, é impossível deixar de observar que ele extrai suas indicações da pessoa próxima ou distante, sobre a qual dá indicações desconhecidas para todas as outras.

Sem se deterem, as vicissitudes da produção metagnômica nessas condições multi - influenciadas sugerem:

1.º Que Forthuny não percebe sensorialmente a realidade que revela, mas que obtém uma certa noção dela.

2.º Que esta noção é produto de uma colaboração interpsíquica condicionada por certa psicofísica, ainda desconhecida em sua natureza e em suas leis.

E isso então, tão claramente expresso de forma espontânea, está de acordo com o que tenho aprendido na série de experiências provocadas para evidenciar a fonte informadora dos metagnomos (sensitivos), quando sua faculdade trabalha sobre a realidade *homem vivo*.

Não me peçam mais ou qualquer outra coisa além do que eu digo. Desejo sinceramente que os teóricos que gravitam em torno da ciência metapsíquica venham a entender que se o determinismo psicológico geral da metagnomia dirigido à realidade de "homem vivo" é assim, isso não significa que um sujeito metagnômico extraia todo o seu conhecimento do psiquismo dos outros e que "tudo é telepatia".

É evidente que quando se trata de "realidades coisas" no espaço como no tempo, e sem relação com a vida humana, o metagnomo (sensitivo) pode encontrar seu conhecimento na psique de seus semelhantes, bem como na sua própria. O mesmo raciocínio é aplicável à realidade "homem morto" quando pertence ao desconhecido para todo homem vivo. Qual é então a fonte

informadora dos metagnomos (sensitivos)? É preciso ir buscá-la na experiência, e posso dizer praticamente que não irá ser com o estudo rápido e simples que alguns imaginam.

Mas seja qual for a explicação que o futuro irá dar a estes mistérios, quer se atribuam à metagnomia múltiplas fontes informativas, quer se afirme que só possui uma, não será menos verdade que, quando se trata da realidade homem vivo, o metagnomo (sensitivo) recebe da psique dessa realidade tudo o que lhe diz respeito. E isso é tão verdadeiro, que este sujeito, na presença de um *esterilizante*, mostra-se tão impossibilitado de falar-lhe sobre seus mortos, seu ambiente, seres e coisas, quanto sobre sua própria personalidade.

* * *

Eu deveria ficar nos ensinamentos imediatos dos fatos, que é terreno sólido que não gosto de abandonar. No entanto, hoje irei permitir-me uma hipótese sugerida pela diversidade de aspectos do fenômeno de conhecimentos supranormais e o comportamento psicológico dos metagnomos (sensitivos). Será que poderia surgir daí um vago esclarecimento, capaz de dar ao leitor a ilusão de perceber alguma coisa no opaco mistério do mundo psíquico?

Suponhamos - como muitos filósofos pensaram e escreveram - que o universo é uma inteligência que realiza seu pensamento e sua vontade no infinito do espaço e do tempo em todas as modalidades possíveis e aceitáveis para ela e que, conseqüentemente, o ser humano seja uma individualização dessa psique infinita em um plano de matéria. Se assim fosse, cada homem teria sua função determinada, ininteligível em si mesma, às vezes aparentemente absurda, e cada homem possuiria, na verdade, duas psiques: uma *transcendente*, dependendo da inteligência universal, conhecendo o programa de vida da individualidade à qual está atrelado; e outro *cerebral*, que toma, na sucessão e relatividade das sensações, um conhecimento progressivo do ambiente físico para o qual foi criado. Consideremos, além disso, que o *sujeito metagnomo (sensitivo)* parece distinguir-se do comum dos homens por uma dupla propriedade psicofisiológica. 1.º Poder cessar momentaneamente o trabalho específico de seu cérebro sobre seu próprio fluxo. 2.º Nestas condições abandoná-lo à influência ideogênica, seja do seu próprio plano transcendente de pensamento, seja da psique alheia.

Com esta suposição e esta consideração (consideração que é verdadeiramente uma comprovação), a diversidade de manifestações do conhecimento supranormal toma lógicos aspectos.

É admissível que a vida da maioria dos homens se desenvolva sem que seu psiquismo cérebro-sensorial perceba a coexistência do psiquismo transcendente.

Assim, é compreensível o fato de essa separação entre as duas psiques de um mesmo indivíduo poder ser anulada em algumas pessoas e, fortuitamente, um fragmento do conhecimento do transcendente passar para o cerebral, dando lugar a esses estados de consciência, mais ou menos claros ou confusos, chamados telepatias, pressentimentos, visões monitórias ou premonitórias, sonhos, etc.

Se refletirmos sobre o trabalho psicológico do metagnomo (sensitivo), somos levados a imaginar que seu cérebro, no chamado estado de *transe*, cessando de funcionar sobre seu próprio cabedal, possa tornar-se um instrumento hábil para aperceber-se dos conhecimentos provenientes de sua própria psique transcendente ou do psiquismo de outros e, neste último caso, tanto do cerebral quanto do transcendente.

Sendo assim, seria realizada por um plano de pensamento transcendente a toma, pelo metagnomo (sensitivo), de conhecimento supranormal de todas as realidades que não fossem a do *homem vivo*. Mas a experiência obriga-nos a concordar no fato de que, por meio de uma colaboração intermental com o *homem vivo*, ele alcança as indicações que dizem respeito à personalidade e à vida de seres humanos vivos, apresentados para o exercício de sua faculdade.

De modo que a pessoa que pede a um metagnomo (sensitivo) a revelação de suas características individuais e os acontecimentos de sua existência, comporta-se, sem o saber, como se lhe dissesse: “tenho dois psiquismos em mim: um conhece minha vida passada tal como a perceberam meus sentidos; o outro conhece meu passado como ele realmente foi, meu presente como ele é e também meu futuro. Pode colocar seus mecanismos cerebrais à disposição dessas duas psiques. Esforce-se para penetrar até o transcendente e pergunte-lhe a verdade de tal acontecimento em andamento na atualidade e que me interessa, ou de eventos que me aguardam, no futuro.”

A essa cominação não expressa, mas nem por isso menos verdadeira, o metagnomo (sensitivo) se esforça para surpreender o que pode na psique dessa pessoa. O que ele coleta é variável em abundância e qualidade de acordo com o

valor de sua faculdade e as condições psicofísicas intermentais. Este trabalho de detecção tropeça com muitas dificuldades. O metagnomo (sensitivo) nem sempre é informado, no plano transcendente, do pensamento dos outros. Em certas pessoas penetra facilmente e recolhe verdades que seriam impossíveis de conhecer cerebralmente. Em outras, não consegue nada. Na maioria obtém seu conhecimento ora na psique transcendente, ora no cérebro sensorial, descobrindo neste último caso os projetos, desejos, medos, cálculos para o futuro, quase sempre errôneos, que o subconsciente (clássico) já tem na memória ou que constrói no momento com a rapidez do sonho.

Nas suas sessões públicas, P. F. tem-se mostrado, sobretudo, revelador do plano cérebro-sensorial dos outros, talvez porque as condições de trabalho sujeitas a múltiplas influências não permitissem surpreender nada além deste plano de pensamento, que é o mais fácil de detectar. De certo ponto de vista foi vantajoso, pois as indicações metagnômicas podiam ser comprovadas imediatamente.

Em todo caso, os ensaios bem sucedidos de metagnomia sobre *cadeiras vazias* nos introduzem em um plano de pensamento para o qual o espaço e o tempo não têm o valor que o psiquismo cérebro-sensorial lhes confere.

Que sorte correrá a hipótese que acabei de esboçar após a investigação científica? Não sei, mas posso dizer que quanto mais avancei no estudo sempre prático do fenômeno metagnômico, com mais força ele se impôs para mim. Nada do que verifiquei até hoje conseguiu comprometê-lo em nenhum momento. Isso não garante seu valor fundamental, mas recomenda-o como resultado de um trabalho.

